



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO SOCIEDADE E CULTURA NA AMAZÔNIA

**BIBLIOTECAS COMUNITÁRIAS:
ESPAÇOS ALTERNATIVOS DE ACESSO AOS SABERES REGISTRADOS
EM MANAUS**

RITA CINTIA PINTO VIEIRA
Orientadora: Prof.^a Dr.^a Célia Regina Simonetti Barbalho

MANAUS
2013

RITA CINTIA PINTO VIEIRA

**BIBLIOTECAS COMUNITÁRIAS:
ESPAÇOS ALTERNATIVOS DE ACESSO AOS SABERES REGISTRADOS
EM MANAUS**

Dissertação apresentada como exigência parcial ao Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Cultura da Amazônia, da UFAM, Universidade Federal do Amazonas para a obtenção do título de Mestre em Sociedade e Cultura da Amazônia.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Célia Regina
Simonetti Barbalho

MANAUS
2013

FOLHA DE APROVAÇÃO

RITA CINTIA PINTO VIEIRA

BIBLIOTECAS COMUNITÁRIAS: ESPAÇOS ALTERNATIVOS DE ACESSO AOS SABERES REGISTRADOS EM MANAUS.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Cultura da Amazônia, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Sociedade e Cultura da Amazônia.

Aprovada em: 08/ 08/ 2013.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Célia Regina Simonetti Barbalho
UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
Presidente

Prof.^a Dr.^a Rosemara Staub
UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
Membro

Prof. Dr. Wagner Paiva
UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
Membro

*Aos meus pais pela presença, apoio,
dedicação, confiança, perseverança
e amor incondicional.*

AGRADECIMENTOS

Ao Senhor Deus, pela concessão da graça da vida e sua continuidade alçada entre obstáculos e vitórias, sempre em sua condução e iluminação.

Aos meus familiares pela confiança e apoio.

À minha orientadora Prof.^a Dr.^a Célia Regina Simonetti, pelas orientações, enriquecimentos, compreensão e paciência para com o desenvolvimento da pesquisa.

Ao Prof. Dr. Wagner Paiva, pelo estímulo, pelas observações e participação em minha vida acadêmica.

À Prof.^a Dr.^a Rosemara Staub, pela serenidade e sua vivacidade que iluminou meus caminhos nessa trajetória.

Às colegas do Mestrado, Nubia e Rosemary, pelas contribuições e aprendizagens mútuas, bem como pelo apreço e palavras de apoio e fé, minhas sinceras estimas.

Aos amigos, Tatiane Cruz e Josias Sales, pela perseverança, ajuda e amizade.

Às instituições responsáveis pelas bibliotecas comunitárias participantes, o Instituto Tecnológico Alternativo de Petrópolis e o Clube de Mães da Japiinlândia, pela autorização e acolhimento durante a realização da pesquisa, e em especial aos sujeitos da pesquisa, idealizadores dos espaços comunitários observados.

Muito obrigada!

RESUMO

Esta pesquisa intitulada “*Bibliotecas comunitárias: espaços alternativos de acesso aos saberes registrados em Manaus*”, objetiva analisar o contexto de formação dos espaços alternativos de acesso à informação, conjecturados como bibliotecas comunitárias na cidade de Manaus. Fundamenta-se nos estudos teóricos de: López (2003), Faccion Junior (2005), Obrenovich (2006), Soares (2007), Vieira (2007), Machado (2005) e (2008), Madellar (2010), Prado (2010), Santos (2010), entre outros, acerca do estudo sobre bibliotecas comunitárias em todo o Brasil. Uma pesquisa qualitativa, buscando analisar o contexto dinâmico do objeto e seu sujeito que contemplou três momentos: pesquisa bibliográfica; pesquisa exploratória; resultados e análises. Pautada em uma metodologia antropológica, a pesquisa focou-se no sujeito como fonte principal, utilizando-se da observação participativa e dos seguintes instrumentos para a sua realização: caderno de campo, entrevistas semiestruturadas e abertas, o uso de gravadores e captação de imagens fotográficas. Foram analisados 2 espaços bibliotecas comunitárias da cidade de Manaus, sendo entrevistados 2 informantes sujeitos idealizadores e 20 moradores das comunidades onde estão instaladas, totalizando 22 participantes. Apresenta uma abordagem acerca da instituição biblioteca, de modo geral, possibilitando subsídios para a compreensão de uma unidade de informação a partir de um contexto histórico, conceitos e tipologias e relevância da instituição para a sociedade, além de algumas considerações sobre as vertentes que contribuíram com o surgimento da biblioteca comunitária no país e o enfoque da biblioteca pública na cidade de Manaus, histórico e oferta. Discorre acerca das bibliotecas comunitárias, cuja intenção está em conhecer esses ambientes por meio de uma concepção teórica, para apreensão da natureza do estudo, bem como suas iniciativas no Brasil. Analisa as bibliotecas comunitárias existentes na cidade de Manaus, dada a perspectiva dos sujeitos para a sua criação e o envolvimento local para com essas instituições. Dos resultados obtidos, observou-se que as motivações que impulsionaram os sujeitos à idealização das bibliotecas comunitárias foram, em primeiro momento, de cunho pessoal e posteriormente motivados pela oportunidade de alcançar um bem coletivo. A construção dessas unidades contou com planejamentos por meio de projetos organizados e estruturados, bem como com o apoio de entidades públicas e privadas e também com o envolvimento de pessoal qualificado e da comunidade, este último em apenas em um dos ambientes. Em contrapartida, apesar de criadas para a população que a cerca, o que foi confirmado pelos próprios sujeitos que a idealizaram, ficou visível o baixo envolvimento da comunidade local para com o uso desses ambientes, onde poucos conhecem sua existência nas proximidades e a maioria dos entrevistados não a reconhecem como uma biblioteca comunitária.

Palavras-chave: Bibliotecas comunitárias. Bibliotecas públicas. Espaços alternativos. Bibliotecas comunitárias – Manaus/AM.

ABSTRACT

This research entitled "*Community Libraries: alternative spaces of access to recorded knowledge in Manaus*", aims to analyze the context of formation of alternative spaces of access to information, as conjectured community libraries in the city of Manaus. It is based on theoretical studies of: Lopez (2003), Faccion Junior (2005), Obrenovich (2006), Soares (2007), Vieira (2007), Machado (2005) and (2008), Madellar (2010), Prado (2010), Santos (2010), among others, about the study of community libraries throughout Brazil. A qualitative study that seeks to analyze the dynamic context of the object and its subject that included three phases: literature search; exploratory research, results and analysis. Grounded in anthropological methodology, the research focused on the subject as the primary source, using the participant observation and the following instruments for its realization: field notebook, open and semi-structured interviews, the use of tape recorders and capture images. Spaces were analyzed 2 community libraries in the city of Manaus, 2 informants were interviewed subjects creators and 20 residents of the communities where they are installed, totaling 22 participants. Presents an approach on the institution's library, in general, providing subsidies for understanding an information unit from a historical context, concepts and typologies and relevance of the institution to society, as well as some considerations about the aspects that contributed the emergence of community library in the country and the focus of the public library in the city of Manaus, historical and supply. It talks about the community libraries, whose intention is to meet these environments through a theoretical framework for grasping the nature of the study, as well as its initiatives in Brazil. Analyzes community libraries in the city of Manaus, given the prospect of these guys for their creation and engagement with these local institutions. From the results, it was observed that the motivations that drove the guys with the idealization of community libraries were, initially, of a personal nature and further motivated by the opportunity to raise a collective good. The construction of the units had plans through projects organized and structured, and with the support of public and private entities and also with the involvement of qualified personnel and the community, the latter in only one of the environments. In contrast, although created for the population that curtails, which was confirmed by the subjects that the idealized, was visible the low involvement of the local community towards the use of these environments, where few know about its existence nearby and most respondents do not recognize it as a community library.

Keywords: Community libraries. Public libraries. Alternative spaces. Community libraries – Manaus/AM.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Posicionamento local acerca da existência das Bibliotecas Comunitárias.....	97
Gráfico 2 – Noção do termo Biblioteca Comunitária – bairros Petrópolis e Japiim, Manaus/AM.....	98
Gráficos 3 – Propagação da temática biblioteca comunitária – bairro Japiim, Manaus/AM.....	99
Gráfico 4 – Propagação da temática biblioteca comunitária – bairro Petrópolis, Manaus/AM.....	100
Gráfico 5 – Acepção da biblioteca comunitária – bairros Japiim e Petrópolis, Manaus/AM.....	101

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Mapa das Bibliotecas Públicas Municipais: município de Manaus.....	40
Figura 2 – Cidade de Manaus: bibliotecas comunitárias identificadas	59
Figura 3 – Cidade de Manaus - zonas administrativas: bibliotecas comunitárias constatadas.....	60
Fotografia 1 – Biblioteca Comunitária Semeando Saberes: acervo e espaço para leitura e pesquisa	134
Fotografia 2 – Biblioteca Comunitária Semeando Saberes: acervo e espaço para leitura e pesquisa.	134
Fotografia 3 – Biblioteca Comunitária: atendimento.....	135
Fotografia 4 – Biblioteca Comunitária Semeando Saberes: visão geral.....	135
Fotografia 5 – Biblioteca Comunitária Socorro Chaves – acervo e espaço para leitura e pesquisa.....	136
Fotografia 6 – Biblioteca Comunitária Socorro Chaves – espaço infantil.	136
Fotografia 7 – Biblioteca Comunitária Socorro Chaves – espaço para usufruto de computador e internet.	137
Fotografia 8 – Biblioteca Comunitária Socorro Chaves – atendimento	137
Fotografia 9 – Biblioteca Comunitária Socorro Chaves – sistema de classificação.	138

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Ranking dos municípios com bibliotecas abertas por 100 mil habitantes: Manaus.	39
Quadro 2 – Definições de Bibliotecas Comunitárias.	46
Quadro 3 - Diferenças entre bibliotecas públicas e comunitárias.....	50
Quadro 4 – Distribuição de Bibliotecas Comunitárias identificadas em BH, ano 2007... ..	53
Quadro 5 – Situação dos espaços bibliotecas comunitárias identificadas em Manaus/AM	61
Quadro 6 – Formação dos sujeitos idealizadores das BC's	69
Quadro 7 – Ocupação profissional dos idealizadores das BC's	69
Quadro 8 – Hábito de ler dos idealizadores das BC's	70

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Distribuição de Bibliotecas Comunitárias identificadas em todo o Brasil, ano 2008.....	54
---	----

LISTA DE SIGLAS

CMEI	Centro Municipal de Educação Infantil
CSU	Centro Social Urbano
BC	Biblioteca Comunitária
BC's	Bibliotecas Comunitárias
DLLE	Departamento de Línguas e Literatura Estrangeira
ENEM	Exame Nacional do Ensino Médio
FUCAPI	Fundação Centro de Análise e Pesquisa Inovação Tecnológica
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
ICHL	Instituto de Ciências Humanas e Letras
IES	Instituições de Ensino Superior
IFLA	Federação Internacional das Associações e Instituições Bibliotecárias
INPA	Instituto de Pesquisas da Amazônia
ONG	Organização Não Governamental
SAPS	Serviços de Apoio aos Profissionais
SEDUC/AM	Secretaria de Educação do Estado do Amazonas
SEMASH	Prefeitura de Manaus - Secretaria Municipal de Assistência Social e Direitos Humanos
UFAM	Universidade Federal do Amazonas
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura
ZFM	Zona Franca de Manaus

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
CAPÍTULO I – O QUE HÁ POR DETRÁS DOS BALCÕES E DAS ESTANTES COM LIVROS?	20
1.1 O desvendar de uma unidade de informação	21
1.2 Perspectivas à relevância da instituição biblioteca	27
1.3 Um espaço alternativo como novo segmento de biblioteca	32
1.4 Manaus e suas bibliotecas	36
CAPÍTULO II – A LITERATURA FRENTE ÀS BIBLIOTECAS COMUNITÁRIAS ...	42
2.1 Acepções acerca do espaço Biblioteca Comunitária.....	42
2.2 Representação das Bibliotecas Comunitárias.....	45
2.2.1 Conflitos e contraposições	49
2.3 Iniciativas de Bibliotecas Comunitárias no Brasil.....	51
CAPÍTULO III – ANÁLISE DOS ESPAÇOS INTITULADOS BIBLIOTECAS COMUNITÁRIAS NA CIDADE DE MANAUS	57
3.1 Levantamento e identificação	57
3.2 A escolha dos ambientes e os sujeitos da pesquisa	62
3.3 Caracterização das Bibliotecas Comunitárias e dos sujeitos criadores	65
3.3.1 Biblioteca Comunitária Semeando Saberes	65
3.3.2 Biblioteca Comunitária Socorro Chaves	67
3.3.3 Perfil do criador/idealizador dos espaços	68
3.4 Contexto de formação dos espaços sob a perspectiva do sujeito criador: influências, motivações e construção.....	70
3.4.1 Entrevistada A: Biblioteca Comunitária Semeando Saberes.....	71
3.4.2 Entrevistada B: Biblioteca Comunitária Socorro Chaves	78
3.4.3 Análise do conteúdo	85
3.5 A compreensão acerca de Bibliotecas Comunitárias	93
3.5.1 A concepção dos idealizadores dos espaços.....	94

3.5.2 O conhecimento do espaço pela comunidade local: áreas dos bairros do Japiim e Petrópolis, Manaus/AM	96
3.6 Reflexão sobre as Bibliotecas Comunitárias de Manaus	104
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	111
REFERÊNCIAS.....	119
APÊNDICES	124
ANEXOS	140

INTRODUÇÃO

O acesso à informação registrada é um dos vieses para a propagação do conhecimento e construção de novos saberes, propiciando elementos fundamentais para formação sociocultural e educativa da população.

Nesse sentido, a pesquisa apresenta como objetivo geral analisar o contexto de formação dos espaços alternativos de acesso à informação, conjecturados como bibliotecas comunitárias, tendo como objetivos específicos: estudar teoricamente a concepção de Bibliotecas Comunitárias, origem, conceitos e práticas no Brasil para apreensão da natureza do estudo; examinar esses espaços alternativos em Manaus sob a perspectiva do sujeito de sua criação; compreender o processo de significação local acerca de Bibliotecas Comunitárias e sua realidade na cidade de Manaus.

De centros de memória e guarda do conhecimento a espaços de cultura e lazer¹, as bibliotecas se configuram como agentes facilitadores do acesso à informação com o intuito de promover o desenvolvimento sociocultural da sociedade.

Entretanto, em cenários aonde a biblioteca se faz necessária, mas age de maneira insatisfatória para com seus usuários, ou em que sua presença é nula, abrem-se precedentes para que a comunidade, imbuída pela sua necessidade, busque iniciativas próprias em vistas a preencher lacunas indispensáveis para sua formação e emancipação.

De acordo com os dados do censo realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em 2010, Manaus foi considerada a sétima cidade mais populosa do país, o que equivale a 1.802.014 milhões de pessoas. Em contrapartida a esse crescimento populacional, a cidade possui destaque dentre os municípios com menor número de bibliotecas públicas municipais no país, com um índice de 0,05 a cada 100 mil habitantes.

Esse contexto de carência de bibliotecas públicas na região, a falta de oferta pelo Estado deste serviço para promover espaços de interação e disseminação do conhecimento registrado, pode situar-se como fator impulsionador para o nascimento de iniciativas com vistas a sanar a problemática.

¹ Ver O PODER das bibliotecas: a memória dos livros no Ocidente. Direção de Marc Baratin e Christian Jacob. Tradução de Marcela Mortara. Rio de Janeiro: UFRJ, 2000.

O surgimento de espaços populares alternativos como possibilidade ao acesso informacional e promoção da leitura vem sendo realidade nos dias atuais. Das 350 experiências encontradas no território brasileiro em 2008², iniciativas essas intituladas de Bibliotecas Comunitárias, 33% estão situadas em áreas urbanas e sua maior parcela, 67%, em áreas consideradas rurais, de pequenos municípios.

As bibliotecas comunitárias vão se erguendo como possibilidade de transformação de um contexto local, sendo reflexo do poder da ação popular; uma instituição que passa a existir a partir de uma demanda e da manifestação da própria comunidade, com o intuito de instituir um espaço de encontro com a informação, aspirando também por um organismo de mais ativo, que possua integração e interação com seus usuários.

A propagação dessas unidades pode também espelhar significados de que vão além das perspectivas de promoção da informação, abarcando o sentido da mobilidade social, refletindo significados da participação e trabalho em equipe. O despertar da busca por direitos, por melhorias, envolve também o sentimento coletivo, da união de forças para ganhar força.

Nasce assim, uma suposta categoria de biblioteca que, apesar de possuir características comuns às tipologias existentes, traz peculiaridades tão distintas e variáveis de local para local que a torna singular. No entanto, compreender sobre essas iniciativas significa, antes de tudo, discutir a respeito da própria instituição biblioteca, em particular a Biblioteca Pública, uma vez que tal iniciativa traz consigo um reflexo do reconhecimento de utilidade e importância que aquela tem no contexto do indivíduo, para então constituir os elementos que estabelecem os subsídios para a sua origem.

Um aspecto significativo com relação à biblioteca tradicional situa-se quanto à questão de sua localização, que pode tornar-se um fator de deficiência como um entrave frente à acessibilidade de seus usuários com a própria unidade, impossibilitando sua integração com as comunidades mais longínquas, em especial a periferia. Todavia, a criticidade da situação está no fato de que uma mesma instituição que tem como objetivo promover o acesso à informação promove também a exclusão de muitos a esse acesso: seja pelo local de suas instalações, pela falta

² MACHADO, Elisa Campos. *Bibliotecas comunitárias como prática social no Brasil*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2008. Cap. 5.1.

de interação com a comunidade, pela postura dos profissionais que nela atuam, dentre outros.

Embora as bibliotecas comunitárias estejam ampliando seus espaços em âmbito nacional e impulsionando a organização de vários projetos em todo o país – muitos desses promovidos por universidades, ONG's, associações e pelo próprio Ministério da Cultura, dentre outros - na região Amazônica, especificamente na cidade de Manaus, no que pese sua existência em alguns pontos da cidade, pouco se discute ou se conhece sobre o assunto.

A criação dessas unidades no município de Manaus também é cercada de contextos específicos, característicos de seu povo, de uma representação do que vem a ser a biblioteca para essa população e de quais os motivos que permeiam sua criação. Contudo, o objetivo dado pela biblioteca comunitária, por meio de uma proposição da comunidade, reforça a convicção democrática e social da instituição Biblioteca Pública proposta pelo Manifesto da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), onde, como agente de promoção e desenvolvimento humano, atua em prol a democratização do acesso à informação.

A escolha deste objeto deu-se a partir da percepção da existência desses espaços “alternativos” de promoção à informação e leitura à comunidade local na cidade de Manaus, provenientes de iniciativa particular e/ou coletiva, e do aumento gradativo dessas unidades que aos poucos vão sendo criadas em diversos pontos da cidade e se autointulando bibliotecas comunitárias. Ademais, apesar de sua contínua expansão, são objetos pouco examinados e discutidos no município de Manaus, com vista a promover uma ação qualitativa.

O propósito da pesquisa está em possibilitar conhecer as ações de criação de bibliotecas comunitárias que vêm sendo construídas nesta cidade, uma vez que tais unidades não necessitam de nenhum aporte burocrático ou legal para se edificarem. Nesse sentido, a discussão focará sobre o que constitui estas bibliotecas e em como elas vêm sendo consolidada no entorno onde é criada.

Apesar de hoje essas iniciativas não se tratarem de casos isolados, muitas são as pessoas que desconhecem a existência da biblioteca comunitária, bem como a utilização do termo. A questão decorre visto que tais instituições vêm se erguendo de maneira oculta na cidade, ou seja, são criadas mais não se fazem percebíveis e acabam por permanecerem no anonimato até mesmo em seu entorno, de modo que em certos casos a própria comunidade que a abriga não a reconhece.

O estudo deste fenômeno que faz parte da realidade da cidade de Manaus se faz imprescindível, uma vez que a organização de uma unidade informacional que, como qualquer outra instituição biblioteca, pode contribuir direta ou indiretamente com a formação cognitiva do indivíduo. Todavia, trata-se de um fato social análogo ao da criação das primeiras bibliotecas públicas no Brasil, em cuja manifestação popular se fez ser ouvida na busca por melhores condições de vida. Faz-se necessário também analisar tal instituição cuja proporção se baseia em pressupostos de ampla integração com a comunidade e que, dessa forma, podem repercutir de modo significativo com o desenvolvimento não só daquele dado local, mas também do entorno como um todo.

Nasce na cidade a oferta de um sistema de informação voltado para o acesso da população em geral, que transforma o ambiente, influencia e que é influenciada, mas da qual não há conhecimento suficiente para descrevê-la e compreender sua efetiva contribuição para a comunidade onde se insere.

A busca pela compreensão dessas iniciativas na cidade é também o desvendar do comportamento de uma ação silenciosa que enseja por melhores condições e que, paulatinamente, efetiva fortificar o desenvolvimento de uma pequena parcela da população.

A Biblioteca Comunitária em Manaus permanece uma incógnita. Não se sabe ao certo o que conduziu seu surgimento, como elas estão estruturadas e de que maneira conseguem se manter, se sua ação é originária no anseio comunitário ou de iniciativa individual, ou de ambos. Além disso, não há mensuração de quantas dessas iniciativas existem na cidade, e tão pouco quais suas características e os serviços que oferecem ao usuário e os fatores que conduziram sua criação.

Nesse sentido, com uma abordagem de caráter qualitativo, a pesquisa buscou analisar o contexto dinâmico do objeto e seu sujeito, contemplando três momentos a seguir: pesquisa bibliográfica; pesquisa exploratória; resultados e análises.

Em um primeiro momento, realizou-se um levantamento de literaturas sobre bibliotecas comunitárias referenciado na utilização da pesquisa bibliográfica em fontes especializadas em Biblioteconomia e Ciência da Informação. Todavia, levando em conta a escassez da literatura a respeito do objeto, foram verificados vários tipos de fontes de informação pertinentes ao tema e de possível acesso, tais como a utilização registros impressos e os passíveis de impressão (documentos em meio digital).

Em seguida, a pesquisa exploratória ou de campo, cuja intenção estava em captar elementos singulares ao fenômeno que não estão disponíveis, possibilitando ao pesquisador o contato direto com o contexto informativo, que propicia grande riqueza para conhecimento a ser guiado pela pesquisa. Pautada em uma metodologia antropológica, a pesquisa teve o sujeito como fonte principal, utilizando-se da observação participativa e dos seguintes instrumentos para a sua realização: caderno de campo, entrevistas semiestruturadas e abertas, o uso de gravadores e captação de imagens fotográficas.

Dos ambientes identificados, foram analisados dois espaços intitulados bibliotecas comunitárias inseridas na cidade de Manaus: Biblioteca Comunitária Semeando Saberes e a Biblioteca Comunitária Socorro Chaves. Os sujeitos da pesquisa consistem em 2 informantes dos espaços a serem observados, residentes ou não em Manaus/Am, e 20 informantes nos bairros do Japiim e Petrópolis, Manaus/AM, perfazendo um total de 22 informantes. Para tanto, participaram da pesquisa os sujeitos idealizadores das bibliotecas comunitárias e comunitários maiores de 18 anos e residentes até 300 metros da área onde estão instaladas essas unidades de informação.

As questões foram colocadas de forma direta, facilitando a compreensão por parte dos entrevistados e diminuindo as dissimetrias hierárquicas entre pesquisador e pesquisado (BOURDIEU, 1993). Ainda nesse ponto, é importante esclarecer que o uso de categorias nativas, isto é, as categorias utilizadas pelos entrevistados, foram levados em consideração, permitindo, assim, que o leitor adentre de forma mais concisa e contundente na atmosfera das bibliotecas comunitárias a partir de uma perspectiva de seu sujeito.

Em um terceiro momento, procedeu-se a organização dos resultados e a análise dos dados levantados, onde foram examinadas as questões pesquisa para a explanação do objeto estudado. Para facilitar a visualização das informações abrangentes e prover melhor alcance da compreensão destes espaços, utilizou-se de tabelas e quadros, bem como o uso de gráficos e percentuais e a descrição das narrativas dos participantes. Quanto aos discursos dos sujeitos, estes foram examinados e contextualizados considerando a análise de conteúdo que, cujo objetivo, segundo Chizzotti (2003, p. 98), "[...] é compreender criticamente o sentido das comunicações, seu conteúdo manifesto ou latente, as significações explícitas ou ocultas."

A partir do exposto, esta dissertação estrutura-se em três capítulos para a explanação do objeto estudado. No primeiro capítulo a proposta está em fazer uma abordagem acerca da instituição Biblioteca, de modo geral, possibilitando subsídios para a compreensão de uma unidade de informação a partir de um contexto histórico, conceitos, tipologias e sua relevância para com a sociedade; algumas considerações sobre as vertentes que contribuíram com o surgimento da biblioteca comunitária no país e o enfoque da biblioteca pública na cidade de Manaus, histórico e oferta. Para tanto, se subdivide em quatro momentos: O desvendar de uma unidade de informação; Perspectivas sobre a relevância da biblioteca; Um espaço alternativo como novo segmento de biblioteca; Manaus e suas bibliotecas.

O segundo capítulo trata de uma abordagem a respeito de bibliotecas comunitárias, cuja intenção está em conhecer estes ambientes por meio de uma concepção teórica, para apreensão da natureza do estudo, bem como suas iniciativas no Brasil. Nesse sentido está organizado como segue: Acepções acerca do espaço Biblioteca Comunitária; Representação conceitual de Bibliotecas Comunitárias; e Iniciativas de bibliotecas comunitárias no Brasil.

Em conseguinte, o terceiro capítulo apresenta uma análise das bibliotecas comunitárias existentes na cidade de Manaus, dada a perspectiva dos sujeitos para a sua criação e o envolvimento local para com essas instituições. Desse modo está composto pelos seguintes itens: Levantamento e identificação; A escolha dos ambientes e os sujeitos da pesquisa; Caracterização das bibliotecas comunitárias e dos sujeitos criadores; Contexto de formação dos espaços sob a perspectiva do sujeito criador: influências, motivações e construção; A compreensão acerca de bibliotecas comunitárias; e Reflexão sobre as bibliotecas comunitárias no contexto de Manaus.

Contudo, tem-se a expectativa que este estudo possa agregar contribuições de grande valia para a composição de conhecimento para a sociedade, propiciando elementos significativos para a construção de novas discussões e abordagens.

CAPÍTULO I

O QUE HÁ POR DETRÁS DOS BALCÕES E ESTANTES COM LIVROS?

A biblioteca não se ergue como o palácio dos ventos, isolado numa paisagem real, excessivamente real, que lhe serviria de moldura. Ela curva o espaço e o tempo ao redor de si, e serve de receptáculo provisório, de dispatcher, de transformador e de agulha a fluxos bem concretos que ela movimenta continuamente.

Bruno Latour

Com o passar dos tempos, a instituição biblioteca, uma das mais antigas do mundo, vêm se modificando e remodelando face às necessidades do tempo a qual serve. Tais mudanças, provenientes da ação do próprio homem, trazem consigo novas perspectivas quanto à sua atuação e integração participativa com a sociedade.

Estudar bibliotecas comunitárias é, antes de tudo, adentrar no mundo contextual das bibliotecas, de seus conceitos, concepções, percorrendo caminhos já desbravados, para assim permitir o entendimento de novas transposições.

Este capítulo contempla um recorte teórico acerca da própria instituição biblioteca, abarcando aspectos históricos, constitutivos e factuais de grande relevância para a pesquisa e que possibilitarão melhor compreensão para o estudo do objeto bibliotecas comunitárias.

1.1 O desvendar de uma unidade de informação

O homem é um ser racional e criativo por natureza. Desde os primórdios, seja por necessidade ou curiosidade, ele busca, apreende, desenvolve e cria meios para

facilitar e melhorar sua vivência no mundo. O advento da escrita foi um grande salto do homem criativo, onde, a partir disso, ele passou a registrar seus pensamentos, invenções, experiências, como uma maneira de comunicar-se com outrem, deixando registrado no tempo e no espaço a memória de seu conhecimento.

A necessidade em usufruir da informação registrada na busca por novos conhecimentos estimulou o ser humano a acumular esses registros, motivando-o a compor uma instituição secular: a biblioteca.

Tal criação consistia na possibilidade de concentrar esses registros em um único lugar, originando coleções e atrelando-lhes serviços, o que, conforme Milanesi (2002, p. 10), foi durante séculos considerada a melhor solução encontrada para a problemática informacional, por facilitar tanto o processo de ordenação do conhecimento acumulado quanto o seu acesso. Outrora, a constituição desse instrumento pode ir além da satisfação de uma necessidade primeira, na possibilidade de proporcionar ao seu consulente mais do que ele almejava encontrar e ainda instigar outros interesses.

Conforme Aragon e Imbira (1989), a busca e o uso da informação fazem parte do processo cultural do homem. Desse modo, falar sobre bibliotecas é discutir a respeito de um agente de transformação, instituições que se consolidaram desde a Idade Antiga e que até hoje se constituem como elemento de grande importância e participe no processo cognitivo do ser humano, pois atuam como facilitadoras na mediação do conhecimento. No entanto, para discorrer sobre a temática se faz necessário conhecê-la, de modo a evitar especulações turvas sobre o objeto, e assim poder acrescentar elementos efetivos no entendimento de seu papel.

Então, o que vem a ser Biblioteca?

É possível encontrar diversas definições a respeito do significado de biblioteca, que variam a partir de pontos de vistas de sua utilidade: como instituição; um lugar físico de guarda; e como um móvel. Em exemplo, o Dicionário Aurélio salienta: “1. Coleção pública ou privada de livros e documentos congêneres, para estudo, leitura e consulta. 2. Edifício ou recinto onde ela se instala. 3. Móvel onde se guardam e/ou ordenam livros.” (FERREIRA, 2000, p. 97). Configura-se, assim, três maneiras de se olhar e definir o objeto biblioteca, de modo que, cada um, com suas particularidades e atribuições, representam os vários sentidos que a palavra possui. No entanto, a abrangência deste estudo será aludida na biblioteca enquanto

instituição, consignada para ser um instrumento ativo em prol o desenvolvimento social.

Em relação à palavra biblioteca, possui origem grega - *biblion* = livros e *théke* = cofre -, cujo termo era utilizado para nomear as caixas cilíndricas onde se guardavam as coleções de papiros, com o intuito de garantir sua conservação. Posteriormente, dada a função do objeto, a nomenclatura serviu de referência para emprego aos espaços de guarda dos saberes registrados, fazendo alusão aos locais de custódia destes materiais e à própria coleção em si.

Na busca pela definição de biblioteca, a literatura apresenta diversas representações conceituais, nas quais é possível perceber que alguns autores apontam maior relevância aos tipos de características que lhes parecem mais atenuantes para a descrição. No entanto, verifica-se também a existência de uma conceitualização fracionária, na tentativa de expor uma totalidade subjetiva do que ela seria de fato.

Targino (1984) coloca que a definição de biblioteca necessita corresponder à descrição de um todo, de modo que sua generalização seja dosada respeitando as particularidades de sua complexidade e variações. Para isso, seleciona e estabelece dimensões que seriam essenciais a serem consideradas para tal ação, como: a instalação, os recursos, a coleção, as características funcionais, as finalidades básicas e a tipologia.

Uma concepção configurada desde os tabletes de argila até os tempos atuais, e que caracteriza o ambiente biblioteca, é o da presença de uma forma de organização que possibilite encontrar na coleção acumulada o que se busca, ou seja, a utilização de mecanismos de ordenação que facilitem o acesso ao conteúdo desejado (MILANESI, 2002, p. 12). Nesse sentido, o que faz a biblioteca não é apenas uma simples reunião de títulos, mas esta somada a uma organização de cunho lógico que promova o encontro do usuário com o material almejado.

Ao discorrer sobre biblioteca, Gomes (1983) define-a como uma agência social estreitamente ligada com o conceito de cultura. Criada por uma instituição, e a ela subordinada, com vista a atender um grupo ou grupos sociais; é moldada e condicionada por padrões de valores e cultura da estrutura social. Sua relação com o cultural amplia-se quanto da importância que gera aos sistemas de comunicação quanto ao processo disseminador da informação, pois “A biblioteca como criação social reflete a cultura que a gerou e, [...] veiculando seus valores, crenças e

padrões comportamentais, contribui para a preservação e difusão da herança cultural.” (GOMES, 1983, p. 5).

Ao definir biblioteca, Baganha (2004) considera elementos que se complementam ao acervo, como o ambiente e o público. Para o autor a biblioteca é um espaço agradável e dinâmico, voltada para as necessidades de seus usuários, sintonizando informação e cultura, cujos documentos são organizados pelo valor e conteúdo das informações.

Em contrapartida, Lemos (2005) delinea biblioteca exclusivamente em função de sua coleção, como um acervo de materiais impressos e não impressos, organizado e disponível para o uso, leitura e empréstimo, remetendo-a a um repositório cultural da memória coletiva.

Outros autores, como Baratin e Jacob (2000, p. 9-15), ponderam em uma alusão mais reflexiva sobre o objeto biblioteca,

Um ambiente de descobertas, que possibilita a reflexão, a interação, diálogo, local de criação e inovação. Lugar da memória nacional, espaço de conservação do patrimônio intelectual, literário e artístico, uma biblioteca é também o teatro de uma alquimia complexa em que, sob o efeito da leitura, da escrita e de sua interação, se liberam as forças, os movimentos do pensamento. É um lugar de diálogo com o passado, de criação e inovação, e a conservação só tem sentido como fermento dos saberes e motor dos conhecimentos, a serviço da coletividade inteira. [...] a biblioteca é também uma arquitetura do saber: tanto sua organização interna como os critérios de constituição de suas coleções são escolhas intelectuais fortes. [...] As bibliotecas são os lugares da continuidade, mas também das rupturas da tradição.

A biblioteca resguarda e preserva o patrimônio documental da humanidade, tornando-se um ambiente da memória nacional, cujos registros históricos que abrigam são de grande relevância para o conhecimento pretérito de uma nação e suas construções intelectuais e artísticas futuras.

Outrora, como arquitetura do saber, essa instituição tem como base ações intelectuais em sua construção tanto no campo físico e material quanto no campo abstrato da organização do conhecimento, edificada com saber e para o saber desde sua estrutura, organização até sua coleção, estas pensadas e planejadas com o intuito de colocar a informação à disposição do leitor/usuário e deter meios para melhor difundir o conhecimento. Nesse sentido, o usuário ao adentrar no ambiente biblioteca e usufruir dos serviços oferecidos por ela, passa a dar

prosseguimento ao conhecimento já adquirido, podendo também proporcionar processos de desconstrução do pensamento, representando, dessa maneira, tanto um lugar de continuidade quanto de ruptura.

Desse modo, na busca por sua conceituação, os autores procuram captar as inúmeras vertentes que possam alçar o campo abstrato e o concreto que permeiam o conceito de biblioteca, observando-a em múltiplos vieses como memória, local, inspiração, redirecionador de ideias, dentre outros. Suas percepções acerca da biblioteca possibilitam visualizar o alcance que possui essa unidade de informação, que foge totalmente a visão de senso comum que a enxerga como um lugar inerte voltado apenas ao empréstimo de livros.

Pode-se dizer que alguns autores são mais profundos em sua descrição e que outros trazem apenas alguns fragmentos de uma possível configuração da biblioteca. Ademais, a intenção não está em discorrer a fundo sobre o que é biblioteca, mas sim levantar algumas vertentes importantes para pensar sobre seu fazer, e assim poder discuti-la com mais propriedade. No entanto, é importante ressaltar que as diversas definições encontradas na literatura agregam valores que por vezes se complementam, podendo possibilitar uma melhor apreensão do sentido dessas instituições.

A biblioteca, ao longo dos tempos, passou por diversas mudanças, tanto em sua estrutura, importância, materiais e função. Os próprios suportes para o registro dos documentos também sofreram alterações: dos mais rudimentares, como os tabletas feitos de argila, os papiros e os pergaminhos, ao uso do papel; e hoje, além da continuidade do uso do impresso, os avanços tecnológicos possibilitaram a geração do CD, o DVD, o *e-book*, as *homepages*, cartões e/ou *chips* de memórias, dentre outros.

As primeiras bibliotecas tiveram sua origem em 3000 a.C., na Mesopotâmia. Entretanto, não havia distinção entre bibliotecas e arquivos, sendo que uma mesma instituição desempenhava ambos os papéis. Posteriormente, o homem percebeu a necessidade da desvinculação dos dois órgãos, o segundo passou a dedicar-se aos documentos de cunho orgânico, gerados a partir de uma produção funcional ou de uma atividade, e o primeiro se reservaria aos documentos não orgânicos, elaborados como material intelectual³.

³ Ver ARRUDA, Guilhermina Melo. *As práticas da Biblioteca Pública a partir das suas quatro funções básicas*. Disponível em: <<http://dici.ibict.br/archive/00000734/01/T079.pdf>>. Acesso em: 16 out 2011.

Os desígnios das bibliotecas, a *priori*, eram voltados para o armazenamento e preservação⁴, como a guardiã da memória intelectual, ficando assim enraizados durante um longo período. Somente nos séculos XIX e XX, quando sua relevância foi colocada como essencial para o desenvolvimento do indivíduo e ainda como instrumento de comunicação, que o sentimento de utilidade acerca da biblioteca começou a aflorar, perpetuando seu caráter eminentemente social, papel fundamental na sociedade no qual somado à sua função de preservação do conhecimento tem-se a de disseminadora da produção intelectual coletiva. De centros de memória e custódia do conhecimento, as bibliotecas passaram a representar espaços de cultura e lazer, constituindo-se como agentes facilitadores do acesso à informação.

As bibliotecas atuais possuem outra representatividade, em relação às de um tempo pretérito. Inicialmente atuavam na tentativa de reunir todo o conhecimento humano em um único ambiente e hoje há uma fragmentação do conhecimento por biblioteca, selecionando-o e o colocando à disposição de acordo com o critério de seu público alvo. Desse modo, coloca-se a classificação das bibliotecas sob duas perspectivas: do ponto de vista de seu mantenedor e; sob o aspecto da criação de categorias, a partir de seu público alvo.

Em um olhar inicial as bibliotecas podem ser públicas ou privadas, ou seja, nas primeiras o seu mantenedor possui caráter público estatal e as privadas são criadas e/ou mantidas por pessoa física ou jurídica.

Pode-se especular que a criação das categorias de biblioteca teve início na Idade Média, com o surgimento Biblioteca Universitária, uma vez que esta objetivava atuar a partir de um conteúdo seletivo para um público específico, e posteriormente, a partir do século XIX, com a criação das bibliotecas nacionais, públicas e especializadas.

Intitulam-se Bibliotecas Nacionais aquelas com o objetivo reunir, controlar, preservar e disseminar a memória coletiva (fruto de uma produção intelectual e/ou artística de um grupo de pessoas) de um território nacional. Sendo assim, é responsável pelo depósito legal de todo patrimônio bibliográfico de um país.

⁴ Ver TARGINO, M. das G. Olhares e fragmentos: ...

As categorias das bibliotecas dividem-se pelo seu público alvo, tipo de coleção e serviços oferecidos. Basicamente essas unidades são classificadas em seis tipos distintos: infantil, escolar, universitária, especializada e pública.

A Biblioteca Infantil é uma unidade de informação voltada exclusivamente para as crianças. Tem como intuito o despertar do hábito da leitura, familiarizando-as com o livro e contribuindo com o desenvolvimento do imaginário, criativo e expressivo da fase infantil.

A Biblioteca Escolar é aquela que, instalada dentro de um ambiente escolar, tem como objetivo dar apoio didático aos estudantes, bem como aos professores. Sua coleção é selecionada conforme o conteúdo de ensino das unidades educacionais de nível fundamental e médio.

Assim como a escolar, a Biblioteca Universitária tem seus propósitos voltados para atender usuários do ambiente onde está inserida, diferenciando-se apenas pelo nível de instrução a qual está voltada, fornecendo suporte bibliográfico e documental para o cumprimento do tripé exercido pelas instituições de ensino superior: Ensino, Pesquisa e Extensão.

Já a Biblioteca Especializada ou Especial foi assim categorizada devido à especialização tanto das coleções quanto de seus usuários, uma vez que sua infraestrutura bibliográfica e documental refere-se a uma área específica do conhecimento ou a um tipo de usuário específico, como as bibliotecas de hospitais, jurídicas, destinadas aos deficientes, entre outros.

Biblioteca Pública é a categoria destinada ao amplo uso da coletividade em geral. Possui um acervo variado e normalmente é mantida pela esfera pública estadual ou municipal. Sua função é proporcionar o acesso à informação para a comunidade, contribuindo com o desenvolvimento cultural, informacional e educacional do indivíduo, bem como o de servir como opção de lazer.

Ao observar tais categorias é possível verificar que as bibliotecas se configuram, em sua tipologia, em uma rede dividida por escalas cognitivas que fragmentam o saber pela especificidade de seus usuários, onde a estrutura do sistema de informação ocorre por continuidade, ou seja, em tese o indivíduo vai sendo preparado para com o envolvimento com a biblioteca, ou mais propriamente para o tipo de informação que esta dispõe.

Outrora, há também as bibliotecas intituladas alternativas⁵, que são iniciativas que se diferenciam das abordadas, frutos da criatividade do homem que se utiliza de diferentes meios na expectativa de permitir o acesso à informação pelo usuário, como: carro-biblioteca, biblioteca itinerante, estante biblioteca (livros no ponto de ônibus), a Bicicloteca⁶, entre outros. Fugindo aos modelos já absorvidos pela sociedade, e engendrados pela Biblioteconomia, essas iniciativas possuem os mesmos objetivos da biblioteca pública, contudo contam com recursos escassos, com uma coleção em maior volume voltada para a literatura e normalmente se limitam a eventos momentâneos e/ou a projetos em delimitado espaço de tempo, ou seja, não se constituem unidades de permanência fixa.

Dentre essas iniciativas dá-se destaque à Biblioteca Comunitária, cuja incidência de criação vem aumentando consideravelmente em todo o país. Considerada como alternativa, essa instituição que se autointitula Biblioteca Comunitária se apresenta ímpar dentre os pares de sua classe por se tratar de uma unidade que fixa suas raízes na comunidade e que, embora com os mesmos preceitos da pública, possui características particulares de seu público e coleção conforme seu criador ou membro da comunidade onde ela está inserida.

A biblioteca, nesses termos, constitui-se de um agente de transformação que se consolidou desde a Idade Antiga e que até hoje é elemento de grande importância e participe no processo de desenvolvimento cognitivo do ser humano, fato esse que necessita de reafirmações e discussões para a apreensão e reconhecimento pela sociedade.

1.2 Perspectivas sobre a relevância da biblioteca

Ao longo do tempo as bibliotecas vêm se consolidando por todo o mundo. Contudo, a clareza de seu uso e de sua importância apresenta-se diminutamente difundida, sendo possível que tenha chegado à banalização, tendo em vista poucos investimento e discussões políticas para a sua construção e integração social.

Outrora, Suaiden (200, p. 57) elucida,

⁵ ALMEIDA JR., Oswaldo F. de. *Bibliotecas públicas e bibliotecas alternativas*. Londrina: UEL, 1997.

⁶ Ver <http://biblioflch.wordpress.com/2011/08/01/bicicloteca-em-sao-paulo-leitura-para-moradores-de-rua/>

[...] Para que servem as bibliotecas? Não é uma pergunta fácil de ser respondida na medida em que os profissionais da informação acreditam nos postulados teóricos disseminados ao longo dos cursos de graduação e pós-graduação. Mas, com certeza, a sociedade não terá as mesmas respostas dos profissionais da informação. Isso está claro no livro *Conceito de biblioteca* (Targino, 1984), pois a comunidade ou não sabe responder à pergunta acima formulada, ou responde com afirmações que nada têm a ver com as respostas dos bibliotecários.

Na verdade, os diversos segmentos da sociedade têm expectativas diferentes em relação ao papel da biblioteca pública. A indústria editorial acredita que o objetivo fundamental é a formação de um público leitor. Os educadores acreditam que a biblioteca deve ser o alicerce do processo ensino-aprendizagem. Os intelectuais acreditam que deve ser um espaço rico em literatura de ficção. O trabalhador comum não vê a biblioteca como um local para solucionar os problemas cotidianos.

Muitas são as divergências de pontos de vista ao analisar tal questionamento, uma vez que cada ser humano possui suas construções pré-concebidas sobre as coisas, além de considerarmos também os filtros cognitivos, onde o indivíduo não consegue sair de um determinado território de conhecimento e caminhar no território de conhecimento de outrem. Desse modo, potencializar-se-á no que a biblioteca pode proporcionar à sociedade, enquanto agente disseminador da informação, cultura e do lazer.

De acordo com o Manifesto IFLA/UNESCO (2004, s.p.),

A liberdade, a prosperidade e o desenvolvimento da sociedade e dos indivíduos são valores humanos fundamentais. Só serão atingidos quando os cidadãos estiverem na posse da informação que lhes permita exercer os seus direitos democráticos e ter um papel ativo na sociedade. A participação construtiva e o desenvolvimento da democracia dependem tanto de uma educação satisfatória, como de um acesso livre e sem limites ao conhecimento, ao pensamento, à cultura e à informação.

As informações registradas, em seus mais variados suportes, são importantes para a formação cultural e intelectual do indivíduo, uma vez que possibilita a socialização do conhecimento, e a biblioteca se apresenta como grande mediador desses registros.

Os avanços tecnológicos trouxeram consigo grandes facilidades no campo informacional, atravessando barreiras de espaço e de tempo na disseminação e construção do conhecimento. Contudo, a biblioteca tradicional não deixou de ser partícipe na atual conjuntura, transformando-se e adaptando-se às exigências de seu tempo.

A inclusão social aparece com uma das vertentes da instituição biblioteca, uma vez que possibilita oportunidade de acesso à informação para aqueles considerados socialmente excluídos, no que concernem os indivíduos que não possuem recursos financeiros e culturais suficientes para a obtenção de livros e o usufruto da tecnologia.

As bibliotecas representam, acima de tudo, a memória coletiva (cultural, intelectual, artística), resguardada para a busca, conhecimento e reconstrução da informação. Estabelece laços com o conhecido para alguns e desconhecido para outros, promovendo (re)significados, a releitura de mundo e o reencontro deste por meio da leitura.

Conforme Wrobel (2009, p. 56),

A formação da sociedade através da leitura é um processo contínuo e necessário que evita o isolamento social e promove o desenvolvimento. A leitura possibilita a formação de uma sociedade consciente, facilitando sua visão global do mundo.

A biblioteca, enquanto equipamento urbano valorizado no cenário, promove a conscientização do indivíduo quanto à necessidade de procurar informação, intensificando o incentivo à leitura, e possibilita a formação de cidadãos mais intelectuais e críticos.

A leitura e a biblioteca são instrumentos propulsores para a emancipação e o desenvolvimento cognitivo e cultural do indivíduo, mas, entretanto, não basta o letramento e a construção dessas instituições, faz-se necessário o reconhecimento, a consciência e o agir dos sujeitos para um real usufruto, em benefício próprio e coletivo.

A presença da biblioteca nas unidades de ensino como instrumento ativo no apoio didático pedagógico é de fundamental importância para que haja um bom desenvolvimento do processo de aprendizagem e propostas de incentivo para a prática da leitura e da pesquisa. Contudo, no contexto de Benites e Stefano (2004), os autores enfatizam sobre o distanciamento entre os alunos e a escrita, onde os veículos de comunicação que se utilizam da imagem e do som geram fortes influências sobre a cultura da sociedade, como a *Internet* que, em seu mundo dinâmico, aflora no aluno certa resistência à leitura sugerida pela escola. Nesse sentido, o ambiente educacional é tido como o interventor para o trabalho da prática da leitura, por meio do professor e dos recursos e ferramentas disponibilizados pela

biblioteca, com o emprego de estratégias que visem o interesse e integração do aluno com o mundo literário e científico.

O contato do aluno com a biblioteca no cotidiano da educação formal, com as devidas supervisões e orientações dadas pela aliança entre professor e bibliotecário, é fundamental para que o ele construa um sentimento de familiaridade com o novo contexto e busque o acesso à leitura, à pesquisa, o uso da língua escrita e o gosto pelo ato de ler, e cabe às instituições educativas a promoção desta habituação.

Ler é um trabalho complexo e está além do que concerne a codificação e decodificação silábica ou frasal. Entretanto, o ensino da leitura, que envolve a formação crítica do leitor, propicia o desenvolvimento da língua escrita, onde esta outorga uma autonomia na elaboração de técnicas em um processo de busca pelo conhecimento dado pela pesquisa; e o pesquisar torna-se fundamental na investigação do desconhecido ou na agregação de conhecimentos, em contribuição ao aperfeiçoamento do intelecto do aluno.

Freire (1982), ao refletir sobre a importância do ato de ler - que possibilita uma percepção crítica, interpretação e a re-escrita - revive sua própria prática, suas próprias experiências no mundo da leitura, e reluz a relevância de se levar em consideração a leitura de mundo que cada criança traz consigo, sendo que esta antecede a leitura da palavra, que deveria se intumescer de significância das experiências existenciais do educando e não do educador, uma vez que desta decorre a continuidade daquela.

Fragoso (2002) enfatiza as distorções que se tem na visão do ambiente da biblioteca em si, e que estas ainda estão longe de conseguir cumprir sua função no âmbito educacional, onde sua situação caminha lado a lado com o contexto da educação. Entretanto, em suas funções de educação e cultura, contribui de maneira significativa para a formação de um cidadão crítico e consciente.

Na literatura de Kieser e Fachin (2000), apontam que a biblioteca é instrumento indispensável para o desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem, e para agir como tal é necessário integrar-se aos programas e planejamentos do ambiente educativo. Ademais, a própria biblioteca e, contudo, o bibliotecário, devem buscar e conquistar seus leitores, seus usuários.

Quando atende o campo de atuação de uma organização na qual está inserida, além de promover não só uma educação continuada aos indivíduos do ambiente organizacional, e que por vezes proporciona acesso ao público em geral, a

biblioteca facilita o encontro da informação, uma vez que possui uma estrutura dedicada à especificidade de uma determinada área, com a reunião informacional de um campo do saber, dada a particularidade dos objetivos da instituição mantenedora.

A intenção de democratização da informação é um dos preceitos da biblioteca pública, cuja função está voltada para fornecer o acesso à informação de modo gratuito, contribuindo com o desenvolvimento educacional e cultural da população e servindo de espaço de articulações para o lazer, conforme o manifesto de 1994 da IFLA/UNESCO reluz:

As missões-chave da biblioteca pública relacionadas com a informação, a alfabetização, a educação e a cultura são as seguintes:

1. Criar e fortalecer os hábitos de leitura nas crianças, desde a primeira infância;
2. Apoiar a educação individual e a autoformação, assim como a educação formal a todos os níveis;
3. Assegurar a cada pessoa os meios para evoluir de forma criativa;
4. Estimular a imaginação e criatividade das crianças e dos jovens;
5. Promover o conhecimento sobre a herança cultural, o apreço pelas artes e pelas realizações e inovações científicas;
6. Possibilitar o acesso a todas as formas de expressão cultural das artes do espetáculo;
7. Fomentar o diálogo intercultural e a diversidade cultural;
8. Apoiar a tradição oral;
9. Assegurar o acesso dos cidadãos a todos os tipos de informação da comunidade local;
10. Proporcionar serviços de informação adequados às empresas locais, associações e grupos de interesse;
11. Facilitar o desenvolvimento da capacidade de utilizar a informação e a informática;
12. Apoiar, participar e, se necessário, criar programas e atividades de alfabetização para os diferentes grupos etários. (MANIFESTO..., 2004, s.p.).

Tais proposições dispõem não somente da expectativa depositada na biblioteca pública, enquanto agente mediador da informação, mas possibilita novas construções quanto às possibilidades que esse ambiente traz consigo em prol do desenvolvimento do indivíduo e da sociedade como um todo. Dentre seus preceitos, discorre acerca da necessidade igualitária do acesso à informação, independente de predisposições como a idade, raça, sexo, religião, nacionalidade, língua ou condição social, sendo a disseminação da informação a principal razão de existir de uma biblioteca pública, resultante de um processo de inclusão social, regado pela promoção do acesso, uso e democratização da informação, esta de ampla necessidade pelos cidadãos.

A relevância da instituição biblioteca está em seu grande poder de transformação social, considerando que o conhecimento e sua transmissão são os pilares de uma sociedade desenvolvida e ativa. Entretanto, suas contribuições ao meio necessitam ser assimiladas e difundidas de forma que todos possam conhecer sua real função e assim usufruir da herança informacional reunida para conhecimento e construções futuras.

Apesar do fato de que no Brasil é dever do poder público promover tais instituições socioculturais à população, visando garantir o amplo acesso à informação, a sociedade civil movimenta-se em busca de novas propostas em vias a suprir a lacuna de suas necessidades informacionais, nascendo assim a biblioteca comunitária.

1.3 Um espaço alternativo como novo segmento de biblioteca

No Primeiro Censo Nacional das Bibliotecas Públicas Municipais⁷, divulgado em abril de 2010 pelo Ministério da Cultura, constatou-se de maneira oficial uma grande carência de bibliotecas públicas em muitos municípios do Brasil. Na pesquisa, Manaus está destacada dentre os municípios com menor número de bibliotecas no país, representando um índice de 0,05 a cada 100 mil habitantes, seguido por Fortaleza (0,03) e Salvador (0,06).

Essa deficiência, na qual a oferta não supre sobremaneira sua demanda, aponta um cenário preocupante da relação entre a biblioteca e a sua comunidade que já estava posto em discussão antes mesmo da realização do censo. Nesse contexto, Suaiden (1995) discorre a respeito da falta de bibliotecas em muitos municípios e da irregularidade das que existem, onde tal situação, além de tornar deficientes as ações da biblioteca pública em exercer sua função e cumprir seus objetivos, favorece uma relação de indiferença com os usuários.

No entanto, a problemática situacional dessas unidades públicas também está relacionada às questões que implicam em seu funcionamento. Como todo agente sem fins lucrativos é dotado de barreiras que dificultam sua postura pró-ativa para com seu público em geral, Suaiden (1995) afirma estar nos problemas que a

⁷ Ver BRASIL. Ministério da Cultura. *Primeiro Censo Nacional de Bibliotecas Públicas Municipais*. Disponível em: <<http://www.cultura.gov.br/site/2010/04/03/primeiro-censo-nacional-das-bibliotecas-publicas-municipais/>>. Acesso em: 5 abr. 2011.

biblioteca enfrenta (econômicos, de recursos humanos etc.) o entrave que compromete sua contribuição para o desenvolvimento cultural e educativo.

Face a esse cenário, a questão da localização também é preocupante, considerando que a maioria dessas unidades encontra-se sediadas em espaços que não favorecem a frequência de usuários de outras comunidades:

[...] ao localizar-se no centro urbano e com falta de serviços de extensão que atendessem às populações residentes na periferia, a biblioteca deixou de atender também a certas populações suburbanas e rurais que necessitavam dos serviços bibliotecários com a mesma necessidade que as que residiam no centro, pois também para aquelas o livre acesso à informação é requisito prévio à formação de comunidades conscientes, integradas na cultura de sua nação, adequadas a seu tempo e capacitadas a encontrar um equilíbrio entre todas as ideologias e tendências que atuam na sociedade contemporânea. (SUAIDEN, 1995, p. 65).

A tendência de centralização das instalações das bibliotecas públicas acaba por conceder um privilégio aos que residem no próprio centro das cidades e suas adjacências, considerando uma maior facilidade de deslocamento dos usuários para essas unidades de informação; outrora, dificulta o acesso aos que, residentes em áreas mais longínquas (periferia e áreas rurais), não possuem condições de deslocar-se ao centro para suprir suas necessidades informacionais. Oriunda, então, uma desigualdade de distribuição dessas unidades, o que contribui com a exclusão informacional e favorece possíveis deficiências no processo de formação sociocultural e educativo de parte da população.

Nesse sentido, Almeida e Machado (2006, p. 4) destacam que:

Nos vazios resultantes da omissão do poder público, surgem, cheias de energia, iniciativas as mais diversas, ligadas ou não a organizações comunitárias, articuladas ou não a outras instâncias, respondendo a uma necessidade percebida por um grupo e alavancada pelo esforço coletivo da própria comunidade.

Na busca por meios estratégicos que viabilizem o acesso informacional, a sociedade se articula e se organiza para modificar a realidade. Surgem então as *bibliotecas comunitárias*, em resposta a uma problemática local e como resultado da mobilização comunitária:

Elas 'brotam' do coração das comunidades periféricas das zonas rurais e das zonas urbanas do país, num movimento engajado de grupos organizados ou de indivíduos. Grupos ou indivíduos esses que reúnem esforços no sentido de abrir espaço público para ampliar o

acesso à informação, à documentação, à leitura, ao livro, ao conhecimento e ao debate sociocultural sobre a potencialidade dessa categoria de biblioteca na condição de espaços complementares para educação. (PRADO; MACHADO, 2008, p. 4).

Essas iniciativas concentram-se em locais onde a ausência de bibliotecas se faz presente, como preconiza Machado (2008, p. 98), pois “[...] o motivo principal que leva a criação desses espaços é a dificuldade de acesso ao livro e a leitura, ou seja, a carência de espaços públicos para esse fim – bibliotecas públicas e escolares.”. Na maioria dos casos, são áreas consideradas de exclusão como as periferias, zonas distantes dos centros urbanos⁸, uma vez que nas classes de maior poder aquisitivo considera-se que esse *défict* informacional é suprido pelo poder de compra que o capital possibilita – maior propensão ao acesso as bibliotecas tradicionais, bem como as digitais, e maior possibilidade de obtenção da informação impressa ou a partir de outros meios e recursos tecnológicos⁹.

A periferia aparece como principal foco de concentração e de consolidação dessas unidades, em uma ação de sujeitos em que se percebem em situação de emergência com a falta de instrumentos informacionais e buscam alternativas de saná-la. Ademais, conforme Vieira (2007, p. 72-73), em diagnóstico elaborado em 2003 pela Secretaria Municipal de Cultura de Belo Horizonte, a respeito das bibliotecas comunitárias na região, nem todos esses espaços se constituem em um contexto de exclusão social, o que confirma que tais iniciativas se difundem por toda esfera social.

Uma particularidade a ser destacada, provida por essas unidades informacionais, se substancia em seu próprio contexto existencial, em sua razão de existir, ou seja, na união e ação coletiva que engaja forças para a superação dos problemas e o buscar de soluções, conforme Gadotti (1993, p. 27),

Na medida em que se produz essa participação consciente e orgânica do grupo comunitário, dar-se-ão ações concretas de transformação social, e, dessa maneira, consegue-se influir, direta ou indiretamente, na transformação da realidade.

⁸ Ver MACHADO, Elisa Campos. *Bibliotecas comunitárias como prática social no Brasil*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2008. p. 96.

⁹ *Ibid.*, p.146.

A participação do coletivo é essencial para permitir as transformações do meio. Para isso, o homem precisa estar engajado na luta por seu processo evolutivo e se permitir traçar novos caminhos para alcançar seus objetivos.

A ação comunitária nesse âmbito já é histórica no Brasil, tendo em vista a fundação da primeira Biblioteca Pública da Bahia, em 4 de agosto de 1811, como uma realização da população e não governamental¹⁰. A premissa é importante, no que tange a análise da construção social, onde o indivíduo agrega forças ao coletivo, se permite uma releitura do mundo e, por conseguinte, resignificação do ambiente, que Madellar (2010, p.75) enfatiza “[...] como resultado de um movimento coletivo, em que as mudanças sociais são fruto das minorias, ou seja, dão-se a partir de grupos de indivíduos, sendo eles as peças chave para fazer funcionar e se alterar a sociedade.”.

A biblioteca comunitária situa-se como instrumento de abrangência muito precária, dada sua significância e amplitude, tanto pelas áreas de conhecimento quanto pela literatura, como Madellar (2010, p. 27) afirma que no país há pouca dedicação de estudos que contemplem o objeto *bibliotecas comunitárias* e o seu papel na comunidade.

Prado e Machado (2008, p. 3) enfatizam que apesar da singularidade fenomenológica, com pressupostos positivos para a formação cultural, tanto a Ciência da Informação quanto a Biblioteconomia, bem como as políticas públicas, não têm mostrado o devido interesse e preocupação suficiente às bibliotecas comunitárias.

A construção de uma biblioteca comunitária esboça o desejo coletivo da sociedade na luta por melhorias e oportunidades. Assim, Gadotti (1993, p. 14) explicita: “Vivemos numa cultura individualista [...] cada um pode dar a sua contribuição ao todo. Comunidade é isso: é contribuir para o bem-estar de todos. Esse espírito é o comunitário: integração de culturas e povos.”. É a escolha de determinados grupos, que optam pela superação da marginalidade e da alienação em benefício do próprio crescimento coletivo.

Contudo, há de considerar-se o tocante ao aspecto cultural, em que cada lugar é tomado de peculiaridades distintas que influem diretamente nas ações do indivíduo:

¹⁰ SUAIDEN, Emir José. *Biblioteca pública e informação à comunidade*. São Paulo: Global, 1995.

Cada cultura possui seus próprios valores; [...] Em cada cultura encontramos instituições diferentes, nas quais o homem busca seu próprio interesse vital; costumes diferentes através dos quais ele satisfaz às suas aspirações; [...] Estudar as instituições, costumes e códigos, ou estudar o comportamento e mentalidade do homem, sem atingir os desejos e sentimentos subjetivos pelos quais ele vive, e sem o intuito de compreender o que é, para ele, a essência de sua felicidade, é, em minha opinião, perder a maior recompensa que se possa esperar do estudo do homem. (MALINOWSKI, 1978, p. 38).

Cada território é marcado por sua cultura, crença, por um conjunto de elementos particulares e distintos que formam sua identidade local. Nesse sentido, compreender estas iniciativas é também buscar as relações que movimentam e que caracterizam a biblioteca comunitária, considerando o contexto cultural no qual está inserida.

Todavia, estas ações locais, imersas de significações, são espelhos de um movimento do povo para o povo, e representam saídas para a situação de “carência”¹¹ das comunidades por espaços de possibilidades, no que tange uma via, uma articulação para o suprimento informacional.

No Brasil, o erguimento de bibliotecas comunitárias vem crescendo continuamente, bem como o seu estudo, mas ainda permanecem como um campo pouco explorado.

Na cidade de Manaus também já se é possível identificar a existência dessa modalidade de biblioteca, contudo, seu estudo é inexpressivo. Entretanto, para analisar suas vertentes no município, o principal foco deste trabalho, é mister que se verifique *a priori* o que vem sendo oferecido à população local, em termos de acesso público à informação, uma vez que esta vem sendo a principal função das bibliotecas comunitárias existentes no país.

1.4 Manaus e suas bibliotecas

Circundado pela maior floresta tropical do mundo, em confluência dos rios Negro e Solimões, e cortado por uma infinidade de igarapés, o município de Manaus, capital do Estado do Amazonas, é uma cidade histórica, tendo como destaque seu patrimônio cultural e arquitetônico.

¹¹ Sob o aspecto de “carência” informacional.

A cidade de Manaus, fundada em 1669¹², estabeleceu a primeira biblioteca destinada ao uso irrestrito da população após dois séculos fundação. Na história do Brasil, a construção de bibliotecas para usufruto da sociedade teve como precursora a Biblioteca Pública da Bahia, constituída a partir de um movimento social, no ano de 1811. Tanto em sentido global como local, Manaus apresenta um grande retardo na constituição, bem como no reconhecimento, de unidades de informação, o que reflete diretamente em sua representação simbólica e seu usufruto no sentido cultural da população dessa região.

Em um primeiro momento como Sala de Leitura¹³, a Biblioteca Pública do Amazonas teve origem em 1870¹⁴, erguida por meio de iniciativa do governo, sob ideário do Dr. Gustavo Adolfo Ramos Ferreira, então Ex-Presidente da Província do Amazonas (1866-1867), cuja prospecção era a fomentação de “[...] uma sociedade evolutiva, com base na educação do povo e no aprimoramento cultural de sua elite [...]” (BRAGA, 1989, p. 37).

Na década da concepção da primeira biblioteca de cunho público em Manaus, recenseava-se aproximadamente cerca de 30 mil habitantes¹⁵ naquela área. Atualmente, de acordo com o último censo realizado em 2010 pelo IBGE, a cidade está entre os 10 (dez) municípios mais populosos do Brasil, subindo, no *ranking* frente aos números do ano de 2000, de 9º para a 7º posição, com 1.805.525 milhões de habitantes.¹⁶ Todavia, tal reflexo populacional não foi visível na mesma escala percentual de crescimento à criação de bibliotecas públicas no município.

Nos dias de hoje, o Estado disponibiliza para o município 14 (quatorze) unidades públicas de informação¹⁷, sendo elas:

- Biblioteca Pública do Estado do Amazonas;
- Biblioteca Arthur Reis;
- Biblioteca Braille;
- Biblioteca Emídio Vaz D’Oliveira;
- Biblioteca Genesino Braga;

¹² Ver REIS, Arthur César Ferreira. *História do Amazonas*. 2.ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1989. p. 69-70. (Coleção Reconquista do Brasil; 2ª série; vol. 145).

¹³ De influência europeia, denominavam-se Salas de Leituras as pequenas bibliotecas cujos espaços limitavam-se a uma sala ou corredor.

¹⁴ Ver BRAGA, Genesino. *Nascença e vivência da Biblioteca do Amazonas*. 2. ed. Manaus: Imprensa Oficial, 1989.

¹⁵ Idem p. 25.

¹⁶ Ver http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=1766

¹⁷ Ver http://www.culturamazonas.am.gov.br/programas_02.php?cod=0242.

- Biblioteca Pe. Agostinho Martim Caballero;
- Biblioteca Mário Ypiranga Monteiro;
- Biblioteca de Artes;
- Biblioteca Virtual;
- Cantinho da Leitura - CDH/NAC-Sul;
- Gabinete de Leitura - Centro Cultural Palácio da Justiça;
- Sala de Leitura - Centro Convivência da Família Pe. Pedro Vignola;
- Sala de Leitura - Centro Estadual de Convivência do Idoso – Aparecida;
- Sala de Leitura - Centro de Artes e Ofícios da Cachoeirinha.

Em relação às bibliotecas públicas municipais, Manaus dispõe apenas de uma, a Biblioteca Municipal João Bosco Pantoja Evangelista, situada no centro da cidade. Outrora, há de se considerar as unidades mantidas pela Prefeitura em parceria com outras instituições, como o caso da biblioteca do Parque do Mindú e do Parque dos Bilhares, esta mantida em parceria com o Serviço Social da Indústria (SESI), e a biblioteca do Jardim Botânico Adolpho Ducke, constituída em parceria com o Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (INPA).

A situação das bibliotecas municipais na cidade é citada em uma pesquisa realizada pela Fundação Getúlio Vargas, de solicitação pelo Ministério da Cultura. Intitulado *1º Censo Nacional das Bibliotecas Públicas Municipais*, o estudo divulgado em abril de 2010, cuja coleta foi desenvolvida em 2009, com o objetivo de verificar o perfil destas unidades informacionais no país, revelou também um crítico cenário quanto ao seu investimento e ao seu quantitativo médio por habitantes, e em especial no Estado do Amazonas.

A partir dessa pesquisa, o Ministério da Cultura construiu dois instrumentos que possibilitam visualizar com maior intensidade a questão das bibliotecas municipais: o *ranking* dos municípios com bibliotecas abertas por 100 mil habitantes¹⁸ e o Mapa das Bibliotecas Públicas Municipais¹⁹.

No *ranking*, Manaus aparece em penúltima colocação (QUADRO 1) dentre os piores índices, com 0,05 bibliotecas a cada 100 mil habitantes. Nota-se, contudo, a existência de apenas uma unidade de biblioteca pública municipal sendo oferecida para toda população da cidade, reforçando o que já fora mencionado.

¹⁸ Ver <http://www.cultura.gov.br/site/wp-content/uploads/2010/05/rankingmunicipios1.pdf>

¹⁹ Ver <http://blogs.cultura.gov.br/bibliotecaviva/mapa-das-bibliotecas-publicas-municipais>

Quadro 1 – Ranking dos municípios com bibliotecas abertas por 100 mil habitantes: Manaus

Colocação	Região	Estado	Município	População	Biblioteca	BPM/100mil
256ª	Nordeste	Rio Grande do Norte	Natal	806.203	1	0,12403824
257ª	Sudeste	Rio de Janeiro	Nova Iguaçu	865.089	1	0,11559504
258ª	Sudeste	Rio de Janeiro	São Gonçalo	991.382	1	0,10086929
259ª	Sudeste	São Paulo	Guarulhos	1.299.283	1	0,07696553
260ª	Norte	Pará	Belém	1.437.600	1	0,06956038
261ª	Nordeste	Bahia	Salvador	2.998.056	2	0,06670989
262ª	Norte	Amazonas	Manaus	1.738.641	1	0,05751619
263ª	Nordeste	Ceará	Fortaleza	2.505.552	1	0,03991136

Fonte: Brasil (2010).

Essa situação torna-se ainda mais perceptível quando ao processo de assimilação é somada uma representação de imagem, como o Ministério da Cultura o fez em seu blog intitulado *Comunidade Biblioteca Viva*, no qual, utilizando-se de instrumentos promovidos pela internet, arquitetou um mapeamento das bibliotecas públicas municipais de todo o país.

Figura 1 - Mapa das Bibliotecas Públicas Municipais: Município de Manaus



Fonte: Comunidade Biblioteca Viva (2012).

O ponto em realce na Figura 1 é o indicador da única biblioteca pública municipal existente na região, ora representada anteriormente em tabela. Apresenta também o distanciamento desta unidade informacional de certas áreas da região que, apesar de localizar-se no centro da cidade, permanece à margem de grande parte de sua população.

Para tanto, ao destacar a cidade no mapeamento feito pelo Ministério da Cultura (FIGURA 1), o resultado da pesquisa é visto a partir de uma perspectiva espacial, o que contribui para um observar com mais clareza uma realidade até então desconhecida; não no sentido da falta de conhecimento sobre algo, mas o de um fato ignorado, tanto pelo Estado quanto pela própria população que não reconhece na biblioteca um agente capaz de promover sua cidadania em sentido mais amplo.

A partir da aritmética estabelecida no estatístico da pesquisa do Ministério da Cultura, considerando a identificação de 15 unidades informacionais, municipais e estaduais, destinadas ao acesso do público em geral e à disposição da população manauara, ter-se-á um índice de aproximadamente 1,2 bibliotecas públicas por 100 mil habitantes em Manaus. Contudo, apesar do aumento do índice, a incidência de bibliotecas públicas no município continua insuficiente.

Como a cidade está dividida geograficamente em 63 bairros²⁰, em plano idealizado far-se-ia necessário que cada uma de suas divisões contasse com uma unidade de informação pública, proporcionando ao usuário tanto a possibilidade de acesso aos registros de informação, como também à própria instituição, no que concerne a facilidade de se deslocar até ela.

A enfática relevância do quantitativo dessas unidades se dá pela questão de que a inexistência e a necessidade de bibliotecas que ofereçam serviço público fomentam o surgimento de iniciativas populares em torno da oferta desse serviço. Contudo, apesar desse fato ter bases históricas, como a exemplo o surgimento da primeira biblioteca pública no Brasil, o Estado permanece a passos curtos para sanar a problemática, e a população movimenta-se para amenizar sua indignação.

Caminhando ao lado das bibliotecas públicas, face aos seus objetivos, a presença de bibliotecas comunitárias na cidade reforça o ideário de possibilitar o

²⁰ Ver MANAUS. Lei nº 1.401, de 14 de janeiro de 2010. *Diário Oficial do Município*, Poder Executivo, ano XI, 14 jan. 2010. Edição 2365. Disponível em: <<http://implurb.manaus.am.gov.br/bairros-de-manaus/>>. Acesso em: 26 nov. 2011.

acesso à informação para a população, principalmente para os que não dispõem desta ou de qualquer outro instrumento que preencham suas necessidades informacionais.

Por detrás dos balcões e das estantes com livros há um contexto histórico de lutas, derrotas e reerguimentos de uma instituição cujos objetivos, funções e olhares vêm se renovando em prol o provimento informacional do indivíduo, da sociedade. As Bibliotecas Comunitárias, contudo, perpetuam-se numa continuidade dessa conjuntura, emergindo em lugares onde há o reconhecimento e ação frente ao impacto oriundo da ausência de unidades que promovam o acesso à informação. Entretanto, faz-se necessário o entendimento acerca dessas iniciativas, de modo a captar suas particularidades, contribuições e relevância para a população.

CAPÍTULO II

A LITERATURA FRENTE ÀS BIBLIOTECAS COMUNITÁRIAS

A construção do ser social, feita em boa parte pela educação, é a assimilação pelo indivíduo de uma série de normas e princípios - sejam morais, religiosos, éticos ou de comportamento - que baliza a conduta do indivíduo num grupo. O homem, mais do que formador da sociedade, é um produto dela.

Émile Durkheim

Neste segundo capítulo o propósito constitui uma abordagem geral acerca das bibliotecas comunitárias, no que concerne sua apreensão, elementos constitutivos e experiências no Brasil. Para tanto, este compreende três momentos: Acepções acerca do espaço biblioteca comunitária; Representação conceitual de bibliotecas comunitárias; e Iniciativas de bibliotecas comunitárias no Brasil.

2.1 Acepções acerca do espaço Biblioteca Comunitária

O surgimento das categorias de bibliotecas deu-se a partir da precisão do homem em, ao longo da história, suprir suas necessidades informacionais. O que não difere do aparecimento da biblioteca comunitária, que partindo de uma representação social, oriunda de um desejo individual e/ou coletivo de acesso e de disseminação do conhecimento registrado.

A terminologia Biblioteca Comunitária (BC) não representa apenas a união de duas palavras em seu sentido estrito – podendo ser entendida como uma biblioteca em uma comunidade – mas carrega consigo dois sentidos que se interligam mutuamente e que se sustentam na (re)construção de uma biblioteca.

Assim como discorre Machado (2009, p. 81), na linguagem o surgimento de novas expressões e termos acompanha o processo de transformação da própria sociedade, em um movimento de recriação constante de novos sentidos. Por vezes, esse fato traz dificuldades e causa estranheza de compreensão pelo indivíduo, bem como para o mundo científico em sua firmiação.

Muitas vezes, empregada como sinônimo de biblioteca pública e de biblioteca popular, o termo biblioteca comunitária (BC) vem sendo aplicado de maneira ambígua tanto pela sociedade em geral quanto pelo meio acadêmico.²¹ Nesse sentido, faz-se mister discutir o entendimento de comunidade para posterior compreensão do conjunto biblioteca comunitária.

A discussão acerca de comunidade é o primeiro ponto a ser abordado pelos autores que buscam pesquisar bibliotecas comunitárias, uma vez que, conforme Silva (2010, p. 10), a comunidade é a base para o surgimento da biblioteca, esta não vive sem a existência daquela.

Lenhard (1985, p. 37) entende por comunidade “[...] um conjunto de pessoas que encontra, numa determinada área geográfica, em que convive, satisfação a quase todas as suas necessidades sociais.”. Ao defini-la o autor deixa claro pontos básicos que necessitam coexistir paralelamente para fomentar a existência de uma comunidade: um grupo de pessoas + um local delimitado + o atendimento de certos padrões de consumo e bem-estar.

Ao discorrer sobre o tema, Hillman (1974, p. 21-25) ressalta que como todo grupo de pessoas, a comunidade incide nas relações entre os indivíduos, que dependem de símbolos e valores comuns, acrescido de suas diversas maneiras de reações e do meio de manifestação de suas interações sociais. Embora afirmando que comunidade é um conjunto de pessoas situado geograficamente em um mesmo espaço, o autor enfatiza que a interdependência econômica e social de seus membros ultrapassa os limites de sua área, podendo assim “[...] transcender os limites traçados pela divisão territorial.” (HILLMAN, 1974, p. 25). Portanto, a comunidade se faz a partir da união de pessoas em vivência e compartilhamento de

²¹ Ver MACHADO, Elisa Campos. *Uma discussão acerca do conceito de biblioteca comunitária*. Disponível em: <http://www.sbu.unicamp.br/seer/ojs/index.php/sbu_rci/article/viewFile/420/283>. Acesso em: 25 mar. 2011; e SILVA, Jonathan Luiz Carvalho. Uma análise terminológica dos termos biblioteca comunitária e popular: o desiderato da ação social e o estímulo da cultura à comunidade. *Cultura em Recorte: Revista Eletrônica de Museologia e Ação Cultural*, Campinas, v. 2, n. 1, p. 5-21, jan./jun. 2010. Disponível em: <<http://www.culturaemrecorte.org/ojs-2.3.1-2/index.php/CEREMAC/article/view/7/5>> Acesso em: 20 mar. 2011.

uma extensa bagagem de interesses comuns, como os ideais, a religião, as pretensões.

Segundo Fernandes (1973, p. 122), comunidade:

É o termo que aplicamos a um povoamento de pioneiros, a uma aldeia, uma cidade, uma tribo ou uma nação. Onde quer que os membros de qualquer grupo, pequeno ou grande, vivam juntos e de modo tal que partilhem, não deste ou daquele interesse, mas das condições básicas de uma vida em comum, chamamos a esse grupo comunidade. O que caracteriza uma comunidade é que a vida de alguém pode ser totalmente vivida dentro dela. [...]. O critério básico da comunidade, portanto, está em que todas as relações sociais de alguém podem ser encontradas dentro dela. As comunidades não necessitam ser autosuficientes. Algumas comunidades são autosuficientes e não dependem de outras.

O sentido de comunidade carrega consigo uma particularidade singular no que tange sua compreensão, atendendo não só a interesses em comum, mas a uma vida em comum. A idéia de comunidade está atrelada a possibilidade de uma vivência social completa em seu seio, abrangendo o encontro de todas as relações de um indivíduo.

Outro ponto de extrema relevância levantado pelo autor diz respeito às bases da comunidade: localidade e sentimento de comunidade. A questão da localidade, reiterada pelos outros autores, está atrelada a área geográfica de ocupação do grupo. Contudo, prevalece-se de suas condições locais extraindo um intenso vínculo de solidariedade. O sentimento de comunidade, aludido pelo autor, está vinculado à coesão social, na qual a consciência de pertencimento a um local específico e a partilha de interesses comuns instigam na coparticipação dos indivíduos. Portanto, a comunidade nada mais é, senão um local, geograficamente limitado, de coletividade, onde: “Tem que haver vida em comum com a noção de que se compartilha tanto de um modo de vida quanto da terra comum.” (FERNANDES, 1973, p.122-125).

Como aponta Machado (2008, p. 29), ao iniciar sua análise a respeito do conceito de comunidade, apesar de diversas as definições existentes quanto à sua natureza há um ponto em comum entre tais conceitos, no qual se concorda que a comunidade possua a característica distinta de um espaço territorial específico e limitado.

Em discussão sobre o termo, dos extratos teóricos examinados pelo autor, uma comunidade assim se designa pelo espaço físico compartilhado, pelo sentimento de comunidade por parte do indivíduo, pela vivência, interação e

intimidade entre os pares do grupo, bem como pelo campo multifacetado de articulação local, destacando ainda a questão de participação e responsabilidade que são necessárias entre os indivíduos do grupo.

Se antes, dentro do contexto histórico a sintomática gramatical de comunidade tinha aparência de coletividade, solidariedade, segurança, valendo-se do interesse do grupo, o homem dos últimos séculos procurou no sentido de comunidade a satisfação primeira de interesses pessoais causando prejuízos e deturpando os preceitos dos interesses de um coletivo (SILVA, 2010, p. 11).

Tanto Machado (2008, p. 31-32) quanto Silva (2010, p. 10-11), no discorrer de suas discussões acerca da conceitualização do termo, são enfáticos ao teorizar que os discursos sobre a temática apresentam um tipo de cenário que não se encaixa nos dias atuais, onde o sentido de comunidade permanece apenas no campo ideológico, considerando também a questão de que na sociedade de hoje o individualismo vem cada vez mais se sobrepondo ao caráter coletivo.

Dada a exposição teórica, conclui-se que comunidade é um agrupamento situado de pessoas que possuem uma relação interpessoal íntima e de cooperação e participação, e que estão conectados de maneira suficiente a satisfazer entre si suas necessidades sociais. Outrora, é importante perceber que sua definição perdeu forças no sentido de sua aplicação na atual sociedade.

Desse modo, a correlação probabilística do uso do termo comunidade na formação linguística do termo Biblioteca Comunitária, se faz em uma concepção idealista e no uso fragmentado de seu conceito, uma vez que o erguimento desta biblioteca toma como base algumas características representativas da noção de comunidade.

2.2 Representação conceitual das Bibliotecas Comunitárias

Uma biblioteca comunitária representa, antes de tudo, uma ação social voltada à promoção do acesso aos saberes registrados, que serve a um conjunto de pessoas as quais vivem em uma determinada área geográfica. A premissa oferece início a um panorama que circunda uma trama de agentes e atores sociais, que por sua vez, articulam ações na geração de possibilidades de inclusão e participação igualitária da vida em sociedade.

A definição de biblioteca comunitária, como alguns autores enfatizam, não é uma tarefa simples e fácil de traçar. A utilização do termo a partir do senso comum vem sendo consagrada tanto na população civil quanto na acadêmica, a ponto de confundir ou relativizar sua essência a um fato que não agregue tanta riqueza e relevância à sociedade.

Apesar da literatura acerca da temática biblioteca comunitária apresentar-se escassa no país em meados de 2010, há de se considerar que até o final do ano de 2011 houve um aumento considerável dos registros de estudo desse tema, possibilitando novas perspectivas, debates e firmações acerca do assunto.

Ao discorrer acerca do conceito de bibliotecas comunitárias, Machado (2008) apresenta um recorte teórico de alguns autores que, em suas pesquisas, relatos de experiências e projetos, trazem a temática para discussão e conhecimento, conforme Quadro 2.

Quadro 2 – Definições de Bibliotecas Comunitárias

AUTOR/DATA	DEFINIÇÃO
Badke (1984)	Discorre a biblioteca comunitária denominando-a como biblioteca popular, por ser feita pelo povo e para o povo, cuja característica é dada pela origem da vontade, necessidade e trabalho de uma comunidade com o intuito de transformação da realidade local.
Jesus (2007)	Aponta as bibliotecas comunitárias como um “fenômeno em construção” e mostra-se a favor da parceria com o poder público para a sua concretização.
Ab´Sáber (2005)	Considera as iniciativas como espaços complementares à formação escolar, dado o fracasso das bibliotecas em atingir tal objetivo, podendo ser exemplos de estratégias culturais para menores e adolescentes.
Almeida e Machado (2006)	As bibliotecas comunitárias deste estudo são evidenciadas como resultado de iniciativas autônomas, quando muito apoiadas por agentes sociais que não são da comunidade local e sim de organizações do Terceiro Setor.

Fonte: Machado (2008).

Nota: Organizado pelo autora (2013).

Nos discursos apresentados, a biblioteca comunitária é demandada por meio de ações sociais, construída pelo esforço popular e instituída para sanar a carência informacional de uma dada região.

Para Machado (2009, p. 91), a biblioteca comunitária configura-se como:

Um projeto social que tem por objetivo estabelecer-se como uma entidade autônoma, sem vínculo direto com instituições governamentais, articuladas com as instâncias públicas e privadas locais, lideradas por um grupo organizado de pessoas, com o objetivo comum de ampliar o acesso da comunidade à informação, à leitura e ao livro, com vistas a sua emancipação social.

Os projetos sociais surgem a partir da problemática concreta emergente de uma dada necessidade da sociedade. Como projeto social, a biblioteca comunitária é então fruto de um desejo de mudança de uma realidade, uma aspiração individual ou coletiva de pessoas que buscam melhorias em seu meio. Gerida por um grupo de pessoas, essas iniciativas firmam-se como autônomas e, apesar de não possuir vínculo direto com o governo, se articulam tanto com os setores privados quanto os públicos para fins de obtenção de incentivos.

Essas iniciativas podem ser vistas como um exercício de cidadania, ao passo que mobiliza as pessoas em benefício do outro, intervindo e participando direta ou indiretamente no meio político. Caminha também na possibilidade de um despertar solidário do indivíduo, e de sua conscientização frente ao seu papel na sociedade, visionando sua emancipação.

Na visão de Jesus (2007, p. 2-4), a sociedade vem se organizando em várias áreas para a mudança de uma realidade. Sendo assim, no campo informacional, a Biblioteca Comunitária surge como um meio alternativo constituído pela sociedade, voltado para a difusão informativa e cultural em áreas de “carência econômica”, ou regiões de exclusão social. Tal movimentação é oriunda de um cenário onde, apesar da chamada era da informação, há pessoas em situação de desinformação que se vêem excluídas do direito de participação, somada à omissão do Estado quanto à problemática.

Do mesmo modo, Blank e Sarmiento (2010, p. 143) abordam essas iniciativas definindo-as como um remédio a uma determinada comunidade que sofre com a exclusão social, as desigualdade e injustiças.

Para Vieira (2007, p. 82), trata-se de uma biblioteca pública modificada, analisada como uma das possibilidades das classes populares de poder ter acesso

aos registros de conhecimento e à informação de modo geral, sendo assim categorizada dentre os instrumentos que destinados à inclusão cultural.

O Ministério da Cultura (2010), em seus editais²² de concurso para apoio às bibliotecas comunitárias, discorre:

O Conceito de Biblioteca Comunitária é de espaço físico criado e mantido por iniciativa da comunidade, sem intervenção do poder público, possui acervo bibliográfico multidisciplinar e minimamente organizado e tem por objetivo ampliar o acesso da comunidade à informação, ao livro a leitura.

Tal conceito apresenta-se imperativo quanto aos recursos que o lugar precisa dispor e da necessidade de um profissional da área de Biblioteconomia, quando confere um acervo *minimamente organizado*, pois cabe exclusivamente a este especialista alcançar tal exigência.

Dado o exposto, buscou-se alcançar para esta pesquisa um conceito para as então intituladas bibliotecas comunitárias, contudo que possa atender as particularidades desses ambientes e de seus sujeitos.

Nesse sentido, entende-se uma Biblioteca Comunitária como uma instituição autônoma, de criação popular ou do terceiro setor que, com o envolvimento dos sujeitos locais, busca oferecer o acesso à informação e à leitura para uma dada comunidade em situação de carência. Desse modo, tais espaços possuem características distintas, face à comunidade onde está inserida.

Compreende-se, nesta pesquisa, entretanto, que a biblioteca comunitária por ser livre, não está amarrada a leis ou padrões socialmente impostos para o seu funcionamento ou organização, haja vista sua liberdade de estabelecer suas próprias normas e funcionar a partir de seus próprios princípios.

Ademais, esses novos espaços são iniciativas de práticas espontâneas que independem de pré-requisitos para serem alçados, onde qualquer cidadão comum imbuído ou não de um saber formal, com ou sem incentivos externos, a idealizam e a constroem (MACHADO, 2008, p. 49-50).

Das proposições que impulsionam o surgimento dessas iniciativas, dá-se um primeiro destaque à falta de bibliotecas públicas em várias regiões do país. Por conseguinte, ao distanciamento das bibliotecas públicas existentes da sociedade,

²² Ver http://www2.cultura.gov.br/site/wp-content/uploads/2010/06/edital_bibliotecas_comunitarias_do_ceara1.pdf

tanto no aspecto geográfico quanto no de sua atuação junto à população.²³ As bibliotecas escolares também fazem parte desta trama, por sua carência²⁴ e por não serem capazes de suprir as necessidades informacionais da população escolar, conforme destaca Vieira (2007, p. 77) ao afirmar que muitas das bibliotecas comunitárias “[...] cobrem a lacuna deixada pela ineficiência das bibliotecas escolares.”.

Como sementes do saber, as bibliotecas comunitárias são espalhadas por toda uma região, almejando estabelecer-se, fincar raízes, crescer, dar frutos, para alimentar e contribuir com o bem estar do indivíduo.

Sua riqueza está para além de seus objetivos, pois contempla elementos que norteiam não só o desenvolvimento intelectual do indivíduo, mas também o humanitário, político e social. Contudo, a necessidade de reconhecimento pelos seus pares e pela população é vital para que a biblioteca comunitária cresça e permaneça com suas ações. Para tanto, faz-se essencial uma desconstrução com o que se tem de senso comum acerca dessas bibliotecas, para assim possibilitar entendimento factual e construir sólidos alicerces sobre esse objeto.

2.2.1 Conflitos e contraposições

A ambiguidade no emprego do termo biblioteca comunitária é vista em sua forma de uso pela esfera pública, pela população civil, bem como pela própria academia, que normalmente a utiliza a partir de uma perspectiva de senso comum, confundindo-a como a terminologia biblioteca popular e até mesmo com a tipologia biblioteca pública. Contudo, alguns autores como Vieira (2007), Machado (2008; 2009) e Silva (2010), dentre outros, debatem a problemática, deixando claro que há distinção entre elas e que, portanto, devem ser tratadas em sua singularidade.

Outrora, Machado (2008) monta um quadro comparativo com o intuito de possibilitar melhor visualização acerca das diferenças entre a biblioteca pública e biblioteca comunitária (QUADRO 3).

²³ Ver MACHADO, Elisa Campos. *Bibliotecas comunitárias como prática social no Brasil*. 2008. 184 p. Tese (Doutorado)-Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

²⁴ Ver FERREIRA, Manuella Marinho et al. I Fórum de gestores de Bibliotecas Comunitárias do município de Manaus: uma discussão para o fortalecimento dessas iniciativas. In: ENCONTRO REGIONAL DE ESTUDANTES DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO, CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO E GESTÃO DA INFORMAÇÃO, 14., 2011, Manaus.

Quadro 3 - Diferenças entre bibliotecas públicas e comunitárias

CARACTERÍSTICAS	BIBLIOTECAS PÚBLICAS	BIBLIOTECAS COMUNITÁRIAS
Fundamentação	Projeto técnico	Projeto político social
Legitimidade	Dada pelas leis	Dada pelo grupo
Estrutura	Vinculada a órgão governamental	Vinculada a um grupo de pessoas, podendo ou não ser parceira ou ter apoio de órgão públicos e privados.
Hierarquia	Rígida – altamente hierarquizada	Mínima - Flexível
Equipe Interna – Constituição	Funcionários da Administração Pública, alocados no equipamento independentemente do seu vínculo local.	Membros da comunidade
Equipe interna - Postura	Dependência	Autonomia

Fonte: Machado (2008).

A Biblioteca Pública primeiramente se caracteriza como um espaço público de informação, que normalmente atende mais de uma comunidade. Por conseguinte, são criadas no Brasil por meio de leis e mantidas pelo governo, concebendo influências políticas e ideológicas do Estado. Por sua vez, a Biblioteca Popular, também criada e mantida pelo setor público, se apresenta como uma extensão da Biblioteca Pública, em uma tentativa de aproximação desta com a comunidade na qual está inserida, como acrescenta Machado (2009, p. 85),

Alguns estados e municípios brasileiros, com o objetivo de aproximar as bibliotecas públicas de suas comunidades, passaram a denominá-las como bibliotecas populares [...]. ao substituir pública por popular, parece-nos que o estado espera, com isso, fazer com que o imaginário da sociedade capture esse termo e o incorpore ao espaço público da biblioteca como uma qualidade de experiências sociais, políticas e culturais. No entanto, essas bibliotecas continuaram as mesmas, ou seja, as mudanças ficaram apenas no campo semântico e não foram suficientes para garantir a sua incorporação no campo da prática ou da ação.

Assim sendo, a biblioteca popular é apenas uma designação dada pelo Estado à própria biblioteca pública, cujos interesses servem a uma ideologia dominante e a um projeto político demagógico, atravessando as reais necessidades da(s) comunidade(s) onde são instaladas. Outrora a Biblioteca Comunitária, também caracterizada como um espaço público, é uma instituição designada como autônoma, idealizada e criada por indivíduo(s) da própria comunidade ou pelo

terceiro setor, priorizando as necessidades locais de informação que, apesar de não dispor de muitos recursos, está em busca da emancipação de um coletivo.

Quanto ao acervo e serviço, estas unidades, em sua maioria, encontram no livro seu principal recurso para disponibilizar registros do conhecimento, oferecendo serviços voltados às atividades de incentivo à leitura. Para tanto, apesar de estar contribuindo significativamente como um apoio cultural, informativo e com a formação de leitores, entre outros aspectos, sua limitação ao suporte impresso torna-se um filtro, excluindo de sua utilização aqueles que não possuem acesso à escrita ou capacitação de leitura.

Uma constante preocupação com relação às bibliotecas comunitárias está relacionada à sua manutenção. Como exposto, ela advém de uma criação individual ou coletiva, portanto idealizações sociais, que possivelmente podem não contar com apoio financeiro de outrem, em acordo com Ferreira et al (2011, s.p.): “As bibliotecas comunitárias muitas vezes nascem de um ato de boa fé, mas apenas isso não é suficiente, pois quando vêm as dificuldades [...] a iniciativa acaba por fracassar.”. Para tanto, é necessário que seu idealizador conscientize-se da captação de um apoio para a promoção da biblioteca, e se articule com as diversas instituições privadas e públicas, a fim de manter-se em seus serviços, coleção, estrutura e assim alcançar seus objetivos.

2.3 Iniciativas de bibliotecas comunitárias no Brasil

As Bibliotecas Comunitárias no Brasil surgem de maneira informal, autônoma, e muitas vezes sem nenhum tipo de registro que acompanhe sua constituição. Contudo, a visibilidade de seu crescimento no país é possível por meio de estudos já realizados, da criação de blogs como redes de bibliotecas, de relatos de experiência e da promoção e divulgação das bibliotecas comunitárias na mídia.

A *Internet* vem sendo o principal veículo de comunicação e disseminação dessas iniciativas, pois, em sua maioria, não necessita de custos para sua difusão. Desse modo, aparece como fonte fundamental para a extração de informações sobre a temática. Ademais, encontra-se também grande quantidade de projetos como proposta para a implantação de bibliotecas comunitárias, dentre eles o caso da Biblioteca Comunitária de Heliópolis, onde Machado (2005) o propõe como

projeto participativo e de inclusão sociocultural, cuja ação faz parte do Programa Identidade Cultural de Heliópolis. E ainda Soares (2010), que discorre do projeto de implantação e da necessidade de uma biblioteca comunitária em Paço do Lumiar, na ilha de São Luís.

Na cidade de Salvador, Jesus (2007) destaca 11 dessas iniciativas e enfatiza a importância da biblioteca comunitária para a integração e participação do indivíduo na sociedade e da necessidade da implantação destes organismos em áreas de exclusão social.

No mesmo período, ao estudar as bibliotecas comunitárias de Belo Horizonte, Vieira (2007, p. 135-137) identifica 38 dessas iniciativas, situando-as por área em um quadro demonstrativo (QUADRO 4). Em demonstração da grande contradição existente com relação à oferta de biblioteca gerada por movimentos sociais e a oferecida pelo Estado, o autor também destaca que a capital conta com um total de 10 bibliotecas públicas oficializadas, até o ano de 2007.

Alberto (2008) discorre sobre a criação da Biblioteca Comunitária da Casa da Criança, de iniciativa do Programa Einstein em articulação a parcerias diversas e a própria comunidade, e de como essa iniciativa deu motivação para a criação de mais três bibliotecas comunitárias - Biblioteca BECEI (gerida por um morador), Biblioteca da União dos Moradores e Biblioteca do Espaço Esportivo e Cultural Bovespa - na mesma região, na comunidade de Paraisópolis/SP, considerada a 2ª maior favela do Estado.

Quadro 4 – Distribuição de Bibliotecas Comunitárias em BH, ano 2007

DISTRIBUIÇÃO DE BIBLIOTECAS COMUNITÁRIAS POR REGIÕES E BAIRROS DE BELO HORIZONTE.		
REGIÕES	BIB.COMUNIT.	BAIRROS
1 Barreiro	1	Flávio Marques Lisboa
2 Centro-Sul	8	Carmo-Sion, Sion, Vila Aparecida(São Lucas), Centro, Vila Marçola, Barragem Santa Lúcia, Santa Efigênia , Serra.
3 Leste -	2	Pompéia, Instituto Agrônômico.
4 Nordeste -	5	Eymard, Parque Belmonte, Ribeiro de Abreu, São Gabriel, São Paulo.
5 Noroeste -	4	Alípio de Melo, São Salvador, Vila Califórnia, Vila Sumaré.
6 Norte -	6	Aarão Reis, Jardim Felicidade, Planalto, 1º de Maio, Providência, Tupi.
7 Oeste -	6	Buritis, Cabana, Morro das Pedras, Gutierrez, Nova Gameleira, Nova Granada.
8 Pampulha	0	
9 Venda Nova	6	Candelária, Céu Azul (2), Jardim Leblon, Maria Helena, Nova York.
Total	38	

Fonte: Vieira (2007).

Ao fazer um levantamento acerca desses espaços no país, Machado (2008, p. 93) identificou 350 iniciativas de bibliotecas comunitárias em todo o Brasil (TABELA 1), cuja maior concentração apresenta-se na região sudeste e norte. Destacamos que em Mato Grosso do Sul, Paraíba e Piauí a autora não constatou nenhuma biblioteca comunitária, mas reitera que esse resultado obtido por sua pesquisa não deduz em definitivo que essas áreas não possuem tais experiências.

Sendo a cidade de Manaus o *locus* desta dissertação, faz-se outro destaque no trabalho de Machado (2008), no qual a autora fez registro de 30 bibliotecas desse porte no estado do Amazonas.

Tabela 1 – Distribuição de Bibliotecas Comunitárias identificadas em todo o Brasil, ano 2008

ESTADO	QUANTIDADE	%
SP	94	26,85
PA	37	10,57
RJ	32	9,14
BA	31	8,85
AM	30	8,57
PE	24	6,85
MG	19	5,42
MA	17	4,85
TO	10	2,85
RR	9	2,57
AP	8	2,28
AC	7	2
RO	6	1,71
MT	5	1,42
AL	4	1,14
RS	4	1,14
DF	3	0,85
CE	3	0,85
SC	2	0,57
GO	1	0,28
RN	1	0,28
SE	1	0,28
ES	1	0,28
PR	1	0,28
MS	0	0
PB	0	0
PI	0	0
Total	350	100

Fonte: Machado (2008).

Uma informação interessante a respeito de suas instalações é que essas iniciativas vêm sendo implantadas nos mais diferentes locais: dentro de uma borracharia, em salas de velório, etc. Outra questão relevante é relativa à sua distribuição demográfica, uma vez que dentre as iniciativas identificadas 33,42% estão localizadas nos grandes centros urbanos e a grande maioria, 66,57%, em zonas rurais (MACHADO, 2008, p. 94-96).

A autora pontua que as bibliotecas comunitárias são construídas a partir de iniciativas individuais e coletivas (externas ou internas). As individuais são as nascidas do desejo de um único indivíduo, que de maneira voluntária, dispõe de seu espaço particular para instalar a biblioteca. As de cunho coletivo são referentes àquelas oriundas da iniciativa de um grupo de pessoas, que estão divididas em externas e internas à comunidade. A primeira representada por instituições não governamentais, privadas ou do terceiro setor, e a segunda identificada por grupos de jovens organizados em movimentos sociais daquela área que podem ou não possuir vínculos com empresas privadas, como associações de bairros, igrejas, instituições de ensino, filantropias, dentre outros²⁵.

A Biblioteca Comunitária em Duque de Caxias, no Rio de Janeiro/RJ, idealizada por um grupo de amigos, com funcionamento em uma residência, é citada por Soares (2010). Outra experiência de biblioteca comunitária na mesma região é descrita por Mota et al (S.d.), que apresenta a Biblioteca São Jerônimo. Esta biblioteca comunitária é resultado de um planejamento composto por um membro religioso e uma bibliotecária, e implantado por estes e com a ajuda da comunidade local. Estabelecida em uma paróquia, a biblioteca possui ótimas instalações, além de oferecer diversos serviços para seus usuários. Na busca por parcerias, a biblioteca fez-se parte do Programa Bibliotecas/FUST que promove curso de capacitação para os envolvidos e ajuda com equipamentos. Santos, Senna e Miranda (2010), evidenciam mais uma experiência identificada nesse estado, a Biblioteca Comunitária Escritor Lima Barreto que, situada no Complexo da Maré, este composto por 16 comunidades, constitui uma iniciativa da organização não governamental Redes de Desenvolvimento da Maré (REDES) em parceria com a UFRJ.

Na busca por essas iniciativas, Bastos (2010, p. 78-79) destaca 16 delas espalhadas pelo país: São Paulo (3 unidades), Bahia, Belo Horizonte, Goiás, Pernambuco, Paraná, Minas Gerais, Alagoas, Maranhão, Rio de Janeiro, Paraíba, Espírito Santo, Santa Catarina e Região Norte (Projeto Vaga-Lume).

Em confirmação do que foi posto por Machado (2008), com relação a não identificação de bibliotecas comunitárias no Estado de Piauí, de acordo com Mesquita et al (2011), na cidade de Tereseina/PI, Vila Irmã Dulce (zona periférica da

²⁵ Ver MACHADO, Elisa Campos. *Bibliotecas comunitárias como prática social no Brasil*. 2008. 184 p. Tese (Doutorado)-Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

cidade), no Centro da Juventude Santa Cabrini, há a Biblioteca Comunitária Cabrianiana, mantida pela associação Madre Cabrini, a qual atende alunos do Centro Municipal de Educação Infantil (CMEI) e a comunidade local. Contou com parcerias na aquisição dos equipamentos, mobiliários e acervo, possui um profissional bibliotecário voluntário para o tratamento do acervo, cujo atendimento é feito pelos funcionários e também por voluntariados daquela comunidade.

Gradativamente as descobertas das iniciativas de criação de bibliotecas comunitárias no país vêm sendo disseminadas, bem como o aumento da produção de informação sobre essas experiências por meio de estudos. Isso contribui com o crescimento das bibliotecas comunitárias e reforça a relevância de sua atuação na comunidade na qual está inserida, permitindo um ganho ímpar no combate à exclusão social e ampliando, contudo, o alcance de uma real democratização da informação.

Outrora, essas iniciativas também se mostram uma realidade em Manaus/AM, cujos registros, por exemplo, podem ser evidenciados em utilização da *Internet*, como é o caso da Biblioteca Comunitária do Jorge Teixeira, na sede da Organização Não Governamental (ONG) Serviços de Apoio aos Profissionais (SAPS); contudo, poucas são as informações seguras e contínuas acerca desses ambientes informacionais nessa região. Nesse sentido, as intituladas bibliotecas comunitárias de Manaus são objetos do próximo capítulo, cujo intuito está em evidenciar, conhecer, compreender e traçar possíveis reflexões de tais fenômenos na cidade.

CAPÍTULO III

ANÁLISE DOS ESPAÇOS INTITULADOS BIBLIOTECAS COMUNITÁRIAS NA CIDADE DE MANAUS

O imaginário das bibliotecas é atravessado por tensões contraditórias, representações e valorizações antitéticas dos saberes. É um espaço de confronto, de sonhos e pesadelos, onde vêm se inscrever as angústias e esperanças de uma época, e também suas contradições e confusões.

Jean-Marie Goulemont

Este capítulo analisa, por meio dos dados colhidos no estudo de campo, as bibliotecas comunitárias no âmbito da cidade de Manaus, no que consiste a formação desses espaços pelo sujeito criador e o envolvimento da comunidade onde está inserida. Desse modo, sua estrutura constitui-se em seis tópicos: Levantamento e identificação; A escolha dos ambientes e os sujeitos da pesquisa; Caracterização das bibliotecas comunitárias e dos sujeitos criadores; Contexto de formação dos espaços sob a perspectiva do sujeito criador: influências, motivações e construção; compreensão acerca de bibliotecas comunitárias; reflexão sobre as bibliotecas comunitárias no contexto de Manaus.

3.1 Levantamento e identificação

Os dados outrora apontados por Machado (2008), no qual foi possível a identificação de um quantitativo de 30 unidades BC's no Amazonas, trouxe grande expectativa quanto ao encontro dessas iniciativas na capital do estado, *lócus* da pesquisa.

O início da busca pelos espaços em Manaus que autointitulam-se bibliotecas comunitárias foi promissor ocorreu por um levantamento preliminar na *Internet*, uma vez que esta se tornou, nos dias atuais, uma das principais e mais utilizadas ferramentas midiáticas para ascender ou tornar visíveis ações, empreendimentos, entre outros. A segunda fonte deu-se por indicação dos docentes da Universidade Federal do Amazonas (UFAM), pelo conhecimento e atualização acerca do objeto de pesquisa. Posteriormente, as informações obtidas por meio terceiros (amigos, parentes e conhecidos) foram primordiais para o encontro de lugares que até então estariam ocultos na pesquisa.

Como resultado, foram identificados 12 espaços distribuídos por toda a cidade, como segue:

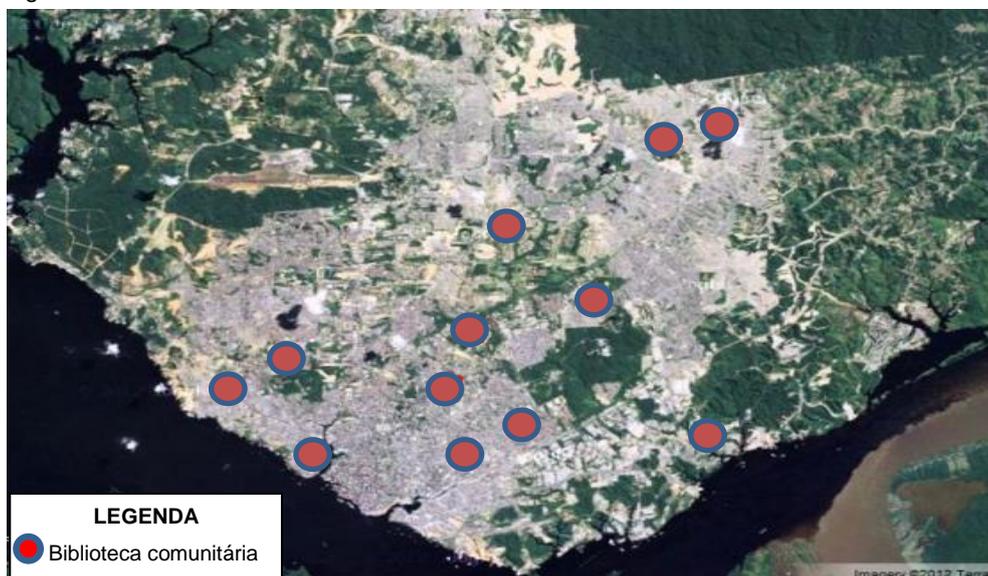
- a) Biblioteca comunitária Raimunda Batalha, no prédio da Legião Franciscana LEFRAN – Rua Senador Cunha Melo, São Jorge, Manaus/AM;
- b) Biblioteca Comunitária da Igreja São Raimundo Nonato - Praça São Raimundo, Manaus/AM;
- c) Biblioteca Comunitária da Compensa, na Igreja Nossa Senhora do Perpétuo Socorro – Rua Castelo Branco, s/nº, Compensa, Manaus/AM;
- d) Biblioteca Comunitária Osvaldo Hanger, no Clube das Mães Nossa Senhora de Nazaré – Rua Jonas da Silva, São Francisco, Manaus/AM;
- e) Biblioteca Comunitária Socorro Chaves, no Instituto Tecnológico Alternativo de Petrópolis – Rua Coronel Ferreira de Araújo, nº 115, Petrópolis, Manaus/AM;
- f) Biblioteca Comunitária do Parque Dez, no Centro Social Urbano (CSU) do Parque Dez - Rua Vinte e Dois, nº 884, Parque Dez de Novembro, Manaus/AM;
- g) Biblioteca Comunitária do Ouro Verde – Rua A, nº 10, Loteamento Carijó, Estrada do Aleixo, Manaus/AM;
- h) Biblioteca Comunitária Semeando Saberes, no Clube de Mães da Japiinlândia - Rua Maria Mansour (Antiga Portugal), nº 533, Japiim, Manaus/AM;
- i) Biblioteca Comunitária Marne – Rua 10, nº 354, Conj. Costa e Silva, Raiz, Manaus/AM;
- j) Biblioteca Comunitária Prof. Tenório Telles, no Centro Social da Igreja Cristo Rei – Rua Nova Esperança, nº 765, Jorge Teixeira, Manaus/AM;

- k) Biblioteca Comunitária do Jorge Teixeira, na sede da Organização Não Governamental (ONG) Serviços de Apoio aos Profissionais (SAPS) - Avenida Brigadeiro Hilário Gurjão, nº 1816, Jorge Teixeira, Manaus/AM;
- l) Biblioteca Comunitária Frei Miguel Kellet, na Capela Nossa Senhora das Graças - Rua Ferreria, nº 179, Mauzinho II, Manaus/AM.

Todos os possíveis espaços, identificados por diversas fontes, foram observados de modo a possibilitar o estabelecimento de critérios para a seleção de dois como objeto desta pesquisa. Ademais, buscava-se também a oportunidade de conhecer e explorar um pouco sobre cada um desses espaços, na expectativa de socialização dessas informações e possível contribuição com o conhecimento e reconhecimento social e acadêmico de tais organismos.

A partir das informações obtidas, acerca dos espaços bibliotecas comunitárias existentes em Manaus, até início de 2012, é possível observar sua inserção na teia urbana da cidade (FIGURA 2).

Figura 2 – Cidade de Manaus: bibliotecas comunitárias identificadas



Fonte: Coleta de dados (2012).

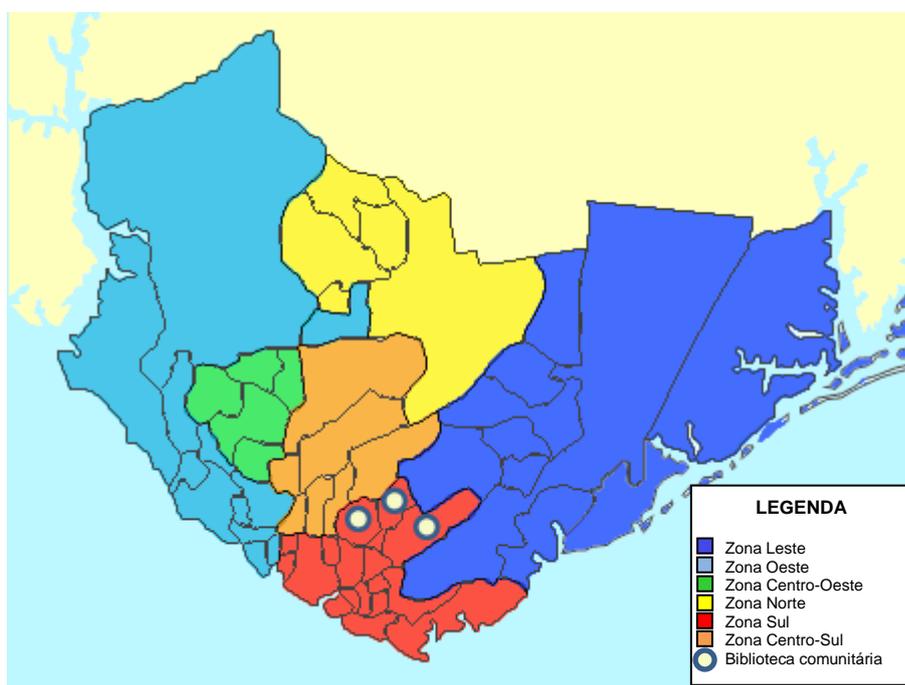
Nota: Imagem extraída do *Google Maps*, com adaptação.

Os pontos em vermelho ressaltados no mapa de Manaus (FIGURA 2) representam as bibliotecas comunitárias identificadas na cidade e possibilitam melhor visualização deste cenário, demonstrando a localização de cada espaço que, por sua vez, encontram-se distribuídos por toda cidade.

Após a verificação e confirmação da existência desses espaços, o resultado aponta uma grande contradição com as informações levantadas acerca da experiência ativa dessas bibliotecas na cidade, implicando em sua pouca oferta.

De acordo com o levantamento, 12 unidades foram identificadas, contudo somente 3 existem concretamente na cidade de Manaus. Ademais, esses espaços, outrora espalhados por toda cidade, apresentam-se com concentração em apenas uma área, sendo na Zona Sul o seu principal foco, conforme exposto na Figura 3.

Figura 3 – Cidade de Manaus - zonas administrativas: bibliotecas comunitárias constatadas.



Fonte: Coleta de dados *in loco* (2012).

Nota: Imagem adaptada, extraída do site <http://www.arsam.am.gov.br/novo/?q=node/163>.

O alcance desse resultado foi possível por meio de pesquisa *in loco*, após diversas visitas realizadas para confirmar a informação da existência desses espaços, em diferentes dias e períodos (manhã, tarde e noite), uma vez que os horários de seu provável funcionamento eram desconhecidos. Contudo, a situação encontrada apresentou-se negativa em sua maioria, tal como pode ser observado no Quadro 5.

Quadro 5 – Situação dos espaços bibliotecas comunitárias identificadas em Manaus/AM

BIBLIOTECAS COMUNITÁRIAS EM MANAUS/AM	
ESPAÇOS IDENTIFICADOS	SITUAÇÃO ATUAL
a) Biblioteca Comunitária Raimunda Batalha	- Desativada. O prédio onde se instalava foi vendido.
b) Biblioteca Comunitária da Igreja São Raimundo Nonato	- Não foi concebida. Teve o início, mas não se concretizou.
c) Biblioteca Comunitária da Compensa	- Desativada. Falta de voluntários para administrar, bem como não havia demanda para o seu uso.
d) Biblioteca Comunitária Osvaldo Hanger	- Em funcionamento.
e) Biblioteca comunitária Socorro Chaves	- Em funcionamento.
f) Biblioteca comunitária do Parque Dez	- Desativada.
g) Biblioteca comunitária do Ouro Verde	- Endereço não encontrado. As famílias das proximidades informam que desconhecem a existência desse espaço.
h) Biblioteca Comunitária Semeando Saberes	- Em funcionamento.
i) Biblioteca Comunitária Marne	- Endereço não encontrado. As famílias das proximidades informam que desconhecem a existência desse espaço.
j) Biblioteca comunitária Prof. Tenório Telles	- Desativada. Falta de voluntários para administrar, bem como não havia demanda para o seu uso.
k) Biblioteca Comunitária do Jorge Teixeira	- Fechado. Nas cinco visitas ao local, este permanecia fechado, não sendo possível a confirmação da existência de uma biblioteca comunitária no lugar. As famílias das proximidades informam que desconhecem a existência desse espaço.
l) Biblioteca Comunitária Frei Miguel Kellet	- Desativado para a comunidade. O espaço está funcionando apenas para uso da igreja por falta de voluntários para administrá-la. Contudo, as famílias das proximidades informam que desconhecem a existência desse espaço.

Fonte: Coleta de dados *in loco* (2012).

Cinco desses espaços encontram-se desativados, um permaneceu fechado em todas as visitas realizadas; dois dos ambientes não foram localizados pelo endereço indicado e os moradores locais desconheciam tais iniciativas; um não foi concebido, apesar de sua notícia permanecer em rede como fato concretizado; e somente três apresentam-se em funcionamento.

A confirmação da existência das bibliotecas, a partir da observação direta, demonstra a fragilidade desses espaços em conseguir manterem-se ativos na comunidade, onde a principal ocorrência para sua descontinuidade está centrada na falta de pessoal para geri-los.

Com a informação das bibliotecas comunitárias que permaneciam ativas na cidade de Manaus, foi possível o planejamento das ações de abordagens à pesquisa.

3.2 A escolha dos ambientes e os sujeitos da pesquisa

Após a verificação da existência das bibliotecas comunitárias ativas na cidade, deu-se início aos trabalhos de coleta de dados por meio de visita *in loco*, nas unidades partícipes do estudo.

Como critério de escolha dos ambientes analisados, foram considerados dois parâmetros: o funcionamento desses espaços e a disponibilidade dos sujeitos envolvidos em participar da pesquisa, isto é, receber a pesquisadora quando da necessidade da observação participante e concomitantemente, quando fosse preciso, responder a perguntas e questionamentos relacionados à investigação, que incluía, inclusive, entrevistas cuja base estava pautada em um roteiro semiestruturado.

A pesquisa contou com um total de 22 sujeitos envolvidos, como segue: 2 informantes, idealizadores dos ambientes intitulados bibliotecas comunitárias a serem observadas, sendo um sujeito residente em Manaus/AM e outro em Boa Vista/RO; 20 informantes das comunidades onde estão inseridos esses espaços, sendo 10 indivíduos abordados no bairro Japiim e 10 no de Petrópolis, usuários em potencial das bibliotecas comunitárias, maiores de 18 anos, do sexo feminino e masculino com residências instaladas até 300 metros da área onde estão os espaços a serem observados.

Considerou-se como sujeito criador do espaço o seu idealizador, o indivíduo que projetou a ideia e externalizou ações que possibilitaram a sua construção, pois esse foi o primeiro passo, a ignição para buscar sua concretização. Ademais, esta posição não desconsidera o mérito e a importância dos demais participantes, nos casos em que a responsabilidade pela criação foi a de um grupo, apenas põe em evidência aspectos relevantes acerca das motivações e influências que impulsionaram a formação desses espaços.

Nesse sentido, *a priori* foram realizadas visitas nas bibliotecas comunitárias com o intuito de apresentar o pesquisador, a pesquisa e efetuar o convite à instituição para a participação no estudo.

A primeira visita foi à biblioteca Osvaldo Hanger, cujo responsável pelo local inicialmente aceitou colaborar com a pesquisa, mas posteriormente, sem explicar os motivos, optou por não participar. Posteriormente, abordou-se a Biblioteca Comunitária Semeando Saberes, no bairro Japiim, cujos agentes aceitaram ser objeto de estudo. Subsequente, a Biblioteca Comunitária Socorro Chaves, no bairro Petrópolis, na qual o responsável também aceitou participar da pesquisa. Nestes termos, ficaram estabelecidas como o *lócus* desta pesquisa as bibliotecas comunitárias Semeando Saberes e Socorro Chaves.

O primeiro participante da pesquisa foi o idealizador da Biblioteca Comunitária Semeando Saberes, identificado como Entrevistado A, e, por conseguinte, o sujeito responsável pela idealização da biblioteca Socorro Chaves, o Entrevistado B.

Nas visitas ao ambiente da Semeando Saberes, as entrevistas foram feitas ao Entrevistado A conforme sua disponibilidade, visto que o mesmo priorizava suas atividades ali desenvolvidas, restando espaços de tempo muito curtos para realização da entrevista. Sendo assim, várias visitas foram agendadas, algumas realizadas e outras sem um efetivo sucesso, sendo prévia e também posteriormente desmarcadas. Contudo, o Entrevistado A demonstrou grande contentamento ao poder falar da biblioteca, pois deixou evidente o orgulho e a satisfação com a composição do espaço.

Na observação do ambiente, durante o período de campo, percebeu-se que a biblioteca não foi muito frequentada, apesar de permanecer aberta todos os dias pela manhã; há de considerar-se que normalmente suas atividades acontecem em turno vespertino e que tal mudança ocorreu devido ao período de férias acadêmicas da estagiária que a conduz. Ademais, foi presenciada a busca pela biblioteca no

período da tarde, horário esse em que não havia funcionamento. Não existem sinalizadores dentro do Clube das Mães para a biblioteca, apenas em sua parte externa, sendo um na porta da entrada da biblioteca. Algumas atividades foram realizadas na biblioteca, no período da observação, em parceria com a escola municipal que fica ao lado do Clube.

A visita à Biblioteca Comunitária Socorro Chaves permitiu levantar que o sujeito idealizador do espaço não atua mais no ambiente, residindo atualmente na cidade de Boa Vista, capital do estado de Roraima, no extremo Norte do Brasil. Desse modo, os depoimentos foram realizados com o Entrevistado B na cidade aludida, quando foi possível efetivar-se a coleta de dados para subsidiar a pesquisa acerca da segunda unidade escolhida para a pesquisa. O Entrevistado B compartilhou suas experiências de maneira livre e demonstrou muita emoção ao discorrer sobre a Biblioteca Comunitária Socorro Chaves na recordação dos fatos que envolveram a sua construção apontando-a como um acontecimento de superação de vida; outrora, afirmou não possuir mais contato direto com o projeto desde seu desligamento.

Durante as visitas na Biblioteca Comunitária Socorro Chaves, percebeu-se um movimento contínuo, uma considerável circulação de usuários ao lugar, tanto por alunos quanto por moradores do bairro. Apesar de suas instalações não propiciarem visibilidade aos seus usuários em potenciais, percebeu-se uma grande preocupação, por parte dos responsáveis, em manter o lugar limpo, organizado e sistematizado para que ele seja usufruído da melhor forma possível. Nesse sentido, observou-se a existência de sinalizações externas indicando as instalações da biblioteca comunitária, bem como internamente para orientar quanto aos assuntos de seu acervo e sistemática utilizada para ordenação.

Após a coleta de dados dos indivíduos que atuaram em prol da criação desses espaços, deu-se início à busca de outras informações relevantes para pesquisa junto à comunidade que os cercam, tanto para efeitos de consolidação dos dados obtidos nas entrevistas iniciais quanto para a abertura de outras possibilidades de discussões sobre o objeto da pesquisa, no sentido de permitir a compreensão acerca do envolvimento e entendimento de seus usuários em potencial para com as unidades denominadas bibliotecas comunitárias.

As abordagens aos moradores dos bairros Japiim e Petrópolis aconteceram nos domicílios de cada participante, por meio de apresentação do pesquisador, permissão para explicar sobre o projeto e fazer parte da pesquisa.

Durante a coleta de dados com os comunitários, houve diversas negativas em participar da entrevista, ocorrências dadas pelo receio em não saber responder corretamente ao que seria perguntado ou pela falta de disponibilidade de tempo em fazê-lo, ambos revelados pelos sujeitos, ou ainda a desconfiança advinda do temor ao trato com pessoas estranhas.

Os participantes do bairro do Japiim são identificados como segue: Morador C, Morador D, Morador E, Morador F, Morador G, Morador H, Morador I, Morador J, Morador K e Morador L. Em continuidade, os sujeitos envolvidos do bairro de Petrópolis: Morador M, Morador N, Morador O, Morador P, Morador Q, Morador R, Morador S, Morador T, Morador U e Morador V.

As informações obtidas pela pesquisa de campo foram descritas, analisadas, tabuladas e organizadas, permitindo assim a exposição dos resultados com a caracterização dos ambientes observados e de seus sujeitos idealizadores.

3.3 Caracterização das bibliotecas comunitárias e dos sujeitos criadores

A intenção deste tópico é possibilitar conhecer as particularidades dos espaços inseridos na área urbana de Manaus e que se intitulam bibliotecas comunitárias, bem como aspectos inerentes aos sujeitos que articularam sua criação.

3.3.1 Biblioteca Comunitária Semeando Saberes

A Biblioteca Comunitária Semeando Saberes é um ambiente destinado à pesquisa, leitura e atividades paradidáticas, que oferece aproximadamente 2 mil livros organizados em estantes, de livre acesso, em diversas áreas do conhecimento, para os níveis infantil, fundamental, médio e superior, entre obras de referência, periódicos, literatura, livros didáticos e paradidáticos, além de jogos pedagógicos.

O espaço proporciona os serviços de consulta local, hora do conto e saraus, estes orientados por uma estagiária da área de Biblioteconomia, que o administra. Seu público alvo é a comunidade do bairro do Japiim, que registra a utilização do espaço em um livro de controle de visitantes.

Em um ambiente climatizado, seu estabelecimento é composto por 10 estantes para o acervo, 2 mesas e 8 cadeiras para o uso e bem estar de seus usuários, além de 1 mesa e 1 cadeira pra usufruto do responsável.

Com espaço próprio, a Semeando Saberes possui suas instalações em uma das salas do Clube de Mães da Japiinlândia, localizada no bairro Japiim, cujo funcionamento acontece de segunda a sexta, das 13h às 18h, e às quintas-feiras à noite para o desenvolvimento de atividades do Projeto PREVEST²⁶.

O Clube de Mães da Japiinlândia é uma organização não governamental (ONG), de finalidade pública, atuante nas áreas de assistência social, saúde, educação, reciclagem e desenvolvimento sustentável. Tem como objetivo a promoção da integração e socialização das mulheres, bem como de jovens, adultos e idosos comunitários do bairro do Japiim, por meio de projetos sociais que possibilitam a geração de renda e a melhoria da qualidade de vida da comunidade. Para tanto, a obtenção de recursos ocorre por meio de parcerias com o setor público (Governo do Estado do Amazonas; Prefeitura de Manaus - Secretaria Municipal de Assistência Social e Direitos Humanos (SEMASDH); Universidade Federal do Amazonas (UFAM)), com empresas privadas e com a comunidade em geral (doações), além da venda de produtos frutos de suas atividades.

A Semeando Saberes tem como mantenedor o próprio Clube de Mães da Japiinlândia, o qual em parceria com a Prefeitura de Manaus e o apoio do Departamento de Biblioteconomia da UFAM, articula-se para a continuidade e crescimento do projeto da biblioteca comunitária em prol do favorecimento do entorno onde está inserida.

²⁶ Projeto de extensão universitária Estudos de Linguagem Pré-Universitária da Universidade Federal do Amazonas (PREVEST/UFAM).

3.3.2 Biblioteca Comunitária Socorro Chaves

A Biblioteca Comunitária Socorro Chaves é um espaço para a leitura, orientação, busca e usufruto da informação. Com ambiente próprio e climatizado, oferece aos seus usuários aproximadamente 5 mil livros entre obras de referência, periódicos, literatura, livros didáticos e paradidáticos, em diversas áreas do conhecimento, com conteúdos que atendem do nível infantil ao superior, disponibilizando além dos materiais impressos (livros e periódicos), fantoches, jogos pedagógicos, CD-ROM, vídeos e DVD's.

Com acesso livre ao acervo, proporciona os serviços de consulta local, empréstimo, orientação em trabalhos acadêmicos, *Internet*, hora do conto e sarau. Dispõe, em suas instalações, de 3 mesas, 3 cadeiras, 2 computadores e 2 impressoras para os serviços da biblioteca; 3 mesas para computador, 2 mesas para estudo, 4 cadeiras infantis, 8 cadeiras tamanho padrão e 3 computadores destinados à utilização pelo usuário.

A biblioteca Socorro Chaves ocupa uma das salas do Instituto Tecnológico Alternativo de Petrópolis, situado no bairro de Petrópolis, Manaus/AM. Seu funcionamento ocorre às segundas, quartas e quintas, das 18h às 21h, e é administrada por uma bibliotecária, atual presidente do Alternativo, e uma estagiária voluntária do curso de Biblioteconomia da UFAM.

Como organização não governamental (ONG), o atual Instituto Tecnológico Alternativo de Petrópolis²⁷ teve início em 1987 como um pré-vestibular comunitário, este oriundo de um grupo de estudo formado por 12 moradores do bairro de Petrópolis. Posteriormente, em 2004, foi fundado como associação, e desde 2008 funciona como instituto tecnológico, atuando nas áreas de educação, arte e cidadania. Seu objetivo é propiciar às pessoas de baixa renda a integração social e emancipação, por meio de projetos sociais voltados à educação e formação profissional, possibilitando assim melhorias na qualidade de vida e geração de renda para a comunidade.

Para tanto, o Alternativo conta com diversas parcerias que proporcionam apoio, recursos financeiros e doações - como BrazilFoundation (2006 e 2007); Fundação Inter-Americana; Fundação Banco do Brasil; SENAC-AM; SESI-AM;

²⁷ VER <http://altpet.org.br/site/>

Ministério das Comunicações; Escola Cria Livre; Igreja de São Pedro; Escola Estadual Tiradentes; Empresa Maersk Line & Mercosul Line; Empresa Netflash - com cerca de 30 microempresários e o apoio também da comunidade em geral (doações e voluntariado).²⁸

O Instituto Alternativo de Petrópolis é quem mantém a Biblioteca Comunitária Socorro Chaves, por meio de suas parcerias e com o apoio do Departamento de Biblioteconomia da UFAM, dispondo de infraestrutura e profissionais qualificados, socializando a informação e o conhecimento em benefício do crescimento da comunidade local e adjacências.

3.3.3 Perfil do criador/idealizador dos espaços

A partir da tabulação dos dados, obtidos por meio de entrevistas estruturadas, gravadas com anuência do sujeito, foi possível esquematizar o perfil dos idealizadores dos espaços bibliotecas comunitárias na cidade de Manaus.

Ambos os entrevistados são do sexo feminino, pessoas em sua fase adulta, com idades de 46 e 61 anos, que carregam consigo experiências da vida matrimonial, uma casada e outra divorciada, e maternal, ambas com 5 filhos.

A predominância da presença feminina como sujeito idealizador desses espaços apresenta-se como uma das características das iniciativas de Manaus, o que também reflete acerca da participação e posicionamento da mulher frente aos projetos sociais, conquistando novos espaços e reconhecimentos político e social.

Ademais, é importante salientar que, apesar dos sujeitos apresentarem naturalidades distintas (Ururucu/MA; Manaus/AM), há semelhança em suas vivências, no sentido de que ambas discorreram nas entrevistas sobre a necessidade de trabalhar durante a infância e da falta de incentivo no que concerne à busca pelo conhecimento e por uma educação formal.

Quanto à formação, os sujeitos idealizadores apresentam uma variação entre o ensino médio e superior (QUADRO 6), contudo, ambos possuem ocupação na esfera pública, como servidores (QUADRO 7). Outrora, destaca-se o vínculo de um dos sujeitos com o campo da Biblioteconomia, fato de extrema relevância no

²⁸ Ver <http://altpet.org.br/site/>

contexto de criação de bibliotecas comunitárias, tendo em vista que um entrevistado afirma ter adquirido o conhecimento sobre essas iniciativas no espaço acadêmico.

Quadro 6 – Formação dos sujeitos idealizadores das BC's

BC	Escolaridade	Área de Formação
Semeando Saberes (Entrevistado A)	Colegial completo	-
Socorro Chaves (Entrevistado B)	Superior Completo	Biblioteconomia

Fonte: Coleta de dados *in loco* (2012).

Quadro 7 – Ocupação profissional dos idealizadores das BC's

BC	Profissão ou atividade no período da criação do espaço	Situação atual
Semeando Saberes (Entrevistado A)	Funcionária Pública Municipal - Coordenadora da Casa do Cidadão, e Presidente do Clube das Mães do Japiinlândia.	Funcionária Pública Municipal - Coordenadora da Casa do Cidadão, e Presidente do Clube das Mães do Japiinlândia.
Socorro Chaves (Entrevistado B)	Estudante e Estagiária de Biblioteconomia.	Funcionária Pública Federal – Bibliotecária.

Fonte: Coleta de dados *in loco* (2012).

Outrora, há de se destacar que o Entrevistado B, apesar do Quadro 6 apresentar seu grau de escolaridade como Superior Completo, no momento da criação da biblioteca comunitária não possuía tal formação superior e desempenhava suas atividades como estudante universitário e como estagiário, além de voluntário no projeto que possibilitou a construção do espaço.

O hábito de ler aparece como característica de ambos os entrevistados, que apresentam gosto por tipos distintos de leitura (QUADRO 8).

Quadro 8 – Hábito de ler dos idealizadores das BC's

BC	Possui o hábito de ler?	Se positivo, qual o tipo de leitura?
Semeando Saberes (Entrevistado A)	Sim	Bíblia.
Socorro Chaves (Entrevistado B)	Sim	Livros didáticos, literatura, entre outros.

Fonte: Coleta de dados *in loco* (2012).

Pode-se inferir que o hábito da leitura pelos sujeitos idealizadores dos espaços demonstra a internalização da importância deste ato e a consciência da relevância da criação do ambiente para a comunidade, uma vez que a leitura como hábito pessoal é também uma prática educativa, de conhecimento do mundo, aguçando a percepção, a compreensão, o desenvolvimento intelectual, linguístico e de personalidade do indivíduo.

Após a exposição das características das bibliotecas comunitárias pesquisadas e da verificação do perfil dos sujeitos idealizadores dos espaços, buscou-se evidenciar as possíveis motivações e influências que estes obtiveram, essenciais para construção de seu pensamento idealizador e sua concretização.

3.4 Contexto de formação dos espaços sob a perspectiva do sujeito criador: influências, motivações e construção

Considera-se, nesta pesquisa, que a dinâmica da formação dos espaços intitulados bibliotecas comunitárias perfaz caminhos intrínsecos aos indivíduos que possibilitaram a sua concretização. Nesse sentido, em utilização de um roteiro semiestruturado e com perguntas abertas, este tópico traz consigo particularidades do sujeito idealizador, extraídas de seus próprios discursos, de modo que se possa percorrer nos trajetos inerentes à construção das bibliotecas comunitárias a partir da

perspectiva deste sujeito, bem como as etapas seguintes à sua idealização dada pelas ações que se fizeram necessárias no processo de criação desses ambientes.

3.4.1 Entrevistada A: Biblioteca Comunitária Semeando Saberes

Casada e com 5 filhos, a Entrevistada A possui residência própria e é funcionária pública municipal - Coordenadora da Casa do Cidadão e Presidente do Clube de Mães da Japiinlândia. Moradora do bairro Japiim há 30 anos, desde a sua instalação no bairro sempre esteve envolvida nos assuntos comunitários, buscando melhorias nas condições de vida para si e para o coletivo. Filha de agricultores, em uma família de 18 filhos, nasceu no estado do Maranhão, município de Urucuru, e teve sua infância e adolescência vividas no interior, em “[...] uma época onde as mulheres eram criadas para casar, cuidar da casa e da família.” (ENTREVISTADA A, 2012).

Conforme a exposição, a Entrevistada A teve o que considera uma infância difícil, na qual sobrevivia com o que tinha e nas horas vagas brincava com bonecas feitas da espiga do milho ou de garrafas. Aos 13 anos começou a trabalhar em casa de família e aos 15 anos vivenciou a primeira experiência matrimonial, deixando de lado, pelas circunstâncias, a relevância do ensino formal.

Eu queria crescer, só que naquela época os estudos não eram incentivados né. [...] e aí eu brigava assim ‘Eu quero estudar, eu quero estudar!’, pra minha mãe me botar na escola, que eu queria estudar e aí minha irmã disse assim pra mim, eu me lembro dessas coisas assim, marcaram né. A minha irmã falou: ‘Não sei porquê tu quer estudar, né. Eu tô aí, não estudei, não sei ler, não sei escrever e tô vivendo’. (ENTREVISTADA A, 2012).

Com relação à sua formação, elucida que não possuía uma continuidade equilibrada em seus estudos: “Estudava um pouco no interior, depois parava. Ia para São Luís, voltava e estudava mais um pouco, depois parava.” (ENTREVISTADA A, 2012). Contudo, discorre que concluiu o então 2º grau, atual ensino médio e que na época era o colegial, mas salienta que “[...] na infância não houve incentivo ao estudo por parte dos pais e das famílias onde trabalhava. Tinha a mentalidade de que o que sabia era suficiente. Hoje percebo que não era. Mas, já passou.” (ENTREVISTADA A, 2012).

A falta de incentivo à educação formal acabou por engendrar na Entrevistada A um sentimento de irrelevância aos estudos, sentido esse hoje apresentado como equivocado e visto com pesar pelo sujeito. Ademais, por consequência, o estímulo à leitura também não era dado, frisando que os únicos impulsos recebidos pelas pessoas com quem convivia eram para casar e trabalhar. Não havia bibliotecas nas escolas que frequentava, mas em seus estudos existiam momentos em que sentia falta de um lugar onde pudesse realizar suas pesquisas e assim concretizar seus trabalhos escolares.

Em uma de suas viagens para Manaus fincou raízes ao conhecer, com 25 anos, seu atual marido, com quem está casada há 34 anos. Contudo, nessa fase de sua vida também não deu continuidade nos estudos e iniciou o seu envolvimento com os assuntos da comunidade.

Ao perguntar como e em que momento da vida houve o primeiro contato com uma biblioteca, a Entrevistada A (2012) argumenta que:

[...] tudo o que hoje eu idealizei aqui, que eu busquei pra fazer aqui, foi uma questão de necessidade pra comunidade, não foi uma questão de incentivo na minha vida... Pois é, então tudo que foi feito aqui não foi uma questão de incentivo de infância, da juventude, da pessoa adulta, não, foi um incentivo de necessidade para a comunidade.

Expressa de modo negativo a possível relação que possa ter entre os acontecimentos passados com os do presente, de modo que procura deixar claro que suas ações em prol à comunidade foram feitas a partir de fatores posteriores a sua fase adulta e que não existiu nenhuma conexão com sua experiência de vida. Outrora, salienta:

Eu queria pra comunidade o que eu não tive. Eu fiz pelos meus filhos o que não fizeram por mim. [...] os meus filhos viveram aquilo que eu não vivi e a comunidade, a minha comunidade que eu vivi, que eu convivo até hoje, eu queria sempre o melhor pra ela [...]. (ENTREVISTADA A, 2012).

Nesse momento, verifica-se uma contradição de posição entre as narrativas e a percepção dos fatos pela entrevistada, ora não revelada para si mesma, ficando visível a possibilidade de que inconscientemente suas ações, em relação à criação do espaço Semeando Saberes, foram movidas também, além da necessidade da comunidade, em decorrência de vivências passadas.

O primeiro contato da entrevistada com uma biblioteca aconteceu quando já estava em sua fase adulta, em uma visita à Biblioteca Pública Municipal de Manaus, promovida pelo prefeito de Manaus da época (1994 ou 1995). Discorre que nesse momento, ficou maravilhada com o lugar e muito entusiasmada para fazer algo semelhante em seu bairro.

Com relação ao hábito da leitura, considera-o de grande importância para o desenvolvimento do indivíduo,

[...] a leitura, ela é o caminho pra você poder alcançar os seus objetivos de vida. [...] a leitura é tudo para você ter esclarecimento, ter conhecimento. [...] ela hoje, não dá mais pra não ter bons estudos, não dá mais para viver a vida hoje se não tiver esse caminho da leitura. (ENTREVISTADA A, 2012).

No discurso, fica clara a percepção dos benefícios oriundos do hábito de ler como uma ponte, uma conexão entre o saber e o indivíduo. Ademais, discorre que todo o dia lê um pouco da Bíblia, e que sua vida é muito corrida, entretanto, diariamente compra jornal, mas só consegue folheá-lo por conta das responsabilidades que possui.

Desde o primeiro contato, a Entrevistada A afirma que não mais adentrou em uma biblioteca, somente na Semeando Saberes, ora construída no Clube de Mães, o que, entretanto, ocorre apenas para verificar o andamento e inspecionar, afirmando nunca a usufruir em seu benefício.

Ao responder como descreveria uma biblioteca, aponta como um espaço que funciona em tempo integral, informatizado, posto para facilitar o acesso à informação, com um ambiente confortável, e ainda faz alusão à necessidade de ter um profissional da área:

Eu imagino uma biblioteca pra funcionar mesmo. [...] Pra mim ela tem que funcionar de manhã e de tarde. Ela tem que ter os instrumentos na área de informática [...] para pesquisa, ter um espaço maior, sabe, ter pessoas pra atender, pessoas que tenham realmente o conhecimento [...]. (ENTREVISTADA A, 2012).

No que diz respeito à satisfação com relação às bibliotecas existentes na cidade, ressalta que tem pouco conhecimento e frisa que, além da Biblioteca Municipal, só conhece a existência das bibliotecas escolares do bairro de Japiim e da comunitária do bairro de Petrópolis.

Considera a Semeando Saberes uma instituição Biblioteca, e crê que a diferença desta para outras instituições é o tamanho, com relação ao espaço e os equipamentos. Nesse sentido, versa que na parte física existe um diferencial, sendo o restante similar, entretanto afirma “[...] acho que o tamanho não importa, o que importa é o conteúdo.” (ENTREVISTADA A, 2012). O sentido de conteúdo está vinculado aos serviços oferecidos à comunidade, uma vez que não adianta ser maior se não atende à sua comunidade.

Ressalta que nos dias atuais é imprescindível ter uma formação e que os instrumentos necessários para agregar na educação do indivíduo estão postos para quem os quiser usufruir: “A biblioteca tá aí. Um sonho realizado. É pequenininha, é, mas que cabe qualquer pessoa, qualquer ser que vier atrás de uma informação ela tem.” (ENTREVISTADA A, 2012).

Ao expressar-se sobre o que a comunidade tem a ganhar com essa biblioteca, a entrevistada destaca a questão da valorização desse espaço pelo indivíduo,

Pra quem valoriza, nem todos valorizam, pra quem valoriza e pra quem sabe a importância da biblioteca, é bom. E pra quem não tem conhecimento, pra quem não sabe, pra quem pouco dá valor tanto faz né. Então pra nós foi importante e é importante tê-la aqui, pra nós é importante. Agora pra comunidade, pra te dizer eu ainda não tive aquele retorno que eu esperava, porque as pessoas não valorizam tanto quanto nós valorizamos. (ENTREVISTADA A, 2012).

Afirma sua satisfação em poder oferecer o espaço aos comunitários, entretanto, a importância dada pela comunidade a esse ambiente não se apresenta em acordo às expectativas da entrevistada, tornando-se irrelevante àqueles que não a reconhecem.

A construção da Biblioteca Comunitária Semeando Saberes foi uma iniciativa do Clube de Mães da Japiinlândia em parceria com a Universidade Federal do Amazonas. Sua origem, em 2008, ocorreu a partir da idealização pela Entrevistada A, atual presidente do Clube e coordenadora da Casa do Cidadão - projeto da Prefeitura de Manaus que funciona em período matutino no mesmo ambiente.

Em 1998, a Entrevistada A, na época também presidente do Clube de Mães do bairro Japiim, tomou a primeira iniciativa de criar uma biblioteca para a comunidade, e embora afirmando não saber acerca do funcionamento e estrutura dessa instituição, possuía a convicção de que queria montá-la na área onde morava,

momento esse em que começou a arrecadar livros para iniciar o projeto. Entretanto, no ano seguinte, por motivos profissionais, teve que se afastar do Clube, abrindo mão também de seu projeto de construção de uma biblioteca, o qual não foi dado continuidade por quem ocupou o seu lugar.

Contudo, depois de alguns anos, ao retornar para o Clube de Mães como presidente e coordenadora da Casa do Cidadão, que funciona no mesmo espaço, a Entrevistada A iniciou o desenvolvimento de um projeto em parceria com a UFAM, com o intuito de promover um curso pré-vestibular, intitulado PREVEST, para a comunidade local.

O projeto de extensão universitária *Estudos de Linguagem Pré-Universitária* (PREVEST/UFAM), elaborado e coordenado pelo Departamento de Línguas e Literatura Estrangeira, do Instituto de Ciências Humanas e Letras (DLLE/ICHL), se configura como um pré-vestibular da UFAM, preparatório para o Exame Nacional do Ensino Médio - ENEM, que conta com 12 discentes, entre alunos bolsistas e voluntários da própria universidade, ministrantes das disciplinas que conferem os exames de seleção para a entrada nas Instituições de Ensino Superior (IES). Com início em 2008, sua realização acontece em parceria com o Clube de Mães da Japiinlândia e tem como público-alvo a comunidade do bairro Japiim, atendendo anualmente 50 alunos, entre jovens e adultos, com aulas diárias no período noturno²⁹.

Ao verificar a necessidade dos alunos do curso pré-vestibular em progredir com suas pesquisas, a Entrevistada A retomou uma ideia pretérita, a de construção de uma biblioteca no âmbito do Clube de Mães, mas que, entretanto, atendesse não só os alunos do Clube, como também a comunidade do bairro Japiim; a intenção era a de alcançar uma biblioteca que recebesse o público em tempo integral e que a fosse possível visualizar a comunidade se beneficiando com a utilização do espaço.

No momento da implantação efetiva, contou com a colaboração da Universidade Federal do Amazonas, lugar onde buscou auxílio para a constituição desse espaço. Nesse sentido, conforme depoimento da Entrevistada A, a criação do espaço foi uma idealização sua, mas que se consolidou a partir de uma iniciativa conjunta entre o Clube de Mães e a UFAM, especificamente o Departamento de Biblioteconomia.

²⁹ Ver em <http://portal.ufam.edu.br/index.php/component/content/article/8-noticias/1637-pre-vestibular-da-ufam>.

Na época da criação da biblioteca comunitária, a Entrevistada A conciliou suas responsabilidades diárias com o desejo e o trabalho de constituição da biblioteca, cuja atividade profissional era a coordenação da Casa do Cidadão e a presidência do Clube de Mães da Japiinlândia, por meio de duas vertentes, a determinação e a prioridade; nesse sentido, para conseguir alcançar o objetivo de criar a biblioteca para a comunidade, o passo inicial foi decidir sobre a construção do espaço, depois dedicar um horário todos os dias para buscar maneiras para sua concretização e funcionamento.

Para tanto, o projeto para a concretização da Semeando Saberes foi realizado por um docente do Departamento de Biblioteconomia da UFAM, cujo planejamento também possibilitou a captação de recursos para a contratação de estagiários de Biblioteconomia, bem como o recrutamento e participação de voluntários da área para a organização do espaço.

Os primeiros materiais obtidos foram as estantes, posteriormente as mesas, as cadeiras, os livros e o ar-condicionado. Entretanto, todos os mobiliários foram conseguidos por doação e a aquisição de livros por meio de campanhas de doação feita pelo Clube de Mães e pela UFAM, que também efetivou a aquisição por meio do projeto.

De início, em 2008, não houve uma escolha do lugar onde a Semeando Saberes seria instalada, ocupando o ambiente que estava disponível no Clube de Mães, no momento em que se iniciou os trabalhos para sua concepção. Com o passar do tempo, houve a necessidade de torná-la mais visível para a comunidade, uma vez que ocupava uma sala situada nos fundos do Clube. Nesse sentido, em 2009, suas instalações foram transferidas para outra área, ao lado da coordenação e posteriormente, em 2011, passou a ocupar um espaço localizado logo em sua entrada, onde ficava situada uma loja de artesanato do Clube das Mães.

A abertura do espaço para o público foi feita após sua inauguração em 2008, esta com a participação da UFAM, de gestores de escolas e da comunidade local, e cuja divulgação foi efetuada internamente pelo próprio Clube para os comunitários, para as instituições de ensino do bairro, associação de moradores e à universidade parceira.

Conforme a Entrevistada A, o espaço teve uma boa recepção da comunidade, contudo discorre:

O que está faltando pra que a comunidade participe mais é que ela seja aberta de manhã e de tarde. Nós não temos condições de abrir de manhã e de tarde, até porque a única universidade que tem o curso de Biblioteconomia é a UFAM e só é de manhã. Então, por isso nos impede de ter uma estagiária na parte da manhã. A ideia era trazer a comunidade pra participar e, alguém da comunidade como voluntário, mas como isso eu acho utopia, isso não acontece. Eu acredito que pode até ter, mas ainda não se colocaram à disposição. Convidar já foi convidado, agora de chegar assim 'Olha, estou aqui à disposição pra ficar duas horas ou três horas, de segunda à sexta-feira com vocês...', que eu acho difícil. (ENTREVISTADA A, 2012).

É visível a insatisfação do sujeito quanto ao período de funcionamento da biblioteca, sendo isso um atenuante para o usufruto do ambiente pela comunidade local, bem como a preocupação em manter no espaço um indivíduo com conhecimentos biblioteconômicos para uma condizente gestão, referenciando uma visão cética quanto ao envolvimento comunitário nas atividades administrativas da biblioteca.

A Biblioteca Comunitária Semeando Saberes oferece para a comunidade um ambiente climatizado para fazer pesquisas local, dispondo de materiais impressos, e atividades como a hora do conto e sarau. Contudo, a unidade não faz empréstimo domiciliar de seus materiais, uma vez que “[...] não tenho estrutura pra mim tá correndo atrás de quem levou o livro, pra buscar.” (ENTREVISTADA A, 2012). Sua divulgação acontece de maneira interna, no Clube de Mães, por meio dos trabalhos ali desenvolvidos e das pessoas que circulam neste ambiente e que percebem a existência do espaço BC.

A Semeando Saberes é mantida pelo próprio Clube de Mães, com suas parcerias - Prefeitura de Manaus e UFAM - presentes desde a criação, onde, de acordo com a Entrevistada A, não há imposição ou intervenção de seus parceiros com relação à construção do espaço. No entanto, em contrapartida, particularmente com relação a sua parceria com a UFAM, faz-se coerente à inferência da intervenção direta desta na estrutura e dinâmica de funcionamento da Semeando Saberes, uma vez que a IFES constituiu o projeto e posteriormente o desenvolveu no Clube, considerando também seu alvedrio na escolha do nome da biblioteca.

Na consecução da BC, bem como em sua manutenção, a única dificuldade encontrada foi com relação aos recursos humanos, ademais “Quando eu penso em fazer uma coisa, eu não penso nas dificuldades, porque as dificuldades pra mim elas são superáveis.” (ENTREVISTADA A, 2012). Por consequência desse impasse, a Entrevistada A não pôde colocar o lugar para funcionar como queria, mas elucida

que um dos pontos positivos que ajudaram na construção foi o fato de que nos lugares onde buscava ajuda, as “[...] portas se abriam.” (ENTREVISTADA A, 2012).

Do idealizado ao construído a entrevistada conclui que, pela sua expectativa, o resultado foi satisfatório de início, mas acredita ser possível inserir melhorias, principalmente no que diz respeito à ampliação física do lugar. Outrora, sempre busca incluir a biblioteca comunitária nas atividades do Clube, na tentativa de possibilitar uma maior interatividade e integração com a comunidade, como é o caso do projeto Receitas da Vovó, onde as melhores receitas dos comunitários serão organizadas em um livro que fará parte do acervo da biblioteca.

Atualmente, o grupo criador não é o mesmo que gerencia a Semeando Saberes. Este papel cabe a uma estagiária da área de Biblioteconomia, mantida com recursos da Prefeitura de Manaus, sob a supervisão da Entrevistada A e o apoio da UFAM.

3.4.2 Entrevistada B: Biblioteca Comunitária Socorro Chaves

Natural da cidade de Manaus-AM e atualmente com residência em Boa Vista/RO, a Entrevistada B tem como estado civil separada, possui ensino superior completo, residência própria, cinco filhos, servidora pública federal e foi moradora do bairro Petrópolis por 36 anos, onde, por um período médio de tempo, dedicou-se ao trabalho voluntário em benefício de sua comunidade.

A Entrevistada B discorre que, até os 10 anos, sua família proporcionava-lhe uma educação formal regular, o que não foi possível após a desunião afetiva dos pais:

[...] minha mãe é analfabeta, meu pai [...] teve até o colegial completo. [...] Depois que meu pai se separou [...] desestruturou tudo. [...] tivemos que trabalhar muito cedo, [...] era a lei da sobrevivência. [...] não tinha muito tempo pra estudo não. Isso aí ia nos afastando cada vez mais da escola. [...] Então, o único dos irmãos que conseguiu ter curso superior na idade correta foi o meu irmão mais velho, que ele foi morar com o meu avô [...]. E nós, que ficamos com a mamãe, foi difícil [...]. (ENTREVISTADA B, 2012).

A separação dos pais mostrou-se como um dos acontecimentos mais marcantes na vida da Entrevistada B, pois a partir desse momento começou a vivenciar um mundo que ainda lhe era estranho, em um cenário de exploração de

mão de obra de menores, no qual o trabalho infantil fazia-se necessário para subsídio do sustento familiar.

Como previsível, o incentivo à leitura, ao ensino, à educação formal era sobreposto pela necessidade do trabalho,

Era aquela coisa: preciso de um lápis - não posso comprar um lápis porque vai desinteirar o dinheiro da comida - era dessa forma. Então a gente tinha que sobreviver trabalhando, fazendo trabalhos assim de, trabalhando nessas pequenas oficinas como menor aprendiz, que naquele tempo tinha muito da exploração do trabalho infantil. E nós trabalhávamos, íamos, trabalhávamos no Parque 10, a gente morava em Petrópolis, a gente ia a pé pro Parque 10 pra não gastar o dinheiro e já servir pra alimentação. (ENTREVISTADA B, 2012).

Em vista das dificuldades financeiras, durante a infância e adolescência não houve continuidade em sua formação e aos 17 anos ocorre sua primeira experiência materna, dando início à constituição de sua família. O interesse em dar prosseguimento aos estudos aconteceu aos seus 26 anos, mesmo com cinco filhos e com a falta de incentivo de seu companheiro. Buscou concluir o ensino fundamental e médio por intermédio de um provão organizado pela Secretaria de Educação do Estado do Amazonas (SEDUC/AM).

Afirma que na época que estudava para prestar o exame da SEDUC/AM, sentia uma grande necessidade de ter um lugar que pudesse realizar suas pesquisas, mas que não tinha ideia da importância de uma biblioteca. Entretanto, a vontade de continuar na busca por conhecimento permanecia,

Eu tinha sede de conhecimento, eu queria ter, eu queria buscar conhecimento, eu não sabia como. Aí foi um dia, eu tomei iniciativa, eu disse 'Não, eu vou estudar'. Então eu ficava maravilhada quando eu passava lá em frente do cursinho pré-vestibular e via aquelas pessoas ali. Eu parava e ficava assim, perto do muro olhando ali, aquilo sabe, a vontade de estar ali. Aí eu ficava 'Meu Deus, eu queria tanto tá ali com aquelas pessoas estudando, mas eu não posso'. [...] Até que um dia eu consegui convencer o pai dos meninos a me deixar ir pra aula. [...] Mas quando eu chegava lá, ele mandava os cinco meninos atrás de mim. Aí ficava [...]: 'Mãe, mãe, pai disse pra tu ir pra casa. Mãe, o pai disse pra tu fazer comida [...]'. Tirava minha concentração. Aí os professores ficavam só olhando aquela cena. [...] Então aí eu parei. (ENTREVISTADA B, 2012).

O anseio por melhorias na qualidade de vida pessoal e familiar impulsionou a Entrevistada B na busca pelo conhecimento e, apesar dos contratempos e dificuldades, voltou a estudar e iniciou o preparo para o vestibular, conquistando aos 39 anos, sua aprovação em um processo seletivo de uma universidade pública,

momento em que tomou uma importante escolha para dar continuidade à sua formação profissional: a separação matrimonial e o seu afastamento, em companhia da filha mais velha, da casa onde morava com a família.

Não possuía o hábito de ler, adquirindo-o somente após sua entrada na universidade. Contudo, observa como benefício desse ato: “[...] uma pessoa bem informada tem condições de se destacar, [...] em todos os sentidos de sua vida, não só no profissional.” (ENTREVISTADA B, 2012).

A Entrevistada B afirma que frequenta bibliotecas regularmente, como usuária e, ao seu olhar, o ambiente biblioteca tem que ser dinâmico a fim de extinguir a visão errônea de que é um lugar de castigo. Ademais, discorre sua insatisfação com as bibliotecas existentes em Manaus, principalmente com as escolares, em função de algumas visitas que fez a estas unidades, nas quais observou livros amontoados, uma gestão feita por pessoal não qualificado e falta de integração entre biblioteca e orientação pedagógica.

Conforme a entrevistada, a biblioteca Socorro Chaves apresenta como diferencial a sua busca pelo usuário,

[...] trabalhávamos em cima de metas, estão estipulei uma meta de atender em um ano 500 pessoas, nós conseguimos atender 650 pessoas em um ano. Mas isso porque eu não esperava o usuário vir na biblioteca não. Nós trabalhávamos levando a biblioteca até o usuário, levamos essa biblioteca até as escolas públicas. A gente inventava alguma coisa. O usuário não tem tempo de ir na biblioteca, então vamos até o usuário, por isso que tinha essas campanhas de incentivo à leitura. Tinha uma campanha de concurso de redação. A gente levava isso para as escolas e tínhamos o retorno. A gente divulgava... tinha o grupo teatral ArtVida que trabalhava junto com a biblioteca, ela falava dos serviços da biblioteca. [...] A gente ia em busca deles sim, e era isso que fazia o diferencial da Socorro Chaves. (ENTREVISTADA B, 2012).

Acredita que a possibilidade de uma pessoa ter acesso aos livros se apresenta como: “[...] é um incentivo a mais esse contato, uma forma de incentivar cada vez mais.” (ENTREVISTADA B, 2012). Nesse sentido, a comunidade local tem muito a ganhar com a Biblioteca Comunitária Socorro Chaves,

Essa questão da informação, de ter um espaço onde possa encontrar a informação, ter a certeza de que vai encontrar a informação vem beneficiar essa comunidade [...]. Uma pessoa bem informada, ela vai exigir mais, cobrar mais de benefícios pra comunidade. Então eu penso que a biblioteca ela veio dar essa autonomia pra comunidade. Ela ter mais informação, exigir mais. (ENTREVISTADA B, 2012).

Conforme a Entrevistada B, o principal fator motivador de suas ações, no que concerne à possibilidade de construção de uma biblioteca comunitária partiu de suas próprias vivências,

Eu não tinha condições de comprar livros na época que eu estava estudando pro vestibular e então eu pensei: 'Peraí, se nossa comunidade é carente, eu não tenho condições de comprar livros, então por que não levar, montar algo que venha a oferecer essa informação pra outras pessoas também?'. Assim, eu queria expandir isso para as pessoas mais necessitadas também. Eu procurava tomar como exemplo o meu histórico de vida. '[...] vai trazer benefício não só pra mim, não só pro Alternativo, mas pra outras pessoas também, pra comunidade' [...]. Então foi por isso que eu me envolvi, demais, com esse projeto. (ENTREVISTADA B, 2012).

Contudo, além de possibilitar para a comunidade o acesso à informação, esperava alcançar com a Biblioteca Socorro Chaves, o reconhecimento de uma biblioteca referência, com relação às bibliotecas comunitárias, e um espaço onde a troca de experiências dos acadêmicos de Biblioteconomia fosse possível,

[...] pretendia, na verdade, colocar a Socorro Chaves como uma biblioteca referência mesmo, ali, dentro do bairro, mas que servisse como um laboratório de estudo para os alunos do curso de Biblioteconomia, porque a própria universidade não dava esse apoio, principalmente na disciplina de Processamento Técnico, ela não dá essa estrutura, e a Socorro Chaves ia dar. E eu sabia que se fizesse essa parceria com a universidade, a biblioteca iria ser reconhecida. E foi isso que aconteceu, na época eu consegui ter essa visão. Tanto que eu, sempre que tinha seminário, eu procurava colocar a importância da biblioteca comunitária para a vida social das pessoas carentes. Eu briguei muito [...], me esforcei para que a biblioteca comunitária fosse reconhecida. (ENTREVISTADA B, 2012).

Para tanto, muitos esforços foram demandados da Entrevistada B para alcançar o que aspirava para o projeto da biblioteca comunitária. Nesse sentido, suas ações se deram para além do ambiente do Alternativo, movimentando-se também no campo universitário em busca de apoio e reconhecimento acadêmico.

A criação da Biblioteca Comunitária Socorro Chaves foi uma iniciativa do atual Instituto Tecnológico Alternativo de Petrópolis, instituído na época como um cursinho comunitário Pré-vestibular Alternativo de Petrópolis. Idealizada em julho de 2005 pela Entrevistada B, ora colaboradora do Alternativo como voluntária, a BC Socorro Chaves iniciou suas atividades em dezembro de 2005, período em que foi montado o ambiente e iniciou-se o trabalho de organização de alguns livros arrecadados, tendo sua fundação oficial somente no ano de 2006.

A Entrevistada B discorreu que o Pré-vestibular Alternativo funcionava em um sistema de trocas: as pessoas que ali estudavam, quando passavam no vestibular retornavam para permanecer por um período como voluntários, fato esse que ocorreu com a mesma, onde começou a fazer parte do Alternativo como aluna, e após sua aprovação no exame, retornou na condição de voluntária.

Como já mencionado, a ideia de concepção do espaço surgiu em 2005 pela Entrevistada B, contudo esta foi incitada por um de seus professores da Universidade, em sala de aula:

[...] foi um professor de sociologia, numa dessas aulas de Introdução à Sociologia, ele falou: 'Olha vocês que estão, serão futuros bibliotecários, vocês estão sabendo que hoje qualquer pessoa pode montar uma biblioteca comunitária? Existem recursos pra isso junto ao MEC. Fucem lá o site do MEC, tem recursos, montem um projeto'. Aí eu 'Por que não?'. Aí eu levei a ideia pro Solimões. Foi discutido, teve uma reunião. Tinha uma equipe e essa equipe decidiu que, de acordo 'Bora montar essa biblioteca'. (ENTREVISTADA B, 2012).

A obtenção da informação de que era possível criar uma instituição para o acesso à informação no seio da comunidade e ter autonomia e recursos para tal construção, esta chamada de biblioteca comunitária, possibilitou à Entrevistada B engrenagem para pensar na constituição do que posteriormente viria a se chamar Biblioteca Comunitária Socorro Chaves.

A proposta, até então no campo do imaginário da Entrevistada B, foi levada para o Alternativo, onde um de seus voluntários viabilizou e foi o principal responsável pela sua concretização: "Se não fosse ele, não teria dado certo" (ENTREVISTADA B, 2012). Ademais, apesar de ser a idealizadora do projeto, quem o organizou e colocou em prática foi um grupo de cinco voluntários dos quais a Entrevistada B fez parte, na época em que o Alternativo de Petrópolis era apenas um pré-vestibular e com a parceria da Associação dos Moradores e da própria comunidade local.

No período da criação do espaço, a Entrevistada B era estudante do curso de Biblioteconomia na UFAM, no período da manhã, à tarde trabalhava como estagiária e à noite era voluntária no Alternativo de Petrópolis, como expõe: "Na verdade, eu me doei tanto... [...]. O Alternativo foi na verdade minha família. Então minha vida social era o Alternativo. Saía da faculdade para o estágio e do estágio para casa; tomava banho e saía para o Alternativo." (ENTREVISTADA B, 2012).

Nesse mesmo período, vivenciava o término de um casamento, e buscava manter-se ocupada com o voluntariado no Alternativo:

[...] eu estava saindo [casamento], porque assim, eu tive que tomar essa decisão, se não, não teria concluído a faculdade. Era muito atrito. Aí eu pensei 'Não, se eu não largar ele não posso terminar os estudos'. Então, a minha vida era aquele Alternativo. Eu não tinha outra pessoa, assim, pra me apoiar, só tinha os meninos do Alternativo. Eu costumava chamar "meninos" porque tinha eles, aquela equipe como meus irmãos, eles conseguiam me entender. A minha família não sabia me entender, achava que eu estava sendo egoísta, eu acredito que eles viram dessa forma. Mas não sei, acho que hoje eles já entendem melhor né, qual era o meu objetivo. Mas o pessoal do Alternativo sabia que eu tava ali querendo condições de vida melhor. Eu sabia que se eu ficasse ali com eles, eu ia chegar lá. Foi o que aconteceu. Tanto que essa experiência que eu tive no Alternativo me beneficiou pra minha vida profissional agora, me beneficia. Eu trouxe muita coisa de lá que eu procuro colocar em prática no meu trabalho. (ENTREVISTADA B, 2012).

Além do que poderia adquirir como experiência e conhecimento, no ambiente do Pré-vestibular a entrevistada procurava também apoio emocional, depositando ali todas as suas expectativas futuras.

Como o Alternativo não tinha sede própria e já possuía parceria com a Associação de Moradores do bairro, esta dispôs de uma sala para dar início à implantação do espaço, na qual começaram a montar a biblioteca comunitária planejando o *layout*, organizando a coleção, os mobiliários entre outros. De início, possuíam 250 livros, doados pelos alunos e professores do pré-vestibular, e posteriormente, conseguiram uma doação de 150 obras, aumentando gradativamente o acervo.

A única dificuldade encontrada para conseguir erguer a biblioteca comunitária foi a captação de recursos financeiros. Ademais, um ponto muito positivo durante sua construção foi com relação à mão de obra:

Tinha muita gente, tinha fila de espera pra pessoal ser voluntário [...]. Até na igreja eles pediam voluntários para a biblioteca. Dávamos certificado [...]. Outra coisa era a contrapartida [...], você quer fazer um curso de informática, você não tem condição [...], você vai ganhar uma bolsa, de contrapartida tu doa um tempinho, uma hora por semana aqui na biblioteca. [...] Muita gente participou ali, até pessoas adultas mesmo [...]. (ENTREVISTADA B, 2012).

Em 2006, houve a disponibilização de recursos pelo *Brazil Foundation*, como um prêmio destinado ao Alternativo, o qual submeteu um projeto em vistas a solidificação e crescimento da instituição e ficou entre os 40 melhores trabalhos

avaliados pela instituição. Com isso foi possível obter capital financeiro para oficializar a criação da biblioteca, além da compra de móveis e equipamentos e da mudança do local onde estava instalada para outra sala no mesmo prédio.

Os mobiliários e todos os materiais disponíveis foram adquiridos por doação e compra, iniciando pela aquisição de uma mesa de escritório e um armário de madeira. Para a organização do ambiente, foi feito um mutirão com todos os voluntários do Alternativo e pessoas da própria comunidade.

A inauguração do espaço ocorreu com uma feijoada solidária para a captação de recursos para os projetos do Alternativo e o lançamento de uma campanha de doação de livros. A divulgação foi feita na própria comunidade de Petrópolis, por meio da organização de uma equipe para esse fim, com contratação de rádio de som motorizada e convites nas escolas, em instituições, bem como folders, cartazes, pelo jornalzinho Cidade de Pedra, de autoria do próprio Alternativo, e o uso da comunicação oral informal, conseguindo também a cobertura do evento por meio de jornal impresso.

A Biblioteca Comunitária Socorro Chaves teve inauguração oficial em 17 de setembro de 2006, com um acervo de 2.500 exemplares, cujo nome deu-se em homenagem a uma moradora do bairro de Petrópolis, professora voluntária do Alternativo que fez várias benfeitorias pela comunidade local.

Mantida pelo Alternativo de Petrópolis, durante o processo de criação e além do apoio da Associação dos Moradores de Petrópolis, a BC contou com a ajuda das seguintes instituições: Instituto de Pesquisas da Amazônia (INPA), com doações de livros; Livraria Lira - doações de livros; da empresa Gradiente - doação de materiais permanentes; e Fundação Centro de Análise e Pesquisa Inovação Tecnológica (FUCAPI); destes, apenas os dois primeiros ainda permanecem atualmente como parceiros.

Outrora, a Entrevistada B apresenta a Biblioteca Comunitária Socorro Chaves como,

[...] um ambiente não só de leitura, mas de lazer. Eu coloco lazer por que, na época que eu trabalhava lá, vinham pessoas da comunidade, donas de casa para a biblioteca fazer pesquisa, buscar livros não com informações científicas e sim literaturas, como romances; uma forma de distração para elas; então colocando a biblioteca como espaço de lazer também, não só levando o conhecimento para a comunidade. Era algo prazeroso que aquelas pessoas sentiam. (ENTREVISTADA B, 2012).

Conforme a Entrevistada B, não há palavras para descrever a importância, de modo pessoal, da Biblioteca Comunitária Socorro Chaves, somente consegue sentir muito orgulho do lugar e um grande carinho. Para ela, do idealizado ao construído, a biblioteca comunitária superou as suas expectativas, “Eu não imaginava que fosse ter essa repercussão grandiosa.” (ENTREVISTADA B, 2012).

Atualmente o grupo criador do espaço não é composto pelos que a gerenciam, sendo isso feito pela atual presidente do Alternativo, uma bibliotecária, e por uma estagiária da área de Biblioteconomia, esta sob a supervisão daquela.

Dado o exposto, a análise dos enunciados dos sujeitos criadores, de modo a permitir uma reflexão acerca dos elementos que possibilitaram a formação das bibliotecas comunitárias da cidade de Manaus, se constitui em elemento a ser observado a seguir.

3.4.3 Análise de conteúdo

Os discursos obtidos por meio de entrevistas com os sujeitos criadores das bibliotecas comunitárias foram vitais para a realização da pesquisa, pois trouxeram consigo particularidades cujas manifestações mostraram-se essenciais no processo de construção do pensamento que possibilitou a idealização desses ambientes e a iniciativa de criá-los. Nesse sentido, a reflexão acerca dos recortes das entrevistas torna-se indispensável para uma melhor compreensão desse processo, na tentativa de delinear a dinâmica de influências e motivações que movimentaram a formação dos espaços BC's.

A Entrevistada A, nascida e crescida no interior do Estado do Maranhão, aponta para uma vida simples e com poucos recursos, conforme suas falas, onde começou a trabalhar desde pequena para ajudar a família, cuja criação conservadora lhe traçava o caminho de esposa, mãe e dona de casa. O período relativo à sua fase de infância e adolescência faz referência ao da década de 1950 e 1960, cuja realidade da sociedade brasileira era a de uma população predominantemente agrária, sendo também marcado pelo movimento crescente do

êxodo rural, onde o homem do campo começou a migrar para os grandes centros urbanos em busca de trabalho e melhorias de vida³⁰.

Na década de 1970, aos 25 anos, a Entrevistada A chega na cidade de Manaus, formando família e estabelecendo residência fixa na região. Momento este de acelerado processo de crescimento econômico e demográfico da cidade decorrente da pós-estruturação da Zona Franca de Manaus (ZFM), em 1967, que atraiu diversos migrantes pela oferta de emprego e desenvolvimento econômico local.

Face ao contexto histórico de Manaus, na década de 60 e 70 ocorreu um grande inchaço de migrantes que resultou em um crescimento desordenado da cidade que não possuía estrutura suficiente, no qual "[...] muitos bairros foram criados às custas das ocupações, sem qualquer forma de planejamento." (SANTOS, 2007, p. 210). Nesse sentido, quando a Entrevistada A discorre de seu envolvimento com a comunidade, que se inicia a partir da sua fixação de residência no bairro, sua articulação comunitária acontece tanto pelas necessidades oriundas da comunidade local quanto por questões individuais, uma vez que a melhoria local condizia também em próprio favorecimento, no que diz respeito às condições de habitação, saneamento e serviços básicos que se apresentavam precárias ou nulas, até mesmo pela conjuntura da época, tal qual se especulava de o "[...] 'fim do mundo', como era chamado o bairro do Japiim, dada à dificuldade de acesso e à escassez dos serviços públicos, situação típica de povoados recém-formados." (SANTANA NETO, 2010, p. 18).

Em seus discursos, apresentados no subitem 3.4.1 desta dissertação, a Entrevistada A não faz conexão de sua ação em prol a constituição da biblioteca comunitária com as experiências e vivências pretéritas, sendo imperativa ao dizer que tal criação "[...] não teve nada a ver com relação à infância, juventude [...] foi uma questão de necessidade para a comunidade [...]" (ENTREVISTADA A, 2012), o que em momento subsequente fora sobreposto por outra posição de demonstração não apenas de uma interligação históricossocial, como em: "Eu queria pra comunidade o que eu não tive." (ENTREVISTADA A, 2012), sendo o que o sujeito não pode ter dada suas condições e as posições de seus pares em relação a

³⁰ Ver RIBEIRO, Paulo Silvano. *Transformações socioeconômicas no Brasil da década de 50*. Disponível em: <<http://brasilecola.uol.com.br/sociologia/transformacoes-socioeconomicas-no-brasil-decada-50.htm>>. Acesso em: 12 jan. 2013.

educação formal e o desenvolvimento cognitivo, a ausência da biblioteca; mas também torna-se perceptível o afloramento de um sentimento maternal em seu discurso, "Eu fiz pelos meus filhos o que não fizeram por mim. Os meus filhos viveram aquilo que eu não vivi, e a comunidade, a minha comunidade, que eu vivi, que eu convivo até hoje, eu quero o que é melhor pra ela." (ENTREVISTADA A, 2012).

Observa-se o distanciamento existente entre a Entrevistada A e a instituição biblioteca, quando da afirmação daquela que discorre que as escolas que frequentou não possuíam bibliotecas e, até meados de 1990, nunca havia conhecido e adentrado em uma instituição biblioteca, onde esta, até então, não fazia parte de seu contexto histórico e tão pouco lhe era atribuído quaisquer valor ou significado.

Contudo, o passo inicial apresentado nos discursos e que cogitou a criação de uma biblioteca comunitária estabeleceu-se pelo conhecimento *in loco* de um ambiente biblioteca, o que trouxe entusiasmo para construção de um espaço voltado para a sua comunidade e cujas influências se faziam presentes pelo espaço ora visitado.

Entretanto, faz-se mister salientar que a vivência da Entrevistada A em instituições bibliotecas cessou logo após o seu primeiro contato, não mais obtendo contato senão na própria BC Semeando Saberes, cuja visita se limita à supervisão. Nesse sentido, põe-se em questão a real importância desse ambiente para a Entrevistada A, dada que a intenção de construir a BC possa ter tido primeiramente objetivos políticos, no sentido de promoção do Clube das Mães, do qual é presidente; um estímulo para o desenvolvimento de um projeto que, de fato favoreceria a comunidade, mas, paralelamente enalteceria sua posição e beneficiaria direta e indiretamente o Clube.

Ao descrever uma biblioteca, a Entrevistada A atenta para questões do horário de funcionamento, instrumentos, espaço físico e pessoal capacitado para estar à frente da instituição; não faz alusão, contudo, aos materiais de informação, ao conteúdo informacional de qualidade para suprir a necessidade dos comunitários.

Observa-se também uma postura política em seu discurso acerca da leitura, onde discorre ser o caminho para os indivíduos atingirem seus objetivos no mundo atual, em outros termos, sua percepção aponta que o conhecimento é a base para o crescimento e desenvolvimento do indivíduo e que a leitura é o viés para esse

alcance, apontando a Bíblia como leitura mais assídua e justificativa da falta de tempo como o grande vilão na busca da informação e conhecimento para si.

Outrora, sua posição política como presidente do Clube das Mães ajudou muito na construção desse espaço, visto a articulação com projetos sociais, facilitando o alcance de meios para sua concretização.

A Entrevistada A não emite parecer quanto sua satisfação para com as bibliotecas existentes na cidade, admitindo ter pouco conhecimento delas. Contudo, afirma que a Semeando Saberes é uma biblioteca, e que “perde para as outras”, no sentido de ser inferior às demais instituições desse porte no que concerne o espaço físico, por ser pequena.

Do seu discurso sobre a importância da educação formal para o indivíduo, onde afirma que hoje em dia as coisas são mais fáceis, como é o caso da Semeando Saberes que permanece de portas abertas a quem quiser usufruir; refere-se à disposição e acessibilidade à educação e à informação que são postos à sociedade, dependendo apenas do interesse do sujeito.

Quando indagada sobre o ganho da comunidade com espaço construído, a Entrevistada A não demonstra ciência ou convicção sobre os benefícios oriundos de uma biblioteca, limitando-se a dizer que para quem valoriza e para quem sabe a importância o espaço é algo bom. Nesse sentido, o olhar, a impressão do ambiente e a beleza da primeira experiência com uma instituição biblioteca parece demarcar seu entendimento, sem uma exposição mais apurada, cuja aceção não fora aguçada ora pela própria ausência da biblioteca na vida do sujeito, ora pela negação cultural governamental no sentido da importância e utilidade da biblioteca e também pela própria biblioteca que não se faz visível e acaba por afastar ao invés de aproximar o cidadão. Ademais, apesar da Entrevistada A demonstrar não dispor no momento da entrevista de uma argumentação bem elaborada, faz-se notório que a instituição biblioteca se revela para esse sujeito como algo importante para o coletivo, sendo a partir desta percepção, *a priori*, que suas ações se voltaram para a construção da BC.

Dado o exposto, no contexto de construção da Semeando Saberes, pode-se inferir que a motivação em construir a BC apresenta três vertentes: pela possibilidade de proporcionar ao outro o que não pôde usufruir no passado; movida pela tentativa de suprir as necessidades de informação do próprio Clube e da comunidade local; e motivada também, implicitamente, pela ascensão social do

Clube e do sujeito enquanto presidente, sendo este último resultado ou consequência da ação de criação do espaço.

A busca por parcerias é vista desde o início da especulação da BC, o que demonstra a importância desse viés para a concretização do espaço, no sentido de viabilizar os diversos recursos (financeiro, material e equipamento, pessoal, estrutura) que são e que foram necessários, tanto no momento de sua criação quanto para sua manutenção, uma vez que se trata de uma instituição sem fins lucrativos.

Em um primeiro momento, para o sujeito, o sentido de participação local para com a BC é tido como a utilização do ambiente pelos comunitários, o que, a seu ver, seria sanado se a biblioteca funcionasse nos períodos da manhã e tarde, impossibilitada pelo fato de não poder contar com uma estagiária da área de Biblioteconomia nos dois horários, em função da disponibilidade dos alunos de graduação. Em outro momento, o sentido se expande ao cogitar a participação da comunidade com o trabalho voluntário na BC, onde, na percepção da Entrevistada A é algo improvável, mostrando-se cética a tal possibilidade.

Quanto aos serviços oferecidos pela BC, o qual "[...] não tem estrutura para ficar correndo atrás de quem pegou o livro para emprestar [...]" implica uma abordagem conservadora da Entrevistada A para com a função da instituição biblioteca, cuja preocupação maior está em conservar e manter os recursos informacionais ao invés de buscar suprir e satisfazer as necessidades de seus usuários, frisando novamente que estes são a razão de existir de uma biblioteca.

Não obstante, observa-se também no discurso da Entrevistada A que as ações desenvolvidas e que buscam maior integração da BC para com a comunidade se fazem substancialmente nos limites estruturais do Clube, se mostrando suficiente apenas para o seu público interno e tão pouco para alcançar a comunidade local, uma vez que se faz necessário que as formas de promoção do Clube, com relação à BC, ultrapassem seus muros para constituir um possível envolvimento com os moradores, e assim também abrir a probabilidade de reconhecimento e usabilidade do espaço.

De outro lado os discursos da Entrevistada B, subitem 3.4.2, idealizadora da BC Socorro Chaves, nasceu e cresceu na cidade de Manaus, em período pós-criação da ZFM, e foi moradora do bairro de Petrópolis por 36 anos, onde se dedicou ao trabalho voluntário.

Apesar de ter nascido em área urbana, a Entrevistada B também vivenciou um período de intensa transformação na cidade, dada a velocidade do processo de urbanização de Manaus ocorrido pelo expansionismo populacional e geográfico da cidade,

Nos últimos trinta anos, a Zona Franca foi responsável pela atração de um grande fluxo migratório do interior do Estado, do Nordeste e de diferentes regiões do país. Em consequência, a população de Manaus cresceu mais de 500%, saltando de 300 mil habitantes, na década de 1970, para mais de 1 milhão e 500 mil na virada do século XXI. Nesses anos, a cidade acumulou um passivo socioambiental de iguais proporções, que provocou a redução da qualidade de vida da maior parte da população, com reflexos diretos nas condições de saúde, higiene e moradia. (PROJETO..., 2002, p. 21).

O crescimento físico e demográfico desenfreado na cidade se revelou em uma ampliação da malha urbana por meio da definição de loteamentos e construção de conjuntos habitacionais, além de comércios e indústrias em um contexto de despreparo de sistemas de infraestrutura para absorver tal situação, como foi o caso do bairro de Petrópolis³¹ que, em 1953, foi loteado para abrigar famílias vindas do interior do estado do Amazonas que fugiam do que, hoje, foi considerada uma das maiores enchentes do rio Amazonas.

Entretanto, a separação dos pais é vista nos discursos da Entrevistada B, como o fator que desencadeou a desestrutura de sua família e que influenciou diretamente em sua formação. Nesse sentido, observa-se com destaque o modelo patriarcal na organização familiar desse sujeito, cujo homem responsabiliza-se em garantir financeiramente o sustento familiar e à mulher restringe-se o papel de cuidar da casa e dos filhos.

No enfrentamento do divórcio dos pais, destaca-se a quebra do vínculo da dependência financeira que deixou a família da Entrevistada B sem capacidade suficiente de sustento, obrigando-a, ainda criança, a se inserir no mercado de trabalho informal, como forma de auxílio à renda familiar para ajudar na manutenção de seu lar, e a interromper seus estudos, o que é enunciado com bastante pesar pelo sujeito, expondo claramente sua insatisfação pela exploração do trabalho infantil vivenciada.

³¹ Ver <http://www2.manaus.am.gov.br/portal/secretarias/Manauscult/biblioteca-virtual/11%20petropolis.pdf>.

Há de se frisar a questão da gravidez na adolescência, acometida no discurso do sujeito que conduz o início da vida matrimonial e traz diversas transformações para a Entrevistada B, em que a relação aos fatores condicionantes pode-se estar atrelada diretamente aos aspectos de carência familiar não somente no sentido econômico, como também de informação.

Os discursos da Entrevistada B (subitem 3.4.2) demonstram que, a percepção da necessidade de instrução formal para seu crescimento pessoal, profissional e conseqüente melhoria de condições de vida, inclinou-a a ultrapassar vários obstáculos para conquistá-la, como a falta de incentivo familiar, os filhos ainda em fase infantil e a situação de carência financeira.

Para a Entrevistada B, o conhecimento era a porta de entrada para um futuro melhor e sua busca se constituiu como seu principal objetivo, cuja inquietação destaca-se em seus enunciados, "Eu tinha sede de conhecimento [...] com vontade de estar ali [...] eu queria tanto estar ali com aquelas pessoas estudando." (ENTREVISTADA B, 2012).

A alegria e entusiasmo nos discursos da Entrevistada B ao falar de sua vitória ao entrar na universidade pública é acompanhada por um momento descrito com tensão, mas visto na pesquisa como coragem, ousadia e perseverança, em que necessitou optar entre o seu casamento e a continuidade de seus estudos, o que configurou a experiência de vivenciar novamente o trauma do divórcio.

Quanto ao hábito da leitura, a Entrevistada B reconhece que não possuía, fato esse que muitas pessoas não conseguem admitir, seja por vergonha ou falta de gosto pela leitura, uma vez que este costume está atrelado à cultura e conhecimento. Contudo, seu discurso demonstra que o hábito de ler foi apreendido durante sua formação superior, na universidade, em que a consciência da importância e prática aflorou. Ademais, não se faz plausível questionar o incentivo à leitura em seu ensino fundamental e médio, uma vez que estes foram conquistados em períodos não regulares, por meio do *Provão da SEDUC*, atual Supletivo.

Discorre ser frequentadora assídua do ambiente biblioteca, sendo enfática que tal frequência se faz como usuária e não como Bibliotecária, sua atual formação. Entretanto, salienta que a própria profissão teve grande contribuição nesse aspecto e pode o ter também na questão do hábito da leitura, uma vez que esta é temática bastante aguçada na academia.

Na percepção da Entrevistada B, a instituição biblioteca necessita ser dinâmica e desmistificar a imagem negativa de um lugar isolado para onde eram direcionadas as crianças, em âmbito escolar, que estavam em situação de castigo - um cenário construído ao longo dos tempos por professores e gestores de escolas. Nesse sentido, a intenção está em demonstrar que a instituição biblioteca não é um ambiente inerte e sim um espaço ativo de busca, interação, socialização e disseminação da informação, o que carece da percepção da sociedade como um todo.

Da diferença existente entre as outras bibliotecas e a Socorro Chaves, a Entrevistada B destaca o fato desta não esperar por seu usuário e ir à busca dele por meio de diversas ações desenvolvidas dentro e fora da BC. Tal iniciativa é temática de grande discussão na academia, no que se refere a importância da interação da biblioteca com sua comunidade, da existência de comunicação para com seu usuário, do trabalho de extensão da biblioteca para além de seus muros, o que normalmente não se torna prática na realidade dessas instituições.

No olhar quanto à acessibilidade do indivíduo aos livros, para a Entrevistada B, trata-se da necessidade de trabalhar em prol do incentivo à leitura. Em sua perspectiva, o contato com o material impresso traz um misto de sentimentos e entusiasmo, o que colabora e aguça o interesse do sujeito em desvendar o objeto. Entretanto, nesse ponto há de ser verificada a questão da necessidade do usuário, considerando o que pode ser capaz de despertá-lo como leitor e mostrar-se receptivo em apreender o hábito da leitura.

Desse modo, conforme seus discursos, o principal benefício que a comunidade tem a ganhar com a BC Socorro Chaves seriam a informação e o conhecimento que podem ser adquiridos com a utilização do espaço, sendo possível inferir diretamente na formação de uma comunidade mais autônoma.

Conforme o discurso da Entrevistada B, a BC Socorro Chaves foi fruto de um trabalho voluntário, cuja motivação deu-se em decorrência de seu próprio contexto de carência informacional, bem como pela oportunidade dada pelo Instituto Alternativo em poder beneficiar a comunidade com um projeto social e pelo conhecimento da existência e viabilidade de construção de BC's.

A relevância das parcerias também é ressaltada no contexto da Socorro Chaves, contudo, a comunidade local foi descrita com igual importância na formação do espaço, cuja participação foi dada por meio de trabalho voluntário comunitário

tanto na organização e no funcionamento da BC, como também no apoio por meio de doações.

A Entrevistada B descreve sua experiência com a BC como uma "doação", cuja palavra foi dada além do ato de oferecer seu trabalho àquele projeto, no sentido de ter contribuído efetivamente com o melhor de si para a concretização do espaço. Ademais, é perceptível o desenvolvimento de uma relação afetiva, no que concerne seu envolvimento com as pessoas que participavam não só do projeto da BC, mas também do Alternativo como um todo, que na época possuía suas ações limitadas a um pré-vestibular comunitário. Nesse sentido, pode-se aferir que um dos atenuantes acerca de tal intensidade no envolvimento da Entrevistada B para com a biblioteca e seu mantenedor, dá-se pelo fato de que ela mesma é fruto do sucesso do projeto do Alternativo, onde este permitiu o alcance de seus objetivos pessoais e profissionais.

Conforme os enunciados da Entrevistada B, o trabalho voluntário aparece como o motor de todo o movimento que possibilitou a construção da BC Socorro Chaves, sendo visto desde sua idealização, planejamento, organização e funcionamento, o que em sua visão, essa ação de solidariedade é o ponto mais positivo de todo o processo de erguimento da biblioteca. Ademais, o próprio voluntariado era instigado na comunidade, seja por oferecer certificado aos participantes ou em um sistema de troca aos que não tinham condições de custear a taxa do pré-vestibular do Alternativo.

Para tanto, as entrevistadas A e B, discorrem da satisfação do resultado de seus esforços, que fizeram possível a construção das BC's, expressos como "um sonho realizado" e "não há palavras", onde denotam o contentamento e sentimento de orgulho na concretização do espaço. Contudo, de um pensamento criador individual, as ações para a formação das BC's envolveram grupos de pessoas internos e externos às comunidades onde estão inseridas, ambos de extrema relevância em cada passo do processo, e que tornou visível a mobilização social em prol a um bem comum.

3.5 A compreensão acerca de bibliotecas comunitárias

Todos os dias a sociedade é bombardeada com milhões de informações por meio de diversos tipos de manifestações – oral e escrita – em suas mais variadas

mídias, como a *Internet*, o rádio, a televisão, os jornais, revistas, entre outros, ou por meio de grupos e/ou instituições sociais.

Entretanto, paralelo a esse fato está o modo como essas informações são processadas pelo indivíduo, dado o seu capital intelectual, e ainda quando isto se torna possível, uma vez que muitos desses conjuntos de dados somente passam, sem constituir conhecimento, tornando-se elementos soltos sem atribuição de significado. Outra questão, não menos importante, é sua veracidade, a confiabilidade do conteúdo dos temas e assuntos que são tratados e abordados dentro de um discurso.

Nesse contexto de difusão informacional, considerando a importância do conhecimento local para a projeção de sua ação, a intenção desta abordagem está em reunir elementos que possibilitem compreender o processo de significação local acerca de bibliotecas comunitárias, no que concerne aos viesses para a obtenção do conhecimento sobre o objeto pelos sujeitos entrevistados e suas possíveis influências na idealização dos espaços e na construção de seu significado.

Ademais, o enfoque possibilita evidenciar se as iniciativas para a criação desses espaços, intitulados bibliotecas comunitárias, se apresentam na cidade como sendo uma criação original ou continuidade de um fenômeno que vem se perpetuando em todo o Brasil.

3.5.1 A concepção dos idealizadores dos espaços

Entrevistada A, idealizadora da Biblioteca Comunitária Semeando Saberes, afirma ter ouvido falar no termo biblioteca comunitária, mas que nunca tinha visto uma.

Já tinha ouvido falar, comentários, projetos que a gente ouvia falar. Ainda não tinha visto uma né, mas ouvido falar... [...] A biblioteca da escola atende a comunidade escolar, não atende a comunidade externa [...] Então a gente sentiu a necessidade de uma biblioteca pra atender a comunidade externa [...] por isso veio a ideia de lutar e brigar pela biblioteca. (ENTREVISTADA A, 2012).

Ao perguntar como havia tomado conhecimento do termo, discorreu que fez uma associação aos nomes, já que queria uma biblioteca que seria para a comunidade, ficando assim estabelecida como biblioteca comunitária. Afirmou

conhecer o significado de BC e versa que trata de uma biblioteca feita para a comunidade, pois,

Se eu monto uma biblioteca comunitária, no meu entendimento é que estou envolvendo os comunitários, que comunitário pode vir, porque tem o termo comunidade e essa biblioteca, que foi criada pra eles. Ele tem que vir aqui interagir, tem que participar, quer dizer, se ele achar bom pra ele né, ele vem. E ele chegando aqui é acolhido. (ENTREVISTADA A, 2012).

Aponta que a responsável pelo projeto da BC, que possibilitou o planejamento e a concretização da Semeando Saberes, conversou e discutiu sobre o que de fato era uma biblioteca comunitária e acerca do que a comunidade iria ganhar com a sua criação.

Enfatiza que após a concretização da construção da biblioteca comunitária, houve bastante procura para a realização de pesquisas acadêmicas e conhecimento a respeito do lugar. Entretanto, ressalta:

Muitas outras pesquisas já foram feitas. Pesquisas bem feitas e pesquisas mal feitas. Inclusive tem uma [...] onde as pessoas não entenderam direito a parceria, né, não entenderam que a Casa do Cidadão, ela é parceira do Clube de Mães da Japiinlândia, não significa que o Clube de Mães é da Prefeitura. O Clube de Mães é uma instituição livre, civil, que não tem nada a ver com a Prefeitura, só somos parceiros. [...] nós damos o espaço, o que nós temos, a Prefeitura dá os projetos [...], ela paga água, ela paga o básico, pra funcionar, pra manter... [...].

Ademais, é importante frisar também que o Clube de Mães, além da Prefeitura, possui também o Estado como parceiro, o que, na concepção da Entrevistada A, possibilitou e viabiliza que diversos projetos sociais cheguem de fato à comunidade do bairro Japiim.

Contudo, nas pesquisas realizadas no ambiente, não houve nenhum tipo de imposição ou intervenção acerca do que o espaço seja, “[...] às vezes a pessoa nem vinha conversar comigo, pedia só permissão e ia para a biblioteca fazer a pesquisa.” (ENTREVISTADA A, 2012); no entanto, sempre foi empregado o termo biblioteca comunitária para se referirem ao local.

Já na concepção da Entrevistada B, idealizadora da BC Socorro Chaves, em resposta a respeito do conhecimento do termo biblioteca comunitária afirma que antes de pensar no projeto não possuía qualquer informação do assunto e tão pouco

ouvido falar no termo, sendo seu primeiro contato efetuado por meio de um professor, em sala de aula, já na faculdade.

Logo em seguida, buscou colocar a ideia em prática no Alternativo, e só posteriormente averiguar na literatura o que era a biblioteca comunitária, enfatizando que havia pouca literatura sobre o assunto e o material escasso que existia não era muito esclarecedor.

Argumenta que conhece o significado do termo, e o discorre: “[...] surgiu da necessidade de informação das pessoas menos favorecidas. Ela nasceu dentro de um espaço aonde a biblioteca pública não conseguiu chegar.” (ENTREVISTADA B, 2012). Ademais, explica que buscou também explanação sobre a temática com os próprios docentes do Departamento de Biblioteconomia da UFAM.

Contudo, houve muito interesse de acadêmicos e docentes da área de Biblioteconomia para fazer pesquisas na Biblioteca Comunitária Socorro Chaves, para saber o que era e como era, como se mantinha, bem como para buscar elementos para o desenvolvimento de projetos.

Ao perguntar se, durante as pesquisas e os projetos desenvolvidos, houve imposição ou intervenção acerca do espaço, a resposta foi negativa. Contudo, a usabilidade do termo biblioteca comunitária para referir-se ao ambiente sempre foi comum a seus pares.

Além da relevância do conhecimento do sujeito acerca de seu objeto idealizado, procurou-se conhecer as concepções da comunidade onde essas bibliotecas estão inseridas, com intuito de verificar o envolvimento comunitário para com os espaços até então criados para suprir sua necessidade informacional.

3.5.2 O conhecimento do espaço pela comunidade local: áreas dos bairros do Japiim e Petrópolis, Manaus/AM

A literatura que discute bibliotecas comunitárias coloca que tais unidades emergem, em sua maioria, do meio onde estão inseridas, com participação direta das pessoas que vivem no entorno do ambiente. Nesse sentido, entende-se que se partícipe de um dado fenômeno, o indivíduo o reconhece e compreende sua abrangência.

Buscando confirmar o envolvimento da comunidade local neste segmento, foram abordados 20 indivíduos, moradores das comunidades onde as bibliotecas comunitárias estão inseridas, sendo 10 nas mediações da BC Semeando Saberes e 10 no entorno da BC Socorro Chaves, tendo como critério de abordagem a participação de ambos os sexos, maiores de 18 anos e residentes até 300 metros dos respectivos espaços.

As idades dos entrevistados variaram entre 20 aos 66 anos, sendo a maioria dos participantes do sexo feminino. Do total dos indivíduos abordados, três recusaram-se em participar da pesquisa, um apresentou resistência no início por medo de não saber responder, mas, posteriormente foi positivo quanto à sua participação e os demais se apresentaram bastante receptivos e interessados em se tornarem sujeitos da pesquisa.

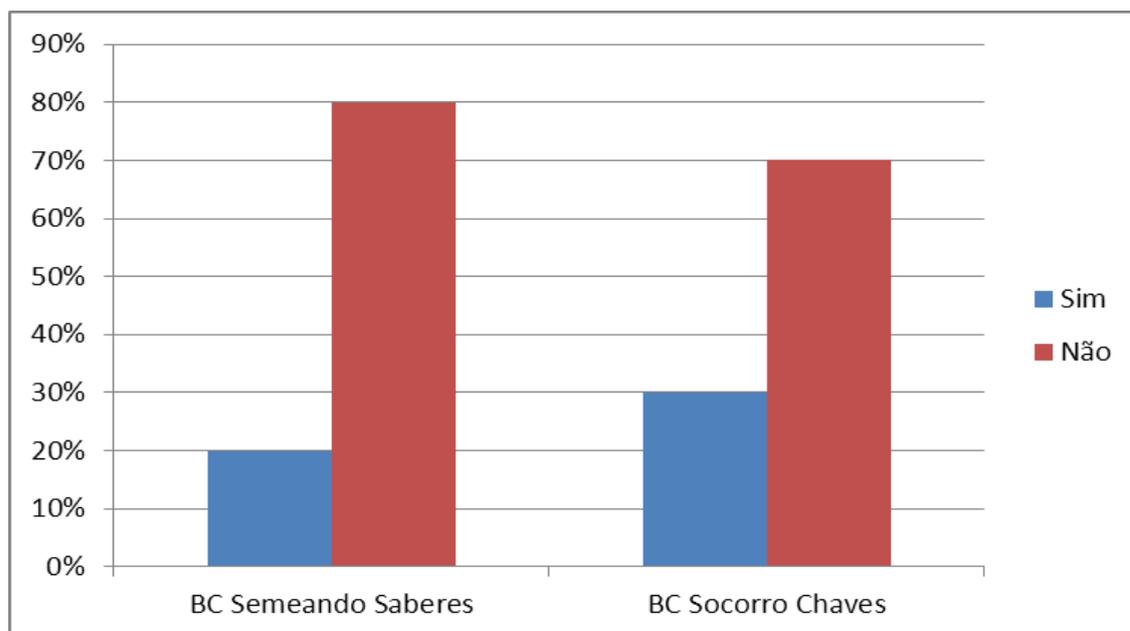
Em consonância com o roteiro de entrevista (APÊNDICE - A), o processo de coleta de dados ocorreu primeiramente com a busca de informações advindas dos moradores abordados quanto à ciência da existência desses espaços em seus respectivos bairros e do conhecimento do termo biblioteca comunitária, do meio pelo qual esse termo chegou para a noção do entrevistado, se conhece o significado do objeto de pesquisa e de sua acepção ou entendimento acerca de BC. Para tanto, as informações extraídas foram organizadas e tabuladas, o que possibilitou a construção de gráficos para expor os dados e facilitar a visualização dos resultados obtidos a partir da pesquisa de campo.

Com relação ao conhecimento da biblioteca comunitária nas mediações da BC Semeando Saberes, conforme Gráfico 1, um total de 80% dos moradores entrevistados afirmaram desconhecer a existência de um espaço no bairro que ofereça materiais como livros, por exemplo, para fazer pesquisas e/ou leitura; e, conseqüentemente, os demais 20% dos moradores abordados reconhecem a existência desse espaço, indicando o Clube de Mães da Japiinlândia como o ambiente onde a biblioteca comunitária está inserida. Contudo, notou-se que em nenhum momento o termo biblioteca comunitária foi mencionado, apenas o termo biblioteca.

Nas proximidades da Biblioteca Comunitária Socorro Chaves, 70% dos moradores foram negativos quanto ao reconhecimento da existência de algum espaço para pesquisa no bairro de Petrópolis, além disso, enfatizaram que só havia espaço dessa natureza no centro da cidade, fazendo referência às bibliotecas

públicas. Outrora, 30% mostraram-se positivos e complementaram a resposta com a indicação do Alternativo de Petrópolis como sendo local onde estava instalado o espaço (GRÁFICO 1). Igualmente ao resultado da área do bairro Japiim, observou-se a não utilização do termo biblioteca comunitária por parte dos entrevistados.

Gráfico 1 – Posicionamento local acerca da existência das Bibliotecas Comunitárias



Fonte: Coleta de dados *in loco* (2012).

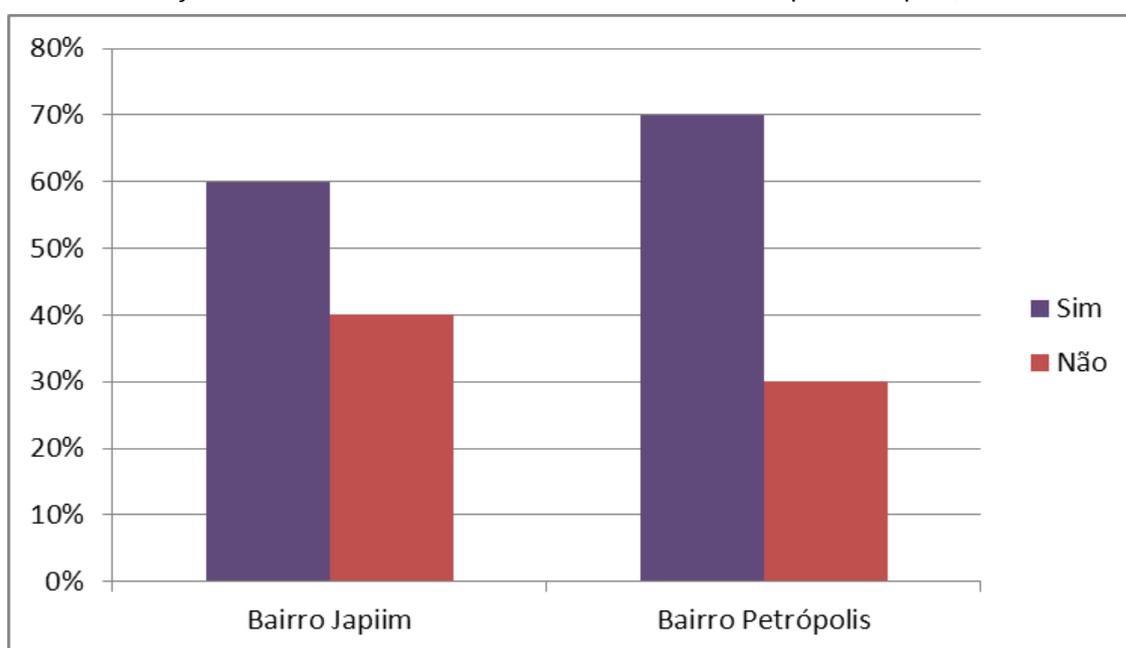
Os dados, ora relatados, apontam que a maioria dos moradores desconhece os espaços pesquisados e apenas uma pequena parcela possui ciência de sua existência, entretanto, não a reconhecem como biblioteca comunitária. Desse modo, pressupõe-se que há uma deficiência na integração desses espaços para com a própria comunidade onde está inserida e para qual foi criada. Tal constatação pode apresentar-se de modo negativo na questão da participação e envolvimento local nas atividades das BC, podendo também ser fator diretamente prejudicial na demanda de seus usuários, uma vez que tomar parte acerca de algo é o primeiro passo para uma posterior tomada de decisão de um indivíduo.

Das informações obtidas faz-se relevante o relato de um dos entrevistados que discorre da existência de um espaço nas proximidades de sua residência que oferece materiais para leitura e pesquisa: “Sim, tem no Clube das Mães, mas parece que fechou. Pela manhã quando vou à feira passo por lá, mas vive fechado. Não sei se vai abrir novamente.” (MORADOR D, 2012). Observa-se que, a partir da narrativa, apesar de o sujeito reconhecer a inserção do espaço em seu meio, não

possui informação sobre o real funcionamento do lugar, o que pode vir a ser fator de distanciamento deste indivíduo para com o ambiente.

Entretanto, ao averiguar se os sujeitos conheciam o termo biblioteca comunitária, 60% dos entrevistados do bairro Japiim informam já terem ouvido falar, e em contrapartida, 40% destes intensificam a negativa em utilização da palavra “nunca” em seus discursos, e afirmam seu total desconhecer acerca da biblioteca comunitária (GRÁFICO 2).

Gráfico 2 – Noção do termo Biblioteca Comunitária – bairros Petrópolis e Japiim, Manaus/AM



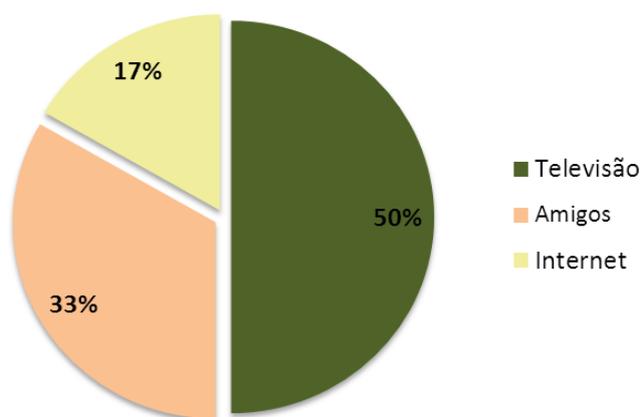
Fonte: Coleta de dados *in loco* (2012).

Nas mediações da Biblioteca Comunitária Socorro Chaves, o resultado não se revela tão distante, pois 70% dos sujeitos entrevistados reconhecem ou ouviram falar nesta categoria de biblioteca e 30% são negativos e enquadram-se na parcela que desconhece o termo (GRÁFICO 2).

A falta de usabilidade pelos entrevistados do termo biblioteca comunitária não se mostrou de fato como um indício de total estranhamento da comunidade com essas instituições, ao passo que nos discursos dos sujeitos entrevistados, o termo biblioteca comunitária apresenta-se bastante conhecido. Ademais, este quadro demonstra que pouco a pouco a temática vem tomando repercussão na cidade, onde mais da metade dos entrevistados afirmaram conhecer ou ter ouvido falar acerca destas instituições, mesmo não as reconhecendo em seu próprio meio.

Por conseguinte, das informações obtidas a respeito da referência para a apropriação do termo biblioteca comunitária pelos moradores, foi constatado que o meio televisivo apresentou-se como o mediador de maior índice no bairro Japiim, representado por 50%, e os demais, 33% com amigos e 17% em utilização da *Internet* (GRÁFICO 3).

Gráficos 3 – Propagação da temática biblioteca comunitária – bairro Japiim, Manaus/AM

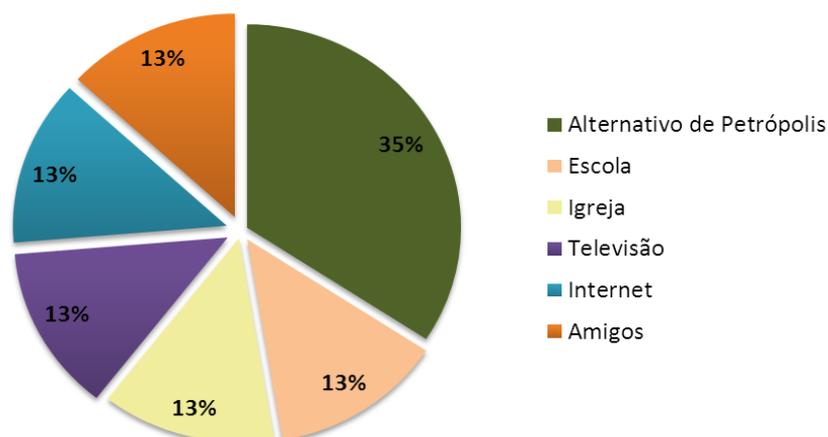


Fonte: Coleta de dados *in loco* (2012).

A difusão da temática biblioteca comunitária, em específico na área abordada, vem sendo possível por meio de terceiros, em utilização dos canais de comunicação mais comuns nos dias atuais, como é o caso da mídia televisiva.

Em contrapartida, o Instituto Alternativo de Petrópolis mostrou-se como o principal agente de propagação da BC, com indicação de 35% dos sujeitos entrevistados na área de Petrópolis, considerando os que afirmaram conhecimento acerca de biblioteca comunitária, seguido por mediadores como a escola, igreja, amigos, televisão e *Internet*, todos com o índice de 13% (GRÁFICO 4).

Gráfico 4 – Propagação da temática biblioteca comunitária – bairro Petrópolis, Manaus/AM



Fonte: Coleta de dados *in loco* (2012).

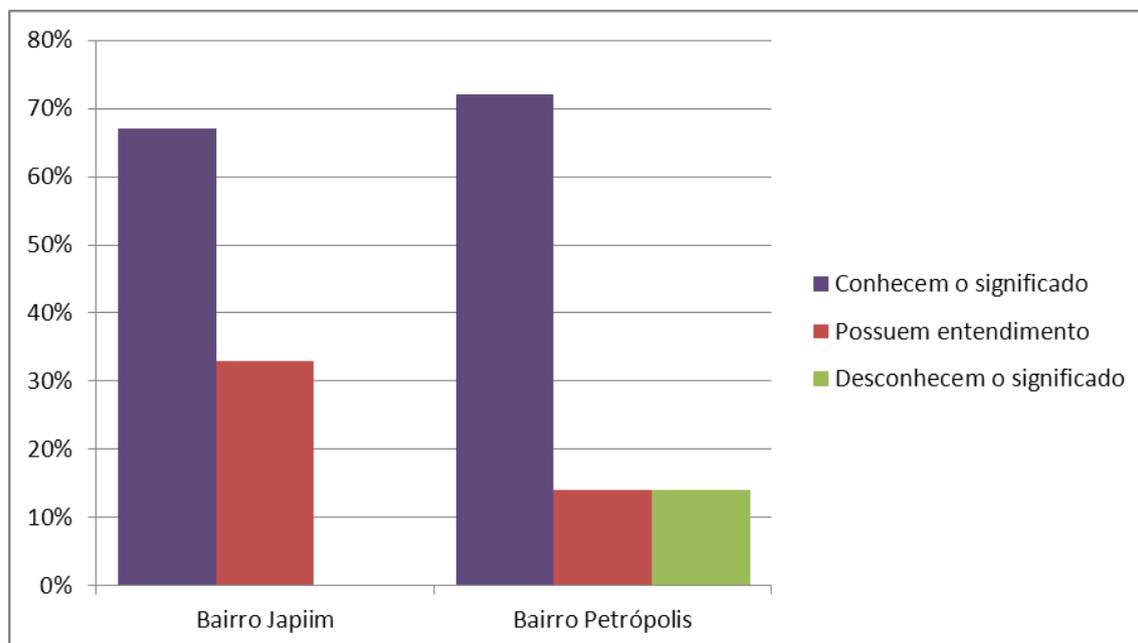
A partir dos dados obtidos, relativos a Semeando Saberes, pode-se especular a existência de certa omissão por parte da própria biblioteca comunitária em fazer-se ser vista pela comunidade, no que diz respeito a sua divulgação e promoção, o que vem a comprometer diretamente sua relação com área onde está inserida.

Quanto aos dados obtidos na área de Petrópolis, tanto os meios de comunicação quanto os agentes e instituições sociais aparecem como transmissores à sua comunidade, o que reflete outrora, o envolvimento direto ou indireto daqueles com a temática e com a própria BC Socorro Chaves, bem como o possível reconhecimento da biblioteca como relevante para o desenvolvimento do indivíduo e conseqüentemente da comunidade. Ademais, é perceptível que houve preocupação e engajamento por parte dos responsáveis por essa instituição na integração deste ambiente na comunidade, o que tornou possível seu reconhecimento local por uma parcela dos entrevistados.

No que concerne o saber dos sujeitos com relação ao significado de biblioteca comunitária, deparou-se com a ocorrência de três grupos de apreensão da temática: os que afirmam conhecer o termo e o sentido de biblioteca comunitária; os que alegam conhecer o termo, mas que, no entanto, possuem pouco entendimento do que possa significar; e os moradores que ouviram a respeito e não sabem do que se trata. A discrepância na exposição das ideias dos sujeitos foi dada pela maneira como a informação chegou a seu conhecimento, de modo que o conhecer e o ouvir falar acerca desses ambientes está intimamente ligado a seu discernimento.

Dessa maneira, face às mediações da Semeando Saberes, dois grupos de apreensão foram observados: 67% dos comunitários abordados apontaram conhecer o significado e 33% alegaram entendimento sobre o espaço (GRÁFICO 5).

Gráfico 5 – Acepção da biblioteca comunitária – bairros Japiim e Petrópolis, Manaus/AM



Fonte: Coleta de dados *in loco* (2012).

A apreensão do ambiente por parte dos sujeitos envolvidos no bairro de Petrópolis não se mostrou muito distante dos resultados da área do Japiim. Ademais, foi possível verificar a existência de três grupos no que concerne a apreensão dos envolvidos sobre o espaço estudado. Nesse sentido, nesta abordagem 72% moradores asseguraram conhecerem o significado de BC, 14% discorreram sobre a obtenção de um entendimento próximo acerca do objeto e 14% dos entrevistados desconhecem seu significado (GRÁFICO 5).

Desse modo, observa-se que apesar do não reconhecimento das bibliotecas comunitárias locais, grande parte dos moradores abordados mostraram-se detentores de certo conhecimento sobre BC, expondo segurança em seu posicionamento, contrariamente aos que alegaram apenas entendimento, cuja instabilidade em seus discursos era imperativa. Todavia, percebeu-se a preocupação em proporcionar transparência em suas informações e em contribuir sem parcimônia com o estudo, além de tudo não se manifestaram tímidos e/ou

desistentes de participação no momento da entrevista quanto da admissão do não conhecimento acerca do objeto.

Fazendo referência ao saber local acerca das instituições BC's, destacam-se os discursos dos sujeitos quanto ao significado dessas unidades de informação:

- Morador A: Uma biblioteca para o bairro.
 Morador B: Um lugar para fazer pesquisa em livros.
 Morador C: Um lugar onde se tem acesso a muitos livros, para várias classes.
 Morador F: É a participação da comunidade em doações para a biblioteca; também para fazer empréstimo de livros para a comunidade.
 Morador G: Uma biblioteca para o bairro, com acesso livre, onde as pessoas doam seus livros.
 Morador J: Para pesquisa e estudo.
 Morador L: Biblioteca aberta ao público, para a comunidade.
 Morador M: Acho que é um lugar para o público, para pesquisa.
 Morador N: Uma biblioteca disponível para a comunidade.
 Morador P: Uma biblioteca para os menos favorecidos. Para as crianças fazerem pesquisas.
 Morador Q: Um lugar como no comércio, no terminal de ônibus, que tenha livros.
 Morador T: É para a população do bairro. (COLETA de dados *in loco*, 2012).

Dos conceitos apresentados pela comunidade local sobre biblioteca comunitária, observa-se que 54% dos entrevistados discorrem ser um espaço criado para a comunidade local, seguido por 46% que afirmam ser um lugar para pesquisa destinado ao público em geral, e 8%, que corresponde a um sujeito que reluz ser uma biblioteca para a comunidade carente, em específico para as crianças.

Nesse sentido, pode-se inferir que para os moradores a biblioteca comunitária é um ambiente público, voltado principalmente para comunidade onde está inserida, com o intuito de proporcionar acesso à informação a seus pares por meio de livros onde, contudo, a participação da comunidade se mostra atrelada apenas às doações de livros.

É relevante frisar que a compreensão dos sujeitos entrevistados, moradores das comunidades onde estão inseridas as BC's, obteve forte influência dos meios de comunicação de massa, cujas informações detêm-se em uma difusão ampla sobre o objeto, sem atentar para uma discussão mais específica acerca do assunto. Ademais, embora seus discursos apresentem um formato muito direto do que possa ser BC, em utilização do próprio senso comum desses sujeitos, a compreensão destes não se mostra longe do posicionamento dos idealizadores desses espaços, e

da própria intenção das bibliotecas comunitárias de Manaus que está na construção de um espaço informacional para a comunidade local.

Face ao exposto, ao analisar os dados obtidos faz-se plausível tecer alguns posicionamentos quanto às bibliotecas comunitárias na cidade de Manaus, o que, contudo, se torna necessário não apenas para conhecimento, mas também para possíveis e futuras contribuições.

3.6 Reflexão sobre as bibliotecas comunitárias de Manaus

Ao buscar as experiências de bibliotecas comunitárias na cidade de Manaus, deparou-se com uma grande divergência de informações com relação a sua real existência na região. O que vêm sendo disseminado pelos meios de comunicação reflete apenas a criação destes ambientes, tão pouco se essas instituições estão ativas ou desativadas. Uma das consequências da falta de dados que possa permitir ter conhecimento e acompanhar o que acontece com esses espaços é a geração de uma falsa impressão de sua crescente difusão em Manaus.

A carência de recursos financeiros e de pessoal pode ser considerada uma das grandes problemáticas que esses ambientes enfrentam para conseguirem manter-se, uma vez que, como qualquer instituição biblioteca, não possui fins lucrativos, em conjectura do capital intelectual e cultural. As bibliotecas comunitárias de Manaus sobreviventes, que permanecem em funcionamento, não estão concentradas em áreas consideradas periféricas ou de exclusão, no entanto estão inseridas em zonas onde, de fato, não possuem esse tipo de serviço, ou seja, não são beneficiadas por uma biblioteca pública ou espaços que possibilitam a leitura e pesquisa pela população. Há de considera-se que tais zonas são distantes do centro da cidade ou dos lugares de inserção das bibliotecas e espaços públicos oferecidos pelo Estado para o acesso à informação.

Tanto a biblioteca comunitária Semeando Saberes quanto a Socorro Chaves, possuem parcerias e apoio da UFAM na busca pela continuidade e qualidade de seus serviços. Face ao exposto, os dois espaços oferecem ambientes bem estruturados para receber o usuário e garantir seu conforto, além de buscar no profissional da área de Biblioteconomia o conhecimento necessário para suprir as

necessidades de informação da comunidade e manter o ambiente organizado e ativo.

Os horários de funcionamento das unidades são distintos: uma pelo período da tarde e a outra pela noite. A inflexibilidade dessa escala limita o usufruto do ambiente por uma grande parcela da comunidade que não possui período livre compatível para com o funcionamento das bibliotecas comunitárias. Outrora, sua abertura no turno noturno pode ser positiva para a comunidade, considerando a necessidade de acesso à informação por aqueles que, devido à necessidade de vivenciar diariamente oito horas de trabalho, não possuem tempo hábil durante o dia para frequentar tais espaços.

Os dados revelaram que quanto ao gênero, o sexo feminino aparece com predominância na consecução desses espaços na cidade de Manaus. Sujeitos com idades superiores a 35 anos, educação formal básica, casadas (na época da criação das bibliotecas) e sem o hábito da leitura em seu contexto histórico, tanto pela falta de incentivo quanto por uma variedade de fatores externos, que se inclinaram em sua fase adulta para a realização das iniciativas.

Segundo a lei, é adulta aquela pessoa a partir dos 18 anos de vida. A vida adulta, contudo, não é uma única fase. Ela passa por várias etapas distintas. A vida adulta pode ser dividida em três fases: até por volta dos 40 anos há o adulto jovem; dos 40 aos 60 anos há o adulto maduro e esse período é conhecido por meia idade; dos 60 anos em diante inicia a velhice (MARQUES; REAL; PICETTI, s.d, p.1).

Entretanto, independente das etapas desta fase para o indivíduo, ela é entendida deveras como de estabilidade, sendo representada pela maturidade, principal característica da vida adulta, marcada por várias transições e transformações, cujas passagens são vitais para influenciar e orientar o comportamento vindouro do sujeito. Nesse sentido, infere-se que esse *status* possa ter grande contribuição nas ações dos sujeitos para a idealização dos espaços bibliotecas comunitária, uma vez verificado ter sido nessa fase que os indivíduos passaram a olhar a biblioteca com mais intensidade e cogitaram a possibilidade de arquitetá-la em seu meio.

Ao analisar as vivências dos sujeitos idealizadores desses ambientes, observa-se que essas acabam por refletir que as experiências adquiridas ao longo da vida também se mostraram essenciais para a formação do pensamento

idealizador, cuja intenção maior era o de propiciar condições para um desenvolvimento que outrora não puderam gozar: o cognitivo, intelectual e cultural.

Há grande semelhança no contexto dos sujeitos, que apresentam histórias de vida em ambientes que não ofereciam estruturas que trabalhassem sua formação e conseqüente falta de incentivo para a prática da leitura, situações de trabalho infantil, a constituição de família em fase da adolescência, a descontinuidade dos estudos, e principalmente, a vontade pregressa de conquistar seu espaço e lutar pela melhoria de condições do ambiente em que vive.

Cenário ainda visto nos dias atuais, as necessidades de informação dos entrevistados durante o processo de educação formal ou eram supridas parcialmente ou não o eram, uma vez que as possibilidades de pesquisa e desbravamento do conhecimento registrado limitavam-se aos materiais que o ambiente escolar podia ofertar: “As escolas que eu frequentava não tinham bibliotecas [...]” (ENTREVISTADA A, 2012). Outrora, o primeiro contato com a instituição biblioteca, para ambos os sujeitos idealizadores, aconteceu em fase adulta, onde em um tempo pretérito não havia noção e usufruto dos serviços que esta unidade oferece, como é exposto por ambas:

[...] tinha uma biblioteca ali perto da Praça da Saudade. Foi o primeiro contato que eu tive com a biblioteca, foi lá. Então eu vi a biblioteca, eu disse ‘Gente, mas é assim que a gente tem que fazer a nossa né’. (ENTREVISTADA A, 2012).

[...] a Biblioteca Pública. [...] Eu ficava maravilhada ali [...]. Eu achei aquilo ali... é como se eu tivesse, não sei, foi assim uma sensação de liberdade. [...] Eu ficava assim, uma boba. (ENTREVISTADA B, 2012).

A sensação de deslumbramento foi externalizada por ambos os sujeitos envolvidos, evidenciando-se também que este contato serviu como conexão e fonte de inspiração para um dos sujeitos quando da idealização da BC. Ademais, quando da análise desses ambientes, é possível afirmar que o simples contato com a instituição biblioteca teve sua parcela de contribuição para a criação dos ambientes BC's, o que a semiótica chama de experiência colateral³², uma vez que propiciou

³² Peirce (1977) desenvolveu o conceito de Experiência Colateral com o intuito de filtrar ainda mais a noção do objeto. Tal experiência é derivante de um prévio contato com o objeto dinâmico, afim de que se consiga estabelecer uma conexão com aquilo que signo denota. Desse modo, a experiência colateral se torna extremamente relevante para que se consiga representar e interpretar o signo. A fim de possibilitar maior compreensão do fundamento que o signo tem com seu objeto, Peirce estabeleceu uma dúbia distinção: o objeto dinâmico e o objeto imediato; onde o primeiro é relativo ao

informações ao indivíduo acerca daquele espaço, ou seja, uma noção representativa, que serviu de alicerce para a construção das iniciativas intituladas bibliotecas comunitárias.

Enquanto um dos sujeitos expõe a ação contatual primeira com a instituição biblioteca como fator imerso em influências para orientar o seu fazer, o outro indivíduo relata que a partir da obtenção da informação acerca da possibilidade em criar espaços bibliotecas comunitárias é que suas ideias começaram a se constituir.

Contudo, das motivações narradas pelos sujeitos observa-se as seguintes manifestações:

[...] foi um incentivo de necessidade para a comunidade. Eu queria pra comunidade o que eu não tive. Eu fiz pelos meus filhos o que não fizeram por mim. [...] Então os meus filhos viveram aquilo que eu não vivi e a comunidade, a minha comunidade que eu vivi, que eu convivo até hoje, eu queria sempre o melhor pra ela [...]. (ENTREVISTADA A, 2012).

O que me incentivou, na verdade, foi que, por conta da falta de recursos pra comprar livros. Eu não tinha condições de comprar livros na época que eu estava estudando pro vestibular e então eu pensei: 'Peraí, se nossa comunidade é carente, eu não tenho condições de comprar livros, então por que não levar, montar algo que venha a oferecer essa informação pra outras pessoas também?'. Assim, eu queria expandir isso para as pessoas mais necessitadas também. Eu procurava tomar como exemplo o meu histórico de vida. (ENTREVISTADA B, 2012).

A ausência de um espaço na comunidade local que possibilitasse o acesso informacional, leitura e pesquisa, somada à necessidade da própria comunidade em possuir esse ambiente, considerando também os indivíduos que não possuem condições de suprir suas precisões de informação, aparecem como fatores que motivaram o pensar na construção de bibliotecas comunitárias.

A questão da cidadania também pode ser vista na narrativa dos sujeitos, no que pressupõe a contrapartida do dever do cidadão, no que concerne o educar e proteger os semelhantes, considerando que o sentido de cidadania não preceitua apenas os direitos, mas também os deveres do indivíduo. Do mesmo modo, o sentimento de responsabilidade social é aflorado, considerando que sua efetividade reflete-se em atitudes, na decisão individual e cotidiana, ao assumir o papel de cidadão como integrante e conseqüentemente responsável pelo bem social.

objeto que se quer representar e o segundo funciona como mediador do primeiro, cujo acesso se dá mediante uma representação, um indício, uma semelhança que remeta ao objeto dinâmico. Ver PEIRCE, Charles Sanders. *Semiótica*. Tradução de José Teixeira Coelho Neto. São Paulo: Perspectiva, 1977. (Coleção Estudos, 46).

Outrossim, a idealização dos espaços aconteceu sob duas perspectivas: a de um sujeito que *a priori* não sabia da existência da biblioteca comunitária e a cogitou a partir de uma experiência colateral; e de outro lado, um sujeito que a partir de informações da existência desses espaços, articulou sua viabilidade.

A formação desses espaços aconteceu também sob dois vieses: o sujeito idealizador da Biblioteca Comunitária Socorro Chaves buscou meios na própria comunidade para dar ignição à criação do espaço e possibilitou a participação comunitária em sua construção; enquanto que o sujeito criador da Semeando Saberes procurou apoio junto a uma instituição universitária para a concretização de sua ideia, o que resultou no planejamento e execução das ações para a edificação da biblioteca pela Universidade e pouco envolvimento da comunidade local.

Observa-se, no entanto, que as iniciativas dos sujeitos da pesquisa se configuram como uma continuidade orientada por um fenômeno que vem se consolidando em todo o Brasil, qual seja o reconhecimento por parte da população, da necessidade de compor ambientes que favoreçam o crescimento cognitivo, intelectual e cultural, o que perpassa pela constituição de locais para reunir artefatos culturais, que são as bibliotecas.

Os espaços Semeando Saberes e Socorro Chaves possuem como gestor um profissional da área de Biblioteconomia e equipe formada por membros da comunidade, bem como se mantêm com recursos advindos de parcerias, com o Estado e a Prefeitura, com a esfera federal por meio da UFAM e da comunidade.

Nesse sentido, observou-se que as bibliotecas comunitárias destacadas, além de estarem ancoradas, de um modo geral, no conceito exposto pela literatura, sustentam os preceitos assumidos por esta pesquisa, qual seja, que a Biblioteca Comunitária é uma instituição autônoma no sentido da liberdade em seus atos, de criação popular ou do terceiro setor a qual, com o envolvimento ou não dos sujeitos locais, busca oferecer o acesso à informação e à leitura para uma dada comunidade em situação de carência informacional e, sendo assim, tais espaços possuem características distintas, face à comunidade onde está inserida.

Desse modo, é factível considerar que tal conceito consegue abarcar o sentido primeiro das instituições intituladas bibliotecas comunitárias, que está em possibilitar o acesso à informação, não deixando de lado seu status de autonomia que o permite agir ao seu modo para alcançar seus objetivos.

Conforme os sujeitos, apesar das parcerias, a esfera governamental ou estatal não intervêm no *modos operandis* dos ambientes, entretanto, infere-se que o envolvimento com a Universidade transcende influência e imposição de particularidades cuja intenção está voltada para viabilidade de criação, concretização e melhorias no funcionamento.

Ademais, para ambos os sujeitos, a biblioteca comunitária constitui um ambiente oriundo de uma necessidade local e, portanto, feito para a comunidade onde está inserido. Seus discursos denotam que a intenção era a de prover um espaço para uma determinada comunidade, o que vai a desencontro com o pensamento de Machado (2008, p. 60), que preconiza uma das particularidades que diferencia esses ambientes: “1. A forma de constituição: são bibliotecas criadas efetivamente pela e não para a comunidade [...]”. Tais considerações precisam ser refletidas nos conceitos postos pela literatura, uma vez que as construções destes ambientes só foram possíveis a partir do conhecimento local dos indivíduos que a idealizaram.

Entretanto, de acordo com a pesquisa, no bairro do Japiim apenas 20% dos entrevistados conhecem a existência do espaço, indicam sua localização, contudo não o reconhece como biblioteca comunitária, e sim por meio do uso do termo biblioteca; o próprio nome do espaço não foi mencionado durante toda a pesquisa com os comunitários. O bairro de Petrópolis apresentou elevação do índice, onde 30% reconheceram o espaço e indicaram o lugar onde está inserida a biblioteca, não o reconhecendo como biblioteca comunitária. Em contrapartida, dos sujeitos das comunidades envolvidas, 60% no Japiim conhecem ou já ouviu falar do termo e 70% em Petrópolis também afirmam seu conhecimento a respeito de bibliotecas comunitárias.

Apesar de ter sido criada para a comunidade local, não é visível na pesquisa o reconhecimento e envolvimento da comunidade local com a biblioteca comunitária e sim a pouca integração daquela população para com o ambiente, como mostrado acima, o que cria um grande impasse frente às intenções das idealizadoras, onde se tem um espaço criado para a comunidade, mas que lhe permanece oculto. Ademais, o próprio desconhecimento dos comunitários da existência das BC's implica na dificuldade desses espaços em cumprir seu papel de suprir as necessidades locais do acesso à informação.

Contudo, dos discursos dos sujeitos acerca do conhecimento das bibliotecas comunitárias, tanto os idealizadores quanto os moradores entrevistados fizeram referência a um espaço criado para a comunidade local. Contudo, há de ser considerado que o processo de significação local acerca de bibliotecas comunitárias recebe grande influência dos meios de comunicação midiáticos (televisão e *Internet*), por serem na atualidade os maiores mediadores comunicativos e pela facilidade que possuem em adentrar sem interrupções no seio das famílias e por, em alguns casos, ser o mais usual meio para atualizar-se com o mundo externo.

A participação local, no que se refere ao trabalho voluntário da comunidade em função da concretização e manutenção da biblioteca comunitária, foi objeto de apenas uma das idealizadoras, tendo a outra se manifestado cética quanto a essa questão, havendo, entretanto, movimentação de paridade por parte da comunidade quanto à doação de materiais para a biblioteca. Apenas dois dos sujeitos comunitários entrevistados colocaram em questão a participação da comunidade para com o ambiente BC, mas, contudo, limitando-se às ações de doação de livros ao espaço.

Embora os enunciados dos sujeitos demonstrem conhecimentos distintos acerca do objeto de estudo, a dinâmica para a idealização e formação das bibliotecas comunitárias na cidade de Manaus teve como base o senso comum dos envolvidos, o conhecimento local adquirido por suas vivências e que foi alicerce para sustentar a concretude desses espaços.

Contudo, a riqueza desses espaços reluz na crescente consciência da sociedade da importância do conhecimento para seu desenvolvimento cognitivo e cultural, contrapondo o individualismo do homem pós-moderno e almejando o bem coletivo, e ainda a ruptura das ideias cristalizadas por esferas dominantes acerca da própria instituição biblioteca, no sentido de haver a possibilidade de constituição e funcionamento sem o arsenal prescrito por outrem à sua investidura.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa foi desenvolvida para possibilitar o entendimento acerca das experiências das bibliotecas comunitárias existentes em Manaus que, até o presente momento, não possuíam um estudo que permitisse adentrar em seus processos de formação e compreender como essas iniciativas estão se desenvolvendo na cidade.

Ao conferir a existência das intituladas bibliotecas comunitárias na cidade de Manaus, por meio de uma experiência pessoal da pesquisadora com uma dessas unidades, emerge a motivação para a realização deste trabalho, dada as inquietações acerca dessas iniciativas na região, considerando-se que tais espaços apresentam-se como uma instituição constituída a partir de uma representação coletiva da biblioteca, ou seja, nos moldes de um saber local, a partir de um conhecimento popular acerca da biblioteca, e que, portanto, possuem peculiaridades que necessitam de observação para serem compreendidos.

Nesse sentido, a pesquisa teve o intuito de conhecer essas experiências em Manaus a partir da análise de seu contexto de formação, a fim de possibilitar a apreensão do objeto sob o ponto de vista da perspectiva de seu sujeito idealizador e da comunidade que o cerca, ou seja, as razões da existência dos espaços conjecturados como BC.

A realização do estudo iniciou com a definição de ações específicas e a construção de um projeto de pesquisa, vitais para o seu desenvolvimento uma vez que propiciou subsídios de cunho teórico e para a pesquisa *in loco* em detrimento da análise e da captação das informações necessárias.

Dentre os objetivos específicos, a pesquisa apresentou um recorte teórico a respeito da concepção de bibliotecas comunitárias, bem como da própria instituição biblioteca, tendo o aporte de autores como Targino (1984), Milanesi (1983; 2002), Gomes (1983), Baganha (2004), Lemos (2005), Suaiden (1995; 2000), Hillman (1974), Bastos (2011), Machado (2008; 2009), Madellar (2010), Vieira (2007), dentre outros, com vistas à apreensão da natureza da pesquisa. Desse modo, dada a visibilidade apresentada da importância da biblioteca para o desenvolvimento intelectual, artístico e cultural do indivíduo, a BC se mostra como um novo segmento dessa instituição que, apesar de suas semelhanças funcionais para com a biblioteca

pública, complementa esta e demonstra características distintas que a torna singular.

Em consequente, o exame desses espaços alternativos em Manaus sob a perspectiva do sujeito de sua criação é destacado como o segundo objetivo específico da pesquisa. A primeira ação para o alcance deste consistiu em um levantamento de todas as possibilidades de bibliotecas comunitárias existentes na região. Dado isso, a pesquisa elegeu duas unidades, as quais, sem reservas, participaram do desenvolvimento da investigação: Biblioteca Comunitária Semeando Saberes e Biblioteca Comunitária Socorro Chaves. Desse modo, por meio de entrevistas, os discursos dos sujeitos idealizadores desses ambientes propiciaram elencar informações acerca de suas influências, motivações e do processo de constituição das BC's, somados aos dados da observação participativa, que contribuiu com a descrição dos espaços, permitindo traçar os caminhos, até então ocultos, dessas iniciativas.

Como último objetivo específico, buscou-se compreender o processo de significação local acerca de bibliotecas comunitárias e sua realidade na cidade de Manaus. Para isto, colheram-se informações sobre o conhecimento a respeito de BC de dois sujeitos, idealizadores desses espaços, bem como de 20 moradores abordados, sendo 10 em cada uma das duas áreas onde as BC's estão instaladas. O propósito consistia em entender como e de que modo o sujeito idealizador e a comunidade compreende a biblioteca comunitária, se ocorre o reconhecimento dessa instituição por esses indivíduos e qual sua participação nessa dinâmica.

A existência de BC's na cidade foi um fato que trouxe grande satisfação e entusiasmo por parte do pesquisador, uma vez que tal cenário se apresenta como um reflexo não só do reconhecimento da importância da biblioteca para o indivíduo, mas também da movimentação social engajada na busca por meios que possibilitem a inserção do sujeito na sociedade, em uma luta pela emancipação, por cidadania, por melhores condições de vida, em prol o bem comum.

Os 12 ambientes identificados pelo levantamento de dados foram averiguados em pesquisa *in loco*, sendo que em 4 não foram possíveis sua constatação formal, seja por motivo de endereço não encontrado ou pelo fato do ambiente encontrar-se fechado em todas as visitas realizadas; 5 estavam desativados e 3 ainda em funcionamento. Desse modo, é possível concluir que da existência de mais de 60% do total identificado, somente 25% conseguiram sobreviver, com relação ao que foi

levantado pela pesquisa. Tal fato revela a grande vulnerabilidade das intituladas BC's em Manaus, que além de todos os esforços engendrados para a sua construção, não conseguem meios para permanecerem em funcionamento.

A permanência desses espaços em plena atividade depende de vários fatores, não apenas da vontade em alçar sua construção, o que confere os motivos pelos quais a maioria não conseguiu manter-se ativa: por problemas financeiros, de pessoal e também por falta de demanda.

Um ponto muito relevante quanto à manutenção desses espaços concerne na questão das parcerias, pois estas se mostram de grande importância para conseguir manter esses ambientes, posicionando-se como os alicerces que os sustentam financeira e tecnicamente, e assim possibilitam o planejamento de ações para o envolvimento e usufruto da comunidade. Ademais, observou-se que a questão do voluntariado nesses ambientes atualmente apresenta-se pouco viável na cidade, considerando a grande dificuldade de recrutamento de indivíduos que possuam qualificação para um envolvimento diário sem remuneração.

As BC's identificadas na pesquisa, ativas e desativadas, fixaram-se em vários pontos da cidade, em zonas consideradas periféricas e nobres. Entretanto, as três bibliotecas que ainda permanecem em funcionamento situam-se na zona sul da cidade, não periférica, contudo, todas foram construídas em áreas que apresentam carência de ambientes públicos voltados para o acesso à informação.

Das três unidades existentes, as duas que concordaram em participar da pesquisa possuem estruturas adequadas, tanto físicas como de materiais, para acolher seus usuários e propiciar com comodidade a difusão da informação. Entretanto, a usabilidade do ambiente por seus usuários em potencial depende também de fatores que implicam na própria divulgação e promoção do ambiente tanto para a comunidade interna, dentro de suas instalações e do espaço ao qual integra, quanto para a externa; o que foi perceptível apenas em um dos espaços alternativos, durante a investigação.

A pesquisa apresentou em seus resultados algumas similaridades: quanto ao perfil do sujeito idealizador, em que a presença feminina é destacada como uma das características dos idealizadores desses espaços na cidade de Manaus, com idades que marcam a fase adulta desses indivíduos (61 e 46 anos, respectivamente), ambos com educação formal, mães, ocupação remunerada e autoafirmação do hábito da leitura; tal paridade também é vista quanto ao histórico de vida desses

sujeitos, relativa ao crescimento com poucos recursos financeiros, a falta de incentivo à leitura e à educação formal, constituição de família na fase da adolescência, entre outros. Diante disso, ficou expressivo que a simetria dos dados possibilitou traçar com maior consistência as particularidades desses indivíduos responsáveis pela formação das intituladas bibliotecas comunitárias na cidade.

A construção das unidades contou com planejamentos por meio de projetos organizados e estruturados, bem como com o apoio de entidades públicas e privadas e também com o envolvimento de pessoal qualificado e da comunidade, este último em apenas em um dos espaços cujo incentivo para lograr do apoio dos comunitários era estratégico do mantenedor da biblioteca, para tornarem-se partícipes e integrantes do ambiente.

A pesquisa evidencia que os espaços estudados em Manaus emergiram a partir de uma iniciativa popular que buscou diversos meios para torná-las concretas, e que se autointitulavam bibliotecas comunitárias desde sua idealização. Em contrapartida, apesar de criadas para a população que o cerceia, o que foi confirmado pelos próprios sujeitos que a idealizaram, ficou visível o baixo envolvimento da comunidade local para com o uso desses ambientes, em que poucos conhecem sua existência nas proximidades e a maioria dos entrevistados não a reconhecem como uma biblioteca comunitária.

Algumas dificuldades surgiram durante o desenvolvimento desta pesquisa, as quais foram superadas ao longo da investigação. Ao buscar informações em diversas fontes, era previsto questões como endereços inexistentes e de difícil localização, além da confirmação da inexistência de espaços ora notificados como inaugurados pela mídia, como foi o caso da Biblioteca Comunitária da Igreja São Raimundo Nonato³³. Em detrimento disso, após a identificação dos locais de instalação, várias visitas foram realizadas para confirmar a existência e para verificar se realmente existiram tais ambientes, bem como para obter informações acerca dos espaços e dos sujeitos idealizadores. Os contatos com os indivíduos responsáveis pela criação dos ambientes identificados também configuraram alguns obstáculos, seja pela pouca disponibilidade de tempo para a realização das entrevistas e pelo deslocamento para outro estado.

³³ Ver <http://www3.manaus.am.gov.br/%E2%80%98biblioteca-nos-bairros%E2%80%9D-leva-educacao-e-protagonismo-as-comunidades/#hide>

O estudo limitou-se na observação de dois ambientes identificados em Manaus e a abordagem circunscrita na perspectiva dos sujeitos envolvidos e dos possíveis de envolvimento. Nesse sentido, abriga-se em uma exposição que representa apenas um recorte no campo de discussão do objeto, em uma análise cujos resultados não pretendem ser um fim em si mesmo, mas, aberto a futuros debates e pareceres.

A ideia da concepção de uma biblioteca voltada para os anseios da comunidade foi o motor impulsionador para a criação das bibliotecas comunitárias pesquisadas, uma vez a percepção da necessidade local de uma unidade informacional e da falta de condições financeiras dos comunitários para ir ao encontro dos ambientes oferecidos pelo Estado e para usufruir de outros canais de comunicação que promovam o acesso à informação, como é o caso da *Internet*. Contudo, do processo de formação das bibliotecas comunitárias na cidade destacou-se a idealização desses espaços sob a perspectiva de seus sujeitos criadores e a partir das influências e motivações que eles obtiveram.

Movidos não somente pela possibilidade de criá-las e da necessidade local, esses sujeitos foram motivados pela oportunidade que obtiveram de ter em mãos ferramentas para sua construção, em um sentimento de responsabilidade social, em que o envolvimento com projetos sociais mostrou-se como um viés para fazer a ideia se concretizar e assim ter a chance de modificar uma realidade que um dia foi a sua. Para tanto, tais impulsos se deram de cunho pessoal, da vontade de poder dar ao outro o que não teve para si, o que também demonstra que o sentimento fraternal também está presente nas suas tomadas de decisões; e motivações de cunho coletivo, advindas da necessidade de sua comunidade, primeiramente com o foco de suprir a carência informacional da instituição na qual eram partícipes e posteriormente a dos indivíduos da comunidade onde estava inserida.

Ambos os sujeitos obtiveram influências internas e externas que ocorreram por meio de seus contextos históricos, suas experiências e vivências, e que permitiram a ampliação de suas visões enquanto cidadãos e o amadurecimento e fortalecimento de suas ideias; bem como inspiração de ambientes com a mesma proposta e que deram certo em outros lugares, o que caracterizou sua construção com bases nas BC's existentes.

Ademais, a presença da Universidade Federal do Amazonas na construção e desenvolvimento desses ambientes é ímpar, o que ressalta a influência e

intervenção dessa instituição no resultado final da edificação desses espaços, aproximando-os às concepções biblioteconômicas acerca do próprio sentido de ser de uma biblioteca. Entretanto, é importante ressaltar que há uma descaracterização nativa desses espaços, ora sucumbida pelo olhar da academia, o que não implica o desmerecimento do apoio fornecido pelas universidades para o desenvolvimento destes ambientes, bem como dos trabalhos oriundos destas que visam melhorias nesses espaços, no que tange o acesso à informação e satisfação do usuário.

Observou-se que liberdade e autonomia são dois preceitos que acompanham essa instituição desde sua idealização, mas que, por vezes, de modo consciente ou inconsciente, não são respeitadas por outrem pelo não exercício da dialética, cujo pensamento reflexivo e crítico buscam compreender a “coisa em si”, isto devido à falta de ruptura com os pré-concebidos, da pseudoconcreticidade que trata da aparência fenomênica, da aparência da “coisa” que é construída em um processo histórico e reduz o pensamento do ser humano a uma *práxis* utilitária. Quando se discute bibliotecas comunitárias não se deve esquecer que se trata de uma unidade de informação emergida de uma prática social e que, portanto, necessita ser examinada a partir de um entendimento do grupo ou indivíduo que a criou, buscando assim compreender o modo como essa instituição é absorvida por ele, como ele a enxerga, visto que se trata de um saber a ser evidenciado uma vez que eles configuram-se como os atores principais na construção do objeto biblioteca comunitária.

Para tanto, as BC's ora analisadas, constituem-se espaços reservados para o encontro informacional, não se tratando apenas da oferta de uma coleção de livros, pois atendem ao conceito de biblioteca, oferecendo um conjunto de informações organizadas em uma ordenação sistemática, com uma variedade de materiais impressos e não impressos, destinados a sua difusão, que oferece serviços de incentivo à leitura e empréstimo e que, somado ao contato direto/livre com o acervo facilita o encontro da informação, além de possibilitar maior integração e familiaridade do usuário com o ambiente informacional. Entretanto, há de ser frisado que a preocupação maior dessas iniciativas não está voltada para a ordenação informacional, mas em poder oferecer assistência informacional necessária para suprir as necessidades da comunidade na qual foi inserida.

Apesar de a instituição Biblioteca ser a fonte de inspiração para a criação das BC's, a observação desses espaços revela que a liberdade e a autonomia,

mencionadas anteriormente, apresentam-se como dois aspectos que lhes são inerentes e que fazem desses ambientes uma biblioteca comunitária. Nesse sentido, não existe um modelo de biblioteca comunitária, e sim ambientes articulados de maneira singular e que prosseguem a seu modo, adeptos à visão de mundo de seus criadores.

As BC's de Manaus vêm cumprindo o seu papel como instituição biblioteca, mas, no entanto, devido as dificuldades enfrentadas por esses ambientes para manterem-se ativos, precisam estabelecer integração com a comunidade para qual foi criada para mostrar-se e conquistar uma demanda, bem como recursos financeiro e de pessoal necessários para que assim consigam dar continuidade às suas propostas em favorecimento da comunidade.

O surgimento desses espaços desponta da insuficiência de bibliotecas em Manaus, dada a grande expansão da cidade, e o desejo da população em usufruir dessas instituições e assim suprir suas necessidades informacionais na busca pelo conhecimento. As manifestações da sociedade civil, no que concerne a formação dos espaços bibliotecas comunitárias, empreende o descaso estatal latente para com a população em um pleno século XXI, onde a informação e o conhecimento formam a base para o desenvolvimento individual e coletivo em sentido local e global. Assim, infere-se que o fenômeno das BC's não implica em cogitar o repasse de responsabilidades estatais para a sociedade civil, mas ser um marco históricossocial na emergência pela criação de novos espaços públicos com qualidade e infraestrutura voltados para a difusão do conhecimento e que atendam toda a população.

Não se pode negar que não há um envolvimento, uma preocupação governamental quanto a esses espaços, podendo ser evidenciado por ações do próprio Ministério da Cultura, a exemplo o Prêmio Mais Cultura de Apoio às Bibliotecas Comunitárias. Contudo, tal participação não dá conta das necessidades dessas iniciativas e tão pouco supre as das comunidades, uma vez que os espaços bibliotecas comunitárias existentes são resultados de esforços populares pontuais e não abrangem o todo que necessita desse ambiente, ou seja, áreas cuja população não se manifestou e onde a carência informacional é presente. Nesse sentido, faz-se mister o investimento estatal na educação e cultura do país, proporcionando com qualidade as diversas categorias de bibliotecas que acompanham o indivíduo no desenrolar de sua vida e fortalecendo o sentido de utilidade desses espaços que

mediam o conhecimento em função da construção do capital intelectual do indivíduo, cujos benefícios inferem diretamente no crescimento em potencial de toda a nação.

O contexto de formação das BC's da cidade de Manaus, cujo estudo pôde proporcionar alguns aspectos, é entendido nesta pesquisa como o primeiro passo para a compreensão desses espaços. Entretanto, muito há ainda de ser discutido acerca da temática Biblioteca Comunitária, de modo a possibilitar uma apreensão mais completa sobre a dinâmica desses ambientes. Nesse sentido, vazios deixados pela pesquisa com relação a esse ambiente como a análise dos serviços oferecidos, sua demanda, coleção, da satisfação dos usuários e dos impactos sociais oriundos da sua implantação, apresentam-se como os passos seguintes na possibilidade de estudos futuros que possam contribuir em continuidade para com o conhecimento dessas instituições.

REFERÊNCIAS

ALBERTO, Solange Maria Rodrigues. Paraisópolis: relato do processo de transformação da Biblioteca Comunitária em rede do conhecimento. *CRB-8 Digital*, São Paulo, v. 1, n. 2, p. 38-42, out. 2008. Disponível em: <<http://www.crb8.org.br/ojs/crb8digital>>. Acesso em: 12 set. 2011.

ALMEIDA JR., Oswaldo F. de. *Bibliotecas públicas e bibliotecas alternativas*. Londrina: UEL, 1997. 171 p.

ARRUDA, Guilhermina Melo. As práticas da Biblioteca Pública a partir das suas quatro funções básicas. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 19., 2000, Porto Alegre. *Anais...* Porto Alegre: Associação Rio-Grandense de Bibliotecários, 2000. Disponível em: <<http://dici.ibict.br/archive/00000734/01/T079.pdf>>. Acesso em: 16 out. 2011.

BASTOS, Gustavo Grandini. *Bibliotecas comunitárias em discurso*. Ribeirão Preto, SP: Universidade de São Paulo, 2010. Disponível em: <<http://rabci.org/rabci/sites/default/files/BIBLIOTECAS%20COMUNIT%C3%81RIAS%20EM%20DISCURSO%20GUSTAVO%20GRANDINI%20BASTOS.pdf>>. Acesso em: 20 ago. 2011.

BENITES, S. A. L.; STEFANO, L. R. F. *A biblioteca e a leitura: contribuição para a autonomia na pesquisa escolar*. In: SAU,7., 2004, Maringá. Disponível em: <www.pec.uem.br/.../BENITES,%20%20S%F4nia%20Aparecida%20Lopes.pdf>. Acesso em: 20 out. 2009.

BLANK, Cintia Kath; SARMENTO, Patrícia Souza. Bibliotecas Comunitárias: uma revisão de literatura. *Biblionline*, João Pessoa, v. 6, n. 1, p. 142-148, 2010. Disponível em: <<http://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/biblio/article/viewFile/4909/3714>>. Acesso em: 25 mar. 2011.

BRAGA, Genesino. *Nascença e vivência da Biblioteca do Amazonas*. 2.ed. Manaus: Imprensa Oficial, 1989.

BRASIL. Ministério da Cultura. *Primeiro Censo Nacional de Bibliotecas Públicas Municipais*. Disponível em: <<http://www.cultura.gov.br/site/2010/04/03/primeiro-censo-nacional-das-bibliotecas-publicas-municipais/>>. Acesso em: 05 abr 2011.

CALDIN, Clarice Fortkamp. Reflexões acerca do papel do bibliotecário de biblioteca escolar. *Rev. ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina*, v. 10, n. 2, p. 163-168, 2005. Disponível em: <<http://revista.acbsc.org.br/index.php/racb/article/viewArticle/31/549>>. Acesso em: 20 out. 2009.

CHIZZOTTI, Antonio. *Pesquisa em ciências humanas e sociais*. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2003. 164 p. (Biblioteca da Educação, Série 1, Escola; v. 16).

FERNANDES, Florestan (Org.). *Comunidade e sociedade: leituras sobre problemas conceituais, metodológicos e de aplicação*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1973. (Biblioteca Universitária, série 2, Ciências Sociais; v. 34).

FERREIRA, Manuella Marinho *et al.* I Fórum de gestores de Bibliotecas Comunitárias do município de Manaus: uma discussão para o fortalecimento dessas iniciativas. In: ENCONTRO REGIONAL DE ESTUDANTES DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO, CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO E GESTÃO DA INFORMAÇÃO, 14., 2011, Manaus. Disponível em: <<http://rabci.org/rabci/sites/default/files/I%20F%20C3%93RUM%20DE%20GESTORES%20DE%20BIBLIOTECAS%20COMUNIT%20C3%81RIAS%20DO%20MUNIC%20C3%8DPIO%20DE%20MANAUS%20uma%20discuss%20C3%A3o%20para%20o%20fortalecimento%20dessas%20iniciativas.pdf>>. Acesso em: 25 mar. 2011.

FERREIRA, Sandra Regina Melito. *Biblioteca Comunitária: acesso e paixão pelos livros*. In: CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL, 14., 2003, Campinas. *Anais...* Campinas, 2003. Disponível em: <www.alb.com.br/anais14/Sem02/C02018.doc>. Acesso em: 10 mar. 2010.

FRAGOSO, Graça Maria. Biblioteca na escola. *Rev. ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina*, v. 7, n. 1, 2002. Disponível em: <http://www.crb6.org.br/admin/arquivos/4_arquivo.pdf>. Acesso em: 10 out. 2009.

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. 2. ed. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1982. (Coleção polêmicas do nosso tempo).

GOULEMOT, Jean-Marie. A exaustividade ambígua das luzes. In: BARATIN, M.; JACOB, C. *O poder das bibliotecas: a memória dos livros no ocidente*. 3. ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2008.

HILLMAN, Arthur. *Organização da comunidade e planejamento*. Tradução de Marília Diniz Carneiro e Marina Teles de Menezes. 3. ed. Rio de Janeiro: Livraria Agir, 1974.

JESUS, Maria. Implantação de bibliotecas comunitárias nos municípios do Estado da Bahia. In: ENCONTRO NACIONAL DE ENSINO E PESQUISA EM INFORMAÇÃO, 7., 2007, Salvador. *Anais eletrônicos...* Salvador: CIFORM, 2007. Disponível em: <<http://www.cinform.ufba.br/>>. Acesso em: 25 jun. 2010.

KIESER, Herta; FACHIN, Gleisy Regina Bóries. Biblioteca escolar: espaço de interação entre bibliotecário-professor-aluno-informação: um relato. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 19., Porto Alegre, 2000. Disponível em: <<http://dici.ibict.br/archive/00000743/01/T083.pdf>>. Acesso em: 10 out. 2009.

LATOUR, Bruno. Redes que a razão desconhece: laboratórios, bibliotecas, coleções. In: BARATIN, M.; JACOB, C. *O poder das bibliotecas: a memória dos livros no ocidente*. 3.ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2008. p. 21-44.

LENHARD, Rudolf. *Sociologia geral*. 6. ed. São Paulo: Pioneira, 1985.

MACHADO, Elisa Campos. *Bibliotecas comunitárias como prática social no Brasil*. 2008. 184 p. Tese (Doutorado)-Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

_____. Identidade cultural de Heliópolis: biblioteca comunitária. *Informação & Sociedade*, João Pessoa, v. 15, n. 2, p. 113-125, jul./dez. 2005. Disponível em: <<http://www.ies.ufpb.br/ojs2/index.php/ies/article/view/34/1515>>. Acesso em: 15 mar. 2011.

_____. Uma discussão acerca do conceito de Biblioteca Comunitária. *Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação*, Campinas, v. 7, n. 1, p. 80-94, jul./dez. 2009. Disponível em: <http://www.sbu.unicamp.br/seer/ojs/index.php/sbu_rci/article/viewFile/420/283> . Acesso em: 25 mar. 2011.

MANAUS. Lei nº 1.401, de 14 de janeiro de 2010. *Diário Oficial do Município*, Poder Executivo, ano XI, 14 jan. 2010. Edição 2365. Disponível em: <<http://implurb.manaus.am.gov.br/bairros-de-manaus/>>. Acesso em: 26 nov. 2011.

MANIFESTO da IFLA/UNESCO sobre bibliotecas públicas 1994. [S.l.]: IFLA, 3 nov. 2004. Disponível em: <<http://archive.ifla.org/VII/s8/unesco/port.htm>>. Acesso em: 10 out. 2009.

MARQUES, Tania Beatriz Iwaszko; REAL, Luciane Magalhães Corte; PICETTI Jaqueline dos Santos. Introdução à psicologia da vida adulta. Disponível em: <<http://psicologiavidaaadultaalvorada.pbworks.com/w/page/19575956/Aula%20%20-%20Vida%20Adulta%20segundo%20Erikson>>. Acesso em 12 dez. 2012.

MESQUITA, Denizete et al. A Biblioteca Comunitária Cabriniana: desafios para a para a democratização do acesso à informação e valorização cultural. In: ENCONTRO REGIONAL DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO, CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO E GESTÃO DA INFORMAÇÃO, 14., 2011, Maranhão. *Anais...* Maranhão, 2011. Disponível em: <<http://rabci.org/rabci/node/190>>. Acesso em: 10 maio 2011.

MOTA, Alice de Oliveira et al. *Biblioteca são Jerônimo*: Centro de Valorização da Cidadania e Programa de Bibliotecas Fust. Disponível em: <http://www.cinform.ufba.br/iv_anais/artigos/TEXT001.HTM+biblioteca+comunitaria%2B+artigo&hl=pt-BR&strip=1>. Acesso em: 5 abr. 2011

OLIVEIRA, Marcos; COSTA, Karina. Dinamizando o atendimento da Biblioteca Comunitária de Petrópolis Socorro Chaves. *Biblioline*, João Pessoa, p. 142-149, 2010. Número Especial. Disponível em: <<http://periodicos.ufpb.br/index.php/biblio/article/viewFile/9635/5246>>. Acesso em: 5 abr. 2011.

PEIRCE, Charles Sanders. *Semiótica*. Tradução de José Teixeira Coelho Neto. São Paulo: Perspectiva, 1977. (Coleção Estudos, 46).

PROJETO geo cidades. *Relatório ambiental urbano integrado: informe GEO: Manaus/ Supervisão: Ana Lúcia Nadalutti La Rovere, Samyra Crespo; Coordenação: Rui Velloso. Rio de Janeiro: Consórcio Parceria 21, 2002. Disponível em: <<http://www.pnuma.org/deat1/pdf/2002GEOManaus.pdf>>. Acesso em: 20 jan. 2013.*

REIS, Arthur César Ferreira. *História do Amazonas*. 2. ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1989. p. 69-70. (Coleção Reconquista do Brasil; 2a série; v.. 145).

RIBEIRO, Elizabeth Viana et al. *Reestruturação da Biblioteca Comunitária Raimunda Batalha e implantação da Biblioteca Itinerante*. Disponível em: <<http://dci.ccsa.ufpb.br/enebd/index.php/enebd/article/viewFile/116/130>>. Acesso em: 12 jun. 2011.

RIBEIRO, Paulo Silvino. *Transformações socioeconômicas no Brasil da década de 50*. Disponível em: <<http://brasilecola.uol.com.br/sociologia/transformacoes-socioeconomicas-no-brasil-decada-50.htm>>. Acesso em: 12 jan. 2013.

SANTANA NETO, João Ferreira de. *Relatos históricos e sentimentais do bairro do Japiim*. Manaus: Muiraquitã, 2010. Disponível em: <<http://www2.manaus.am.gov.br/portal/secretarias/Manauscult/biblioteca-virtual/09%20japiim.pdf>>. Acesso em: 20 fev. 2013.

SANTOS, Maria José Veloso da Costa; SENNA, Ana Maria; MIRANDA, Maria de Fátima. Biblioteca Comunitária Escritor Lima Barreto: espaço para práticas de mudanças sociais. *Ponto de Acesso*, Salvador, v. 4, n. 3, p. 32-44, dez. 2010. Disponível em: <<http://www.pontodeacesso.ici.ufba.br>>. Acesso em: 15 mar. 2011.

SILVA, Jonathan Luiz Carvalho. Uma análise terminológica dos termos biblioteca comunitária e popular: o desiderato da ação social e o estímulo da cultura à comunidade. *Cultura em Recorte: Revista Eletrônica de Museologia e Ação Cultural*, Campinas, v. 2, n. 1, p. 5-21, jan./jun. 2010. Disponível em: <<http://www.culturaemrecorte.org/ojs-2.3.1-2/index.php/CEREMAC/article/view/7/5>>. Acesso em: 20 mar. 2011.

SOARES, Rubenita Barros. Biblioteca comunitária como alternativa às Bibliotecas Públicas e Escolares e o papel social do profissional bibliotecário: relato de experiência. In: ENEBD, 33., João Pessoa, 2010, *Anais...* João Pessoa, 2010. Disponível em: <<http://dci.ccsa.ufpb.br/enebd/index.php/enebd/article/viewFile/118>>. Acesso em: 02 dez 2011.

STAVIS, Jaqueline Cristiane; KOCH, Marta Maria Guerra; DRABIK, Vivian Ribeiro. Biblioteca escolar ao alcance das mãos. *Rev. PEC*, Curitiba, v. 1, n. 1, p. 37-38, jul. 2000/jul. 2001. Disponível em: <http://www.bomjesus.br/publicacoes/pdf/.../biblioteca_escolar_ao_alcance.pdf>. Acesso em: 10 out. 2009.

SUAIDEN, Emir José. Biblioteca Pública brasileira: desempenho e perspectivas. Dissertação (Mestrado em Biblioteconomia)-Universidade Federal da Paraíba, João pessoa, 1979. Disponível em: <<http://btdt.biblioteca.ufpb.br/bitstream/tede/3980/1/arquivototal.pdf>>. Acesso em: 15 mar. 2011.

_____. *Biblioteca pública e informação à comunidade*. São Paulo: Global, 1995.

_____. A biblioteca pública no contexto da sociedade da informação. *Ci. Inf.*, Brasília, v. 29, n. 2, p. 52-60, maio/ago. 2000. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ci/v29n2/a07v29n2.pdf>>. Acesso em: 20 fev. 2013.

TIAGO, Carlos. *Petrópolis*. Manaus: Muiraquitã, 2010. Disponível em: <<http://www2.manaus.am.gov.br/portal/secretarias/Manauscult/biblioteca-virtual/11%20petropolis.pdf>>. Acesso em: 20 fev. 2013.

VIEIRA, Heloísa Maria. *Bibliotecas comunitárias em Belo Horizonte: atores em cena*. Belo Horizonte. UFMG, 2007.

WROBEL, Marieli Lúcia. *Biblioteca pública sustentável*. 2009. TCC (Graduação em Arquitetura e Urbanismo)-Faculdade Assis Gurgacz, Cascavel, 2009. Disponível em:<<http://pt.scribd.com/doc/72900319/zenital>>. Acesso em: 10 out. 2012.

APÊNDICE – A

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
 INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS – ICHL
 PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIEDADE E CULTURA NA
 AMAZÔNIA.

ROTEIRO DE ENTREVISTA REFERENTE À PESQUISA SOBRE *BIBLIOTECAS COMUNITÁRIAS: ESPAÇOS ALTERNATIVOS DE ACESSO AOS SABERES REGISTRADOS EM MANAUS*

MESTRANDA: Rita Cintia Pinto Vieira
 ORIENTADORA: Dra. Célia Regina Simonetti Barbalho

Biblioteca Comunitária: _____

Data: ____ ____ ____

1 Informações básicas

- Nome do espaço: _____
- Endereço: _____
 N° _____ Bairro: _____
- Telefone ou contato: _____
- Critério de funcionamento: _____
- Características físicas do espaço (residencial ou comercial; sala, garagem, outros): _____
- Características da coleção: _____
- Tipos de materiais disponíveis (livros, cd, dvd, jogos...): _____
- Quantidade de materiais: _____
- Quantidade de mesas: _____ Cadeiras: _____
- Há algum controle dos visitantes? _____
- Outras informações: _____

2 Sobre os criadores: Perfil dos responsáveis pela criação

- Nome: _____

- Sexo: ()Feminino () Masculino
- Idade:_____
- Estado civil: _____
- Filhos:_____
- Escolaridade:_____
- Profissão ou atividade:_____
- Naturalidade:_____
- Situação atual: ()Empregado () Desempregado
- Residência: () Própria () Alugada () Cedida
- () Outros:_____
- Possui o hábito de ler? () Sim () Não
- Se positivo, qual o tipo de leitura? _____
- Possui livros em casa?_____

3 Sobre os mantenedores: Dados dos responsáveis pela manutenção e/ou parcerias

Obs.: se for o mesmo criador, desconsiderar.

- Nome/ Empresa:_____
- Se pessoa jurídica, ramo de atividade:_____
- Se pessoa jurídica, endereço:_____

Obs.: responder aos demais quesitos se pessoa física

- Sexo: ()Feminino () Masculino
- Idade:_____
- Estado civil:_____
- Filhos:_____
- Escolaridade:_____
- Profissão ou atividade:_____
- Naturalidade:_____
- Situação atual: ()Empregado () Desempregado
- Residência: () Própria () Alugada () Cedida
- () Outros:_____
- Possui o hábito de ler? () Sim () Não
- Se positivo, qual o tipo de leitura?_____

- Possui livros em casa? _____

4 Sobre a criação: informações da formação destes espaços

- Como o (a) senhor (a) descreveria este ambiente, o que vem a ser esse espaço?

- Há quanto tempo este espaço existe?

- Quando foi fundada?

- Há algum registro da data de criação?

- Tem algum nome? Sempre foi o mesmo? Como os visitantes a chamam?

- Tendo um nome, qual o motivo da escolha desse nome?

- Se não possui nome, não houve interesse em nomear ou não vê essa questão com importância? Justificar.

- Como podemos chamar esse ambiente?

- Quem teve a ideia de criar esse espaço?

- Como surgiu a ideia de criação do espaço?

- E de quem é a responsabilidade pela sua criação?

- Quem mais participou da criação deste espaço?

- O que levou ou motivou a criação deste espaço? É mais uma realização pessoal ou a intenção foi mesmo a de ajudar a comunidade local?

- O que se pretendia ou o que o (a) senhor (a) esperava alcançar com esse espaço?

- Qual a sua atividade profissional na época de criação do espaço?

- Como conciliava as responsabilidades diárias cotidianas com o desejo e o trabalho de construção deste espaço?

- Qual o cenário vivenciado na época de criação deste espaço?

- Quais as dificuldades para colocar a ideia em prática?

- Se houver, quais os pontos positivos durante a construção do espaço?

- De modo pessoal, qual o significado e a importância deste espaço?

- Como esse espaço foi sendo reconhecido e divulgado na comunidade?

- Do idealizado ao construído, como esse espaço era imaginado e como ficou com sua concretização? Foi satisfatório?

5 Sobre a base: informações a partir do sujeito a respeito do(s) elemento(s) que possibilitou(aram) a formação do pensamento para a idealização do espaço.

- Como foi a sua infância, adolescência e a fase adulta, com relação a sua formação, educação, cultura?

- Possuía incentivo à leitura?

- A ideia da criação deste espaço possui associação com que ambiente? De que maneira?

- Como e em que momento da sua vida houve o primeiro contato com uma biblioteca?

- Como foi sua experiência com a instituição? Encontrou o que buscava nela?

- Em algum momento de sua vida o (a) senhor (a) sentiu a falta de uma biblioteca, ou o que se tinha era o suficiente para resolver as situações de necessidade de informação/pesquisa?

- Se tem o hábito da leitura, como surgiu esse interesse em estar lendo, se informando, se atualizando sobre as notícias?

-
-
- Se não possui o hábito da leitura, que benefícios o (a) senhor (a) enxerga com esse ato, como vê que a leitura possa trazer algo positivo para uma pessoa?
-
-

- Como o (a) senhor (a) descreveria uma biblioteca?
-
-

- Quando foi a última vez que o (a) senhor (a) frequentou uma biblioteca?
-
-

- O (a) senhor (a) está satisfeito com as bibliotecas da cidade, do modo como funcionam, da quantidade existente, entre outros aspectos?
-
-

- De que maneira o (a) senhor (a) pensa que deveria ser uma biblioteca?
-
-

- O (a) senhor (a) considera este espaço uma biblioteca?
-
-

- O que o (a) senhor (a) reconhece neste espaço como sendo semelhante ao de uma instituição biblioteca? E o que a diferencia?
-
-

- Por que o (a) senhor (a) dá importância ao acesso aos livros?
-
-

- O que seus olhos veem quando olham para esse espaço? O que ele representa, significa para o (a) senhor (a)?
-
-

- O que a comunidade local tem a ganhar com este espaço?

6 Sobre o espaço

- Como e de quem foi a escolha do local?

- Este espaço funcionou sempre neste local?

- De maneira se obteve os mobiliários?

- E os materiais disponíveis, foram adquiridos por meio de doação, compra ou eram seus?

- Quais foram os primeiros materiais que o espaço teve?

- Quem e como foi a organização desse ambiente?

- Qual a ajuda obteve na preparação do local?

- Como foi a abertura do espaço para o público?

- Teve inauguração?

- Teve divulgação?

- Como foi a recepção da comunidade local?

- Como funciona o lugar?

- O que o espaço oferece para a comunidade?

- Como o espaço é mantido?

- Possui parcerias? Quem são?

- Se sim, as parcerias estava presentes desde a criação ou após?

- Se presentes desde a criação, houve imposição ou intervenção destes?

- Se após, alguma coisa, física ou política, mudou no espaço?

- Atualmente, a pessoa ou grupo criador deste espaço são os mesmos que a gerenciam?

- Se não, como e quem são os responsáveis? Como funciona?

7 Sobre a compreensão dos criadores acerca de bibliotecas comunitárias

- O (a) senhor (a) conhece ou já ouviu falar do termo biblioteca comunitária?

- Como esse termo chegou até o (a) senhor (a)?

- O senhor (a) conhece o significado do termo biblioteca comunitária?

- Se sim, o que ela significa para o (a) senhor (a) ou qual o seu entendimento sobre bibliotecas comunitárias?

- Alguém explicou o que este termo significa?

- Houve algum interesse de pesquisa sobre o espaço criado?

- Se sim, durante a entrevista houve imposição ou intervenção acerca do que o espaço seja?

- Foi utilizado ou mencionado o termo biblioteca comunitária na entrevista?

8 Sobre a compreensão local acerca de bibliotecas comunitárias

- O (a) senhor (a) conhece ou já ouviu falar do termo biblioteca comunitária?

- Como esse termo chegou até o (a) senhor (a)?

- O (a) senhor (a) conhece o significado do termo biblioteca comunitária?

- Se sim, o que ela significa para o (a) senhor (a) ou qual o seu entendimento sobre bibliotecas comunitárias?

APÊNDICE B

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO SOCIEDADE E CULTURA NA AMAZÔNIA

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Convidamos o(a) Sr(a) para participar do Projeto de Pesquisa “Bibliotecas comunitárias: espaços alternativos de acesso aos saberes registrados na cidade de Manaus”, da pesquisadora Rita Cintia Pinto Vieira, orientada pela professora Dra. Célia Regina Simonetti Barbalho do Programa de Pós-Graduação Sociedade e Cultura na Amazônia (PPGSCA), da Universidade Federal do Amazonas (UFAM).

A pesquisa tem como objetivo analisar o contexto de formação dos espaços alternativos de acesso à informação, conjecturados como bibliotecas comunitárias. Especificamente, objetiva estudar teoricamente a concepção de Bibliotecas Comunitárias, origem, conceitos e práticas no Brasil, bem como o da utilização do termo espaços alternativos para apreensão da natureza do estudo; examinar esses espaços alternativos em Manaus sob a perspectiva do sujeito de sua criação; compreender o processo de significação local acerca de Bibliotecas Comunitárias na cidade de Manaus.

A coleta de dados será feita por meio de um roteiro com perguntas abertas sobre a compreensão e reconhecimento da biblioteca comunitária. As informações serão coletadas com o uso de um caderno de campo, bem como o uso de gravador de áudio, este somente se o(a) senhor(a) se sentir à vontade.

Todas as informações obtidas serão registradas de maneira confidencial e devidamente conservadas e resguardadas, estando garantido o sigilo e a ética da pesquisa. Os resultados da pesquisa serão analisados e organizados em dissertação, além de divulgados em artigos científicos, palestras e/ou outro meio de comunicação para a difusão do conhecimento para a comunidade científica, acadêmica e sociedade em geral.

A participação dar-se-á de maneira voluntária e gratuita, sem quaisquer ônus futuro, onde o informante estará contribuindo com o conhecimento científico acerca da formação das bibliotecas comunitárias na cidade de Manaus, tendo a liberdade e o direito para fazer perguntas, tirar dúvidas e ainda de recusar-se a responder as questões ou retirar seu consentimento em qualquer momento da pesquisa.



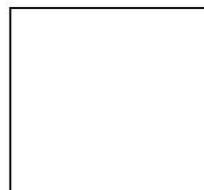
UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
 INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS
 PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO SOCIEDADE E CULTURA NA AMAZÔNIA

A qualquer momento poderei sanar futuras dúvidas e/ou perguntas sobre este estudo ou sobre os direitos de cada participante por meio da Universidade Federal do Amazonas situada na Avenida General Rodrigo Octávio Jordão Ramos, 3000, Campus Universitário, Bairro Coroado I, no Instituto de Ciências Humana e Letras, telefones (092) 3647-4381, (fax) (092) 3647-4380 e (092) 9128-6406.

Após devidamente informado(a) e esclarecido(a) acerca da pesquisa, concordo em participar do estudo, ciente de que minha contribuição será voluntária e gratuita e que sou livre para desistir desta a qualquer instante sem que haja nenhum tipo de prejuízo, constrangimento ou penalidade. Estou recebendo uma cópia deste documento, assinada, que vou guardar.

 Assinatura do participante

ou



Impressão do dedo polegar
 Caso não saiba assinar

_____/_____/_____
 Data

 Pesquisadora Responsável

_____/_____/_____
 Data

APÊNDICE C
BIBLIOTECA COMUNITÁRIA SEMEANDO SABERES
(FOTOGRAFIAS 1, 2, 3 e 4)

Fotografia 1 – Biblioteca Comunitária Semeando Saberes: Acervo e espaço para leitura e pesquisa.



Fonte: o autor (2013).

Fotografia 2 – Biblioteca Comunitária Semeando Saberes: Acervo e espaço para leitura e pesquisa.



Fonte: o autor (2013).

Fotografia 3 – Biblioteca Comunitária: Atendimento.



Fonte: o autor (2013).

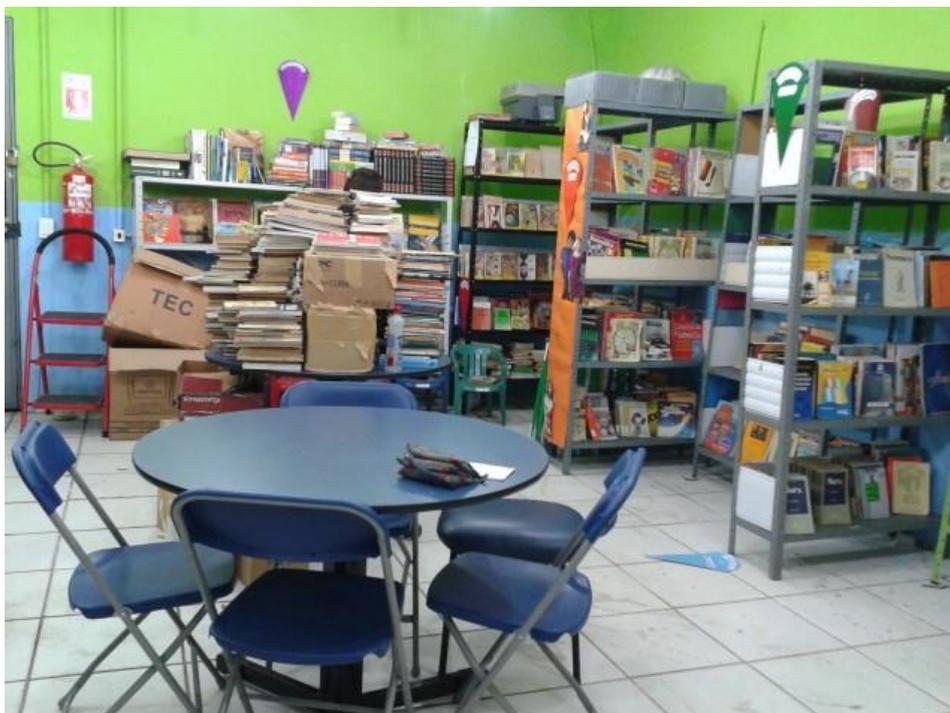
Fotografia 4 – Biblioteca Comunitária Semeando Saberes: Visão geral.



Fonte: o autor (2013).

APÊNDICE D
BIBLIOTECA COMUNITÁRIA SOCORRO CHAVES
(FOTOGRAFIAS 5, 6, 7 e 8)

Fotografia 5 – Biblioteca Comunitária Socorro Chaves – Acervo e espaço para leitura e pesquisa.



Fonte: o autor (2013).

Fotografia 6 – Biblioteca Comunitária Socorro Chaves – Espaço infantil.



Fonte: o autor (2013).

Fotografia 7 – Biblioteca Comunitária Socorro Chaves – Espaço para usufruto de computador e *internet*.



Fonte: o autor (2013).

Fotografia 8 – Biblioteca Comunitária Socorro Chaves – Atendimento.



Fonte: o autor (2013).

Fotografia 9 – Biblioteca Comunitária Socorro Chaves – Sistema de Classificação.



Fonte: o autor (2013).

ANEXO A



MINISTÉRIO DA SAÚDE - Conselho Nacional de Saúde - Comissão Nacional de Ética em Pesquisa - CONEP

FOLHA DE ROSTO PARA PESQUISA ENVOLVENDO SERES HUMANOS

1. Projeto de Pesquisa: BIBLIOTECAS COMUNITÁRIAS: ESPAÇOS ALTERNATIVOS DE ACESSO AOS SABERES REGISTRADOS EM MANAUS.		2. Número de Sujeitos de Pesquisa: 22	
3. Área Temática:			
4. Área do Conhecimento: Grande Área 7. Ciências Humanas			
PESQUISADOR RESPONSÁVEL			
5. Nome: Rita Cintia Pinto Vieira			
6. CPF: 718.663.962-34		7. Endereço (Rua, n.º): SÃO PEDRO, n. 1392 COROADO II MANAUS AMAZONAS 69080500	
8. Nacionalidade: BRASILEIRA		9. Telefone: (92) 8806-6300	10. Outro Telefone:
		11. Email: r.cintia.v@gmail.com	
12. Cargo:			
<p>Termo de Compromisso: Declaro que conheço e cumprirei os requisitos da Resolução CNS 196/96 e suas complementares. Comprometo-me a utilizar os materiais e dados coletados exclusivamente para os fins previstos no protocolo e a publicar os resultados sejam eles favoráveis ou não. Aceito as responsabilidades pela condução científica do projeto acima. Tenho ciência que essa folha será anexada ao projeto devidamente assinada por todos os responsáveis e fará parte integrante da documentação do mesmo.</p>			
Data: <u>09 / 11 / 2012</u>		<u>Rita Cintia Pinto Vieira</u> Assinatura	
INSTITUIÇÃO PROPONENTE			
13. Nome: Universidade Federal do Amazonas		14. CNPJ: 04.378.626/0001-97	15. Unidade/Órgão:
16. Telefone: (92) 3305-4098		17. Outro Telefone:	
<p>Termo de Compromisso (do responsável pela instituição): Declaro que conheço e cumprirei os requisitos da Resolução CNS 196/96 e suas Complementares e como esta instituição tem condições para o desenvolvimento deste projeto, autorizo sua execução.</p>			
Responsável: <u>Marilene Corrêa da Silva Freitas</u>		CPF: <u>07584962790</u>	
Cargo/Função: <u>Coordenadora do PPGSCA</u>		Universidade Federal do Amazonas Instituto de Ciências Humanas e Letras Prog. de Pós-Graduação Sociedade e Cultura na Amazônia <hr/> Coordenação do PPGSCA Assinatura	
Data: <u>12 / 11 / 2012</u>			
PATROCINADOR PRINCIPAL			
Não se aplica.			

ANEXO B

Ao

Comitê de Ética da Universidade Federal do Amazonas – CEP/UFAM.

TERMO DE ANUÊNCIA

Eu, Jacilene Franco Câmara,
responsável pela Biblioteca Comunitária Semeando Saberes, localizada na
Rua Maria Moura n:533 Japim, possuo
conhecimento acerca da pesquisa e autorizo a aluna da Universidade Federal do
Amazonas, Rita Cintia Pinto Vieira, sob a matrícula n° 21000410 e inscrita no R.G.
n° 1634905-9, a executar o projeto no âmbito desta unidade de informação.

Cordialmente,

CLUBE DE MÃES DA JAPIINLÂNDIA
CNPJ 05.556.410/0001-37Jacilene Franco Câmara
Jacilene Franco Câmara
PRESIDENTE

(Responsável pela Biblioteca Comunitária Semeando Saberes)

Manaus, 29 de novembro de 2012.

ANEXO C



ALTERNATIVO DE PETRÓPOLIS

Desenvolvendo a comunidade para além de 2014

Manaus, 03 de Dezembro de 2012

DECLARAÇÃO

Declaramos para os devidos fins que RITA CÍNTIA PINTO VIEIRA, CI 16349059 está autorizada a realizar a pesquisa "Bibliotecas Comunitárias: Espaços Alternativos para o acesso ao saber registrado em Manaus" na Biblioteca Comunitária de Petrópolis Socorro Chaves.

Atenciosamente,

Jonas Gomes da Silva
Coordenador de Projetos
Diretor Financeiro
Alternativo de Petrópolis
CI. 0978801-8
CPF: 318807542-15
Fone: (92) 8112-3304

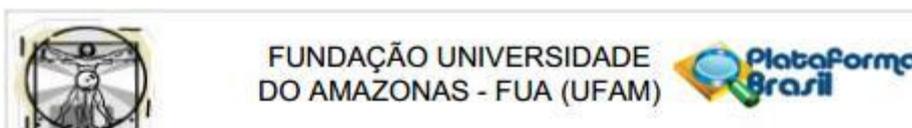


R. Coronel Ferreira de Araújo, 115
Petrópolis
Manaus-Amazonas

C.N.P.J: 06916657/0001- 80
E-mail: altpet@pop.com.br
Site: www.altpet.org.br
Rádio Altpet FM (www.radio.altpet.org.br)

ANEXO D

PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA DA UFAM



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: BIBLIOTECAS COMUNITÁRIAS: ESPAÇOS ALTERNATIVOS DE ACESSO AOS SABERES REGISTRADOS EM MANAUS.

Pesquisador: Rita Cintia Pinto Vieira

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 09917212.4.0000.5020

Instituição Proponente:

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 173.763

Data da Relatoria: 12/12/2012

Apresentação do Projeto:

Esta pesquisa intitulada Bibliotecas comunitárias: espaços alternativos de acesso aos saberes registrados em Manaus, objetiva analisar o contexto de formação dos espaços alternativos de acesso à informação, conjecturados como bibliotecas comunitárias na cidade de Manaus. Fundamenta-se nos estudos teóricos de: López (2003), Faccion Junior (2005), Obrenovich (2006), Soares (2007), Vieira (2007), Machado (2005) e (2008), Madellar (2010), Prado (2010), Santos (2010), entre outros, acerca do estudo sobre bibliotecas comunitárias em todo o Brasil. Uma pesquisa qualitativa, buscando analisar o contexto dinâmico do objeto e seu sujeito que, contemplará três momentos a seguir: pesquisa bibliográfica; pesquisa exploratória; resultados e análises. Pautada em uma metodologia antropológica, a pesquisa terá o sujeito como fonte principal, utilizando-se da observação participativa e dos seguintes instrumentos para a sua realização: caderno de campo, entrevistas semiestruturadas e abertas, o uso de gravadores e captação de imagens fotográficas. Serão analisados 02 espaços bibliotecas comunitárias da cidade de Manaus, onde serão entrevistados os seus idealizadores, sendo 02 informantes, e 20 moradores das comunidades onde estão instaladas, totalizando 22 participantes. A pesquisa sobre essas iniciativas em Manaus possibilitará mostrar a formação de um contexto cultural que aos poucos vem se difundindo na cidade. Desse modo, o estudo agregará subsídios teóricos de grande valia para a composição de conhecimento para a sociedade, propiciando elementos significativos para a construção de novas discussões e abordagens.

Endereço: Rua Teresina, 4950
 Bairro: Adrianópolis CEP: 69.057-070
 UF: AM Município: MANAUS
 Telefone: (92)3305-5130 Fax: (92)3305-5130 E-mail: cep@ufam.edu.br



Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

- Analisar o contexto de formação dos espaços alternativos de acesso à informação, conjecturados como bibliotecas comunitárias.

Objetivo Secundário:

- Estudar teoricamente a concepção de Bibliotecas Comunitárias, origem, conceitos e práticas no Brasil, bem como o da utilização do O acesso à informação registrada é um dos vieses para a propagação do conhecimento e construção de novos saberes. , propiciando elementos fundamentais para formação sociocultural e educativa da população. De centros de memória e guarda do conhecimento à espaços de cultura e lazer, as bibliotecas representam agentes facilitadores do acesso à informação, com o intuito de promover o desenvolvimento sociocultural da sociedade. Entretanto, em cenários aonde a biblioteca se faz necessária, mas age de maneira insatisfatória para com seus usuários, ou em que sua presença é nula, abrem-se precedentes para que a comunidade, imbuída pela sua necessidade, busque iniciativas próprias em vistas a preencher lacunas indispensáveis para sua formação e emancipação.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

Este estudo pode acarretar riscos aos sujeitos envolvidos nas diversas fases da pesquisa e dela decorrente, visto que toda pesquisa que envolve seres humanos é passível de risco. Os riscos podem ser imediato ou tardio, de forma individual ou coletiva, abrindo a possibilidade de danos à dimensão física, psíquica, moral, intelectual, social, cultural ou espiritual dos informantes e de sua comunidade. Todas as informações fornecidas

serão registradas de forma confidencial e mantidas em total sigilo, no que se refere à identidade das pessoas dos informantes. Os resultados da pesquisa serão analisados e organizados em dissertação, e divulgados em artigos científicos, palestras ou outra forma de divulgação que propicie a socialização dos conhecimentos para a comunidade científica, pesquisada e sociedade em geral.

Benefícios:

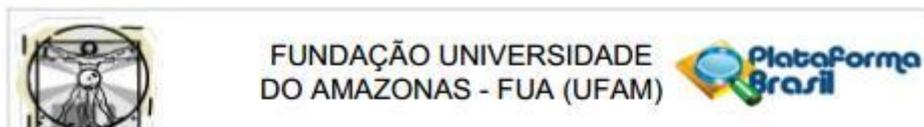
A participação nesta pesquisa não prevê o recebimento de qualquer benefício em dinheiro ou de caráter promocional, estando o informante contribuindo com o conhecimento científico sobre as bibliotecas comunitárias no âmbito regional.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Metodologia de Análise de Dados:

Os resultados obtidos por meio da coleta de dados foram descritos, bem como os discursos e narrativas dos envolvidos, ponderados, tabulados, analisados e contextualizados para a

Endereço: Rua Teresina, 4950		
Bairro: Adrianópolis		CEP: 69.057-070
UF: AM	Município: MANAUS	
Telefone: (92)3305-5130	Fax: (92)3305-5130	E-mail: cep@ufam.edu.br



explicação do objeto estudado, considerando a ótica semiológica da cultura e da Análise do Discurso.
 CRONOGRAMA: Coleta dos dados e informações 17/12/2012 A 21/12/2012 - O CEP não se responsabiliza por pesquisas iniciadas antes de seu parecer de Aprovado.

ORÇAMENTO: R\$5.182,00 - recursos próprios.

Critério de Inclusão:

Participarão da pesquisa os sujeitos idealizadores das intituladas bibliotecas comunitárias, e comunitários residentes até 300 metros da área onde estão instaladas as bibliotecas, maiores de 18 anos.

Critério de Exclusão:

Os moradores dos bairros Japiim e Petrópolis serão abordados em sua residência, onde na ocasião do não enquadrarem no critério de inclusão ou da negação em participar da pesquisa, será eventualmente recrutado outras pessoas pertencentes à mesma comunidade.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Folha de rosto - carimbado e assinado por Marilena Correa da Silva Freitas - coordenadora PPGSCA - Instituto de Ciências e Letras.

Termo de anuência - carimbado e assinado por Jonas Gomes da Silva autorizando a pesquisa no Centro Alternativo de Petrópolis, datado de 3/12/2012 e termo assinado por Jacilene Franco Camera, responsável pela Biblioteca Comunitária Semeando Saberes, datado em 29/11/2012.

TCLE - adequado

Recomendações:

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

O presente protocolo recebeu parecer pela pendência na análise anterior. A pesquisadora atendeu as solicitações do CEP/UFAM.

Situação do Parecer:

Aprovado

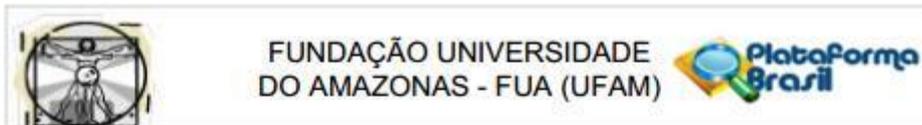
Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Considerações Finais a critério do CEP:

A pesquisadora deve cumprir o cronograma, sobretudo no que se refere à coleta de dados.

Endereço: Rua Teresina, 4950	CEP: 69.057-070
Bairro: Adrianópolis	Município: MANAUS
UF: AM	E-mail: cep@ufam.edu.br
Telefone: (92)3305-5130	Fax: (92)3305-5130



MANAUS, 14 de Dezembro de 2012

Assinador por:
Pedro Rodolfo Fernandes da Silva
(Coordenador)

Endereço: Rua Teresina, 4950
Bairro: Adrianópolis CEP: 69.057-070
UF: AM Município: MANAUS
Telefone: (92)3305-5130 Fax: (92)3305-5130 E-mail: cep@ufam.edu.br

ANEXO E

ENTREVISTA COM O IDEALIZADOR DA BIBLIOTECA COMUNITÁRIA SEMEANDO SABERES³⁴

Gravação 110110_001

Entrevistadora: - *A ideia de criar o projeto veio da UFAM?*

Entrevistada A: - *Primeiro ele veio de uma necessidade, porque primeiro veio o PREVEST, o pré-vestibular comunitário. Em cima do pré-vestibular comunitário, é, veio a necessidade, veio a necessidade da gente implementar o projeto, né. Implementar de que forma? Com pesquisas né, e aí a gente viu, nós não temos aqui no Japiim nenhuma biblioteca, né, que a gente pudesse estar usufruindo, para que os alunos do pré-vestibular pudessem ir até lá e fazer as suas pesquisas. Então nós conversamos com a nossa coordenadora que é a dona Madeira, na época era a Dr^a Madeira, ela era Pró-Reitora da Extensão, então nós conversamos e achamos que seria uma boa ideia a gente ter uma biblioteca comunitária pra atender também o pré-vestibular. E aí, em cima do pré-vestibular a gente pensou em atendimento à comunidade, né, não só que viesse atender o pré-vestibular, que viesse atender também a comunidade. Foi daí que surgiu né.*

Entrevistadora: - *Quem teve a ideia de criar?*

Entrevistada A: - *Foi uma iniciativa conjunta, tá, não foi uma iniciativa só minha. Foi uma iniciativa conjunta, tanto da parte da comunidade quanto da parte da instituição UFAM. Porque nós dois sentimos a necessidade de ter uma biblioteca. Então foi uma iniciativa conjunta.*

[...]

Foi dessa forma que ela surgiu, uma necessidade da comunidade como também do projeto pré-vestibular que é da UFAM.

Gravação 110129_002

Entrevistadora: - *Quem teve a ideia de criar o espaço?*

Entrevistada A: - *A ideia surgiu de mim mesmo, porque não foi a primeira biblioteca que nós já tivemos né. A primeira biblioteca que eu criei aqui foi em 1998. Em 99 eu tive que me afastar do centro social e do Clube das Mães porque eu fui chamada pra assumir um*

³⁴ Com o intuito de preservar a identidades dos envolvidos, seus nomes foram substituídos por nomes de rios do estado do Amazonas, cuja capital trata do *loco* da pesquisa.

compromisso na SEMASD. [...] E as pessoas que assumiram no meu lugar não deram continuação ao projeto, não buscaram parcerias, não correram atrás... [...].

Quando eu retornei, de 2005 pra cá, não encontrei mais nada e quando nós buscamos a parceria junto à UFAM em 2008 né, veio, nós conseguimos o PREVESTe aí depois do PREVESTveio ideia, né, junto a outro departamento, de criarmos a biblioteca comunitária. Então aí, já era uma ideia nossa mesmo, já era uma coisa que a gente já tinha, o que precisávamos era só dar continuidade, aí eu abracei.

Foi aí que surgiu a Biblioteca Comunitária, e aí a luta foi nossa mesmo, fomos buscar, corremos atrás. Aí a UFAM veio, trouxe os estagiários pra conhecer, foi lá em baixo. A gente pintou, fez um mutirão, tudo ela assim foi um trabalho de querer, de luta mesmo, né. Só que eu não fiquei só nisso, a ideia era de que a comunidade viessem desenvolver um trabalho, é, com o Clube das Mães, no caso, viesse alguém, se dispusesse a ficar, "Não eu vou ser um voluntário e vou trabalhar na biblioteca.". Pra mim isso é utopia, isso não existe. Eu tenho o pé muito no chão, de dizer que a comunidade vai tomar conta, ela vai cuidar e ela vai, não, não existe isso, tá entendendo?! Então, quem está à frente é que tem que buscar uma forma de que os projetos não caiam. Então... foi isso o que aconteceu.

Entrevistadora: - Mas houve uma interação com a comunidade, solicitou que alguém viesse...?

Entrevistada A: - Houve. Todos os dias aqui nós temos um monte de pessoas que participam das atividades. Mas essas pessoas que vêm, elas vêm em busca de aprender algo, de se formar em alguma coisa, de buscar algo pra ela. No dia que chegar alguém aqui e disser assim "Eu vim aqui me doar para fazer o trabalho, pra te ajudar...", algumas pessoas já vieram "Olha, se você precisar e tudo...", mas naquele momento, aí some. A biblioteca, a minha ideia... no caso aqui do lado nós temos a escola que tem uma biblioteca. Eu chamei várias professoras que foram readaptadas para a biblioteca, foram é, já são pessoas que já são aposentadas, professoras aposentadas. Eu ainda procurei chamar algumas, sabe qual é a resposta que eu tive? "Tu vai me dar uma ponta? Quanto eu vou ganhar porque eu já passei a minha vida inteira trabalhando, agora eu não quero...". Então é difícil. Pra mim, eu não tenho essa, essa coisa de dizer que a comunidade vem trabalhar de graça, que não vem não. Pode até ter, vem assim uma pessoa que está se formando em Biblioteconomia, ela vem, mas ela vem assim como você está vindo, procurar informação, né. Mas se dedicar não vem. Pra ela vim eu tenho que buscar formas do que ela fique aqui comigo, né. [...]. Porque você que vai estudar 4 anos, 5 anos, né, pra se formar, você tem que tem que trabalhar, tem que ter o retorno do que você investiu... Tá entendendo? Agora, assim, um dia ao mês, uma vez na vida outra na morte, tudo bem né, que venha, mas pra se dedicar oito horas, como a gente se dedica aqui, não vem, não vem. Então por isso que eu

busquei parcerias junto à SEMASD, levei o projeto para a SEMASD e a SEMASD abraçou esse projeto, né. Ainda não está da maneira que eu acho que tem de ser, que a biblioteca tem que ser aberta de manhã e de tarde, né, porque são públicos diferentes, mas eu não tenho como, só de manhã. Eu tenho uma funcionária que poderia ficar mas ela também não tem habilidade para essas coisas, então não posso, né, entregar uma biblioteca na mão dela se não tem habilidade.

Entrevistadora: - *Então, a partir da sua intenção de criar essa biblioteca, aí a professora Japurá começou a fazer o projeto?*

Entrevistada A: - *Aí a professora Japurá montou o projeto. Primeiro foi uma conversa que nós tivemos né, primeiro a gente conversou informalmente. [...].*

Entrevistadora: - *O que a senhora pretende alcançar com essa Biblioteca Comunitária?*

Entrevistada A: - *Desde quando ela foi criada, ela não foi criada por acaso só pra ter um monte de livros não. Porque se é pra eu ter uma sala montada só pra tá quando as pessoas chegarem aí, e eu apresentar e gastar, porque é um gasto, o governo gasta, eu me desgasto, então pra mim não me interessava. Tanto é que até eu falei, eu até conversei com a menina que vem agora, que ela tá há poucos dias, eu disse pra ela o seguinte: “Eu quero que funcione, porque se for pra você se trancar nessa sala, ligar o ar-condicionado e ler seus livros, pra mim não me interessa. Eu quero que funcione, que você busque a forma de funcionar. Como é que vai funcionar eu não sei. Você é a bibliotecária, estou aqui pra te apoiar naquilo que você achar que deve fazer. ‘Vumbora fazer? Vamos’.”. Mas o que eu penso mesmo é essa biblioteca aberta de manhã e de tarde e a comunidade usufruindo do que ela tem pra dar pra ela. Por isso que eu acho que ela não está atendendo a comunidade adequadamente, da maneira que eu quero que ela seja, aberta e a comunidade vindo, seja quem for, de onde vir, mas que se beneficie, né. É essa a ideia. O problema é que só quem tem o curso de Biblioteconomia só é a UFAM. Esse é o maior dilema que eu tenho e só é de manhã, não tem outra turma à tarde.*

Entrevistadora: - *Qual a sua profissão? Qual o seu cargo?*

Entrevistada A: - *Funcionária pública municipal. O meu cargo, eu sou coordenadora da Casa do Cidadão e presidente do Clube de Mães da Japiinlândia.*

Entrevistadora: - *Como a senhora conseguiu conciliar suas responsabilidades diárias com a vontade de criar essa biblioteca?*

Entrevistada A: - *Olha, é assim. Primeiro a gente tem que ter determinação né. Então eu, a partir do momento que você sabe o que você quer chegar, você prioriza aquilo que você*

quer alcançar, você consegue, né. Pode ter mil coisas, mas você tem que ter uma prioridade, né. E essa prioridade, você vai trabalhar ela. Você alcançou, você deixa e vai, corre atrás de outra, quer dizer, eu aqui, assim, tudo o que nós temos até hoje é, eu tive uma determinação, priorizei, batalhei né, então tirando um pouquinho de cada, do horário. Se eu disser: “Ó, amanhã eu vou trabalhar, amanhã eu vou na...”, vamos dizer assim, “... lá na prefeitura.”, tá ótimo, amanhã eu vou na prefeitura, teja o que der, mas eu vou na prefeitura. Eu determinei que eu vou na prefeitura e eu vou. Eu sou assim, tá entendendo?! *É assim, as coisas funcionam pra mim dessa maneira. Você tem que ser determinada, você tem que ter, priorizar, você tem que saber querer, você tem que ver o que é bom pra comunidade, né. Eu, pelo menos, às vezes quando a gente tá, eu tenho uma dúvida de ter esse saber, hoje eu já tenho, como eu já conheço bem a comunidade que eu vivo, eu já sei praticamente das suas necessidades. Então não precisa mais eu reunir com a comunidade pra dizer: “Vocês precisam disso?”, né. Eu já conheço minha comunidade, então eu já, às vezes eu tomo iniciativas de ir, de brigar e quando viu, já tá aqui, já tá pronto, tá entendendo?! E pra fazer biblioteca foi assim, né. Nós, eu priorizei, determinamos, eu determinei aqui que iríamos construir essa biblioteca e tive que tirar a cada minuto, a cada hora, a cada dia, a cada mês, eu tive que ter horários pra aquilo, entendendo?! E assim eu faço em todo o meu trabalho. [...] Eu sempre converso com as pessoas que estão ao meu redor, no caso a diretoria, é, a gente conversa, troca ideias.*

[...] Agora nós estamos fazendo, vamos preparar um livro de delícias da vovó, que também vai ser um acervo para a biblioteca. Produção própria. Toda semana nós vamos trazer 3 pratos prontos. Aqueles que foram votados né, que conseguiram alcançar a pontuação... eram 5 pratos semanal, mas eram 3 pratos que a gente priorizava e elas mesmas né, cada uma delas degustavam e elas mesmas davam pontos, elas mesmas votavam [...]. Foi muito engraçado, foi muito bom ter desenvolvido esse trabalho com elas e hoje foi o último dia e isso aí nós pretendemos levar pra biblioteca, isso é um trabalho da biblioteca.

Entrevistadora: - *Na época que a senhora estava criando a biblioteca, como que estava sua vida? A senhora estava com outros projetos também em paralelo?*

Entrevistada A: - *Olha, quando nós criamos a primeira vez, quando foi criada a primeira vez né... a gente sempre teve vários projetos, sempre tivemos.*

Entrevistadora: - *Esse nome Semeando Saberes foi só agora que deram?*

Entrevistada A: - *Foi, foi só agora que deram. Antes era só Biblioteca Comunitária mesmo porque ela não chegou a funcionar como chegou a funcionar essa aí, né. A outra tinha muito mais livros, muito mais coisas, mas não chegou a funcionar. Foi quando eu fui chamada para uma secretaria por causa do trabalho que eu desenvolvia aqui. [...]. Então quando foi*

criada já a segunda vez, aí não, a segunda vez ela veio com mais organização, que ela veio pelo um projeto, né. A ideia foi nossa, mas o projeto que fez foi a UFAM, tá. A ideia nós levamos e fomos conversando né, aí a UFAM, né, nós, aí a Prof.^a Japurá que era, sempre foi dessa área, ela tomou e disse assim: “- Nós vamos montar a biblioteca comunitária. Dá pra fazer?”. “- Vai dar professora.”. “- Tu tem certeza de...”. “Dá sim senhora.”. “Com o quê que você entra?”. “- Nós vamos entrar com a sala, nós vamos correr atrás de...”. Aí eu corri atrás das estantes, de um monte de mesas, das coisas. Tudo fomos nós que fomos correr atrás. E aí a Prof.^a Japurá fez o projeto, né. Quando começou, começou com muita gente mesmo, né, com muitos estagiários [...]. Foi muito legal né, o início foi muito legal. [...]. E aí quem colocou o nome foram eles mesmos, Semeando Saberes. E ficou, foi muito bom né, porque a gente aderiu, nós aderimos também. Foi um trabalho feito sempre em parceria. [...] A Prof.^a Japurá sempre está dando o apoio.

Entrevistadora: - Qual foi a dificuldade que a senhora encontrou para montar a biblioteca?

Entrevistada A: - Olha, a dificuldade maior mesmo é do pessoal. Né, assim, é dar continuidade com a biblioteca. Eu não encontrei dificuldade pra montar a biblioteca. [...] Nós fizemos campanhas, tanto nós aqui quanto a UFAM fez campanhas para juntar livros. Eu corri atrás das estantes... Então eu não encontrei dificuldade. A dificuldade maior é assim, é não poder colocar ela pra funcionar da maneira que nós, que eu penso ainda. Essa é a dificuldade maior que nós temos.

Entrevistadora: - E o que a senhora achou de positivo na criação da biblioteca que a senhora se surpreendeu?

Entrevistada A: - Deixa só eu te dizer uma coisa. Quando eu penso em fazer uma coisa, eu não penso nas dificuldades, porque as dificuldades pra mim elas são superáveis. Eu, talvez porque eu sou assim dessa forma, eu acho que você faz a dificuldade. Elas existem? Existem. Mas você tem que saber superar cada uma delas. Então, por isso eu posso te dizer que eu não encontrei dificuldade porque eu queria que funcionasse, que a nossa ideia era montar. Então, as dificuldades que fossem aparecendo a gente ia superando cada uma delas. Então pra nós foi fácil, porque eu não coloquei a dificuldade em primeiro lugar. Eu botei as prioridades em primeiro lugar pra poder superar as dificuldades existentes [...].

Entrevistadora: - De maneira pessoal, para a senhora qual a importância desse espaço, da Biblioteca Comunitária?

Entrevistada A: - Olha, a importância da Biblioteca Comunitária... ela é tão importante como qualquer espaço e como qualquer outro projeto que tenho aqui. Porque assim, se a biblioteca estiver bem e o grupo da terceira idade não, então acredito que não vale a pena.

Então pra mim tem que tá bem todos. Tá, então a prioridade da biblioteca pra mim é a mesma prioridade de qualquer outro projeto existente aqui. Agora o que eu acho é que ela tem um significado muito grande né, na educação, na transformação, no crescimento, pra mim ela tem esse significado muito grande.

Entrevistadora: - *E como foi sendo divulgada e reconhecida aqui na comunidade, a biblioteca... a senhora lembra?*

Entrevistada A: - *Ela foi divulgada através de nossos trabalhos mesmos aqui, né, através do nosso trabalho. Mais internamente, porque, se eu tenho, por exemplo, este mês eu tive aqui no Clube de Mães da Japiinlândia uma passagem de mais de 700 pessoas. Cada pessoa que vem aqui ela sempre vai ver que nós temos e ela vai divulgando, né.*

Gravação 110129_003

Entrevistadora: - *Do idealizado ao construído, como esse espaço era imaginado e como ficou com sua concretização? Foi satisfatório?*

Entrevistada A: - *Olha, eu ainda penso em melhorar mais né, mais pra início né, ficou. Claro que a intenção é melhorar mais, mas pra, assim, dentro da nossa expectativa né, foi satisfatório né, a questão do local ainda não está adequado do jeito que a gente achava... Eu acho que teria que ser o espaço maior, né.*

Gravação 110202_001

Entrevistadora: - *Como foi sua infância, sua adolescência com relação à sua formação, educação, cultura?*

Entrevistada A: - *Infância e adolescência tudo no interior. Eu nasci no interior chamado, município chamado Ururucu, Maranhão. Os meus pais, eles eram, nossa família sempre foi muito humilde e com 11 anos de idade eu fui pra Belém pra morar com meus irmãos, não deu certo, nós voltamos e a minha adolescência, com 15 anos... Porque é assim, minha mãe, naquela época os pais criavam as filhas para casar, né, a gente não tinha muita opção, principalmente no interior. Então a gente era criado pra casar, educado pra casar, tinha marido, tinha que ter filho, tinha que cuidar de casa, cuidar de marido e só, né. A vida da gente resumia em quase nada e aquele montueiro de filho né, porque minha mãe teve 18, a minha irmã 16, a outra 10. Então eu decidi assim, quando eu cheguei com 15 anos me casei. [...]. Então minha infância foi uma infância difícil... Difícil não né, porque a gente no interior, a gente sobrevive com o que tem né. A gente sobrevive com o que tem, a gente busca viver aquilo que a gente tem. O quê que tem pra você? Brinquedos era de, era aquelas bonecas de milho, não sei se você conhece. A gente transformava uma garrafa em boneca, é aquela coisa toda. Que eu me lembre eu tive uma infância muito boa né, né,*

meus pais ali todo tempo cuidando da gente, né. [...]. E aí eu cresci, com 13 anos eu quis sair pra ir trabalhar em casa de família [...]. Aí eu fui trabalhar em casa de família, depois voltei pra casa da minha mãe, aí eu comecei a namorar com 15 anos, foi quando eu casei. Mas foi um casamento assim, que não deu certo, fiquei apenas um ano com ele [...], fiquei só um ou dois anos com ele. Aí eu fiquei gestante, fiquei com filho. Mas aí eu botei, eu disse pra mim né, eu queria crescer, só que naquela época os estudos não eram incentivados né. Eu lembro, a minha irmã, hoje ela tem 80 anos né, e aí eu brigava assim “Eu quero estudar, eu quero estudar!”, pra minha mãe me botar na escola, que eu queria estudar e aí minha irmã disse assim pra mim, eu me lembro dessas coisas assim, marcaram né. A minha irmã falou: “Não sei porquê tu quer estudar, né. Eu tô aí, não estudei, não sei ler, não sei escrever e tô vivendo.”. Então isso aí tirava a gente daquela época da gente estudar. E aí, então, eu vim, foi quando eu cresci, casei, não deu certo, saí, vim pra capital do Maranhão, São Luís. Então, vim pra São Luís do Maranhão, capital né, trabalhei em casa de família, namorava né, não dava certo, aquela coisa de jovem mesmo né, que não é diferente de hoje [...], o meu sonho era ter a minha casa e meus filhos, que eu já tinha. [...] Então eu saí de lá e vim pra Manaus. A minha primeira saída de São Luís do Maranhão, fui pra Belém, não deu certo, de Belém eu vim pra Manaus. [...] Eu conheci meu marido numa viagem de Belém pra Manaus [...]. Hoje estamos com 34 anos juntos. [...] E a partir daí, graças à Deus, tudo mudou na minha vida. Assim, foi uma transformação muito grande na minha vida [...] o único erro que eu tive foi não continuar meus estudos.

Entrevistadora: - Como é que era sua vida escolar?

Entrevistada A: - Olha, a minha vida escolar era assim, eu estudava de pouquinho em pouquinho né. Eu estudava um pouquinho no interior, aí parava, voltava e ia pra São Luís, parava né, aí quando eu voltava de novo pro interior aí estudava e parava. Aí a vida era assim. [...] Então, quando eu vim pra cá pra Manaus, quando eu comecei a trabalhar, quando eu comecei a fazer esse trabalho comunitário, uma das coisas que eu errei foi não dar continuidade nos meus estudos. Eu achava que o que eu já conhecia, o que eu sabia era o suficiente pra mim... E o meu marido também, ele era muito ciumento, né, ele não aceitava que eu estudasse à noite e eu só podia estudar à noite porque logo fiquei gestante [...], e eu tinha que dá atenção pras crianças durante o dia e à noite ele não deixava eu sair [...], e aqui uma diretora [...], ela dizia assim pra mim “Minha filha termina logo teus estudos.”. Era ela quem mais me incentivava em terminar os estudos. [...] Mas eu fiquei com aquilo, eu achava que, como eu tive uma infância e essa infância, minha juventude, não houve aquela, aquele incentivo da parte dos meus pais e nem das pessoas que eu morava né, assim, casa de família, então eu me acomodei. [...] Aí quando eu comecei a trabalhar nessa área de comunidade, aí eu achava que o que eu sabia era o suficiente pra dar

continuidade no meu trabalho e era, quer dizer, pelo um outro lado foi o que mais eu sinto falta hoje é, era o que eu não fiz que foi a teoria, né. A prática eu aprendi por conta das situações que vinham, das necessidades que aparecia [...]. Quer dizer, hoje, com 61 anos eu olho pra trás e vejo que não era o suficiente, eu deveria ter ido mais além. Mas já que eu não fui, então não tenho que ficar me preocupando também com o que já passou, eu tenho que me preocupar com o que, o de hoje né, o agora, que eu já passei tudo o que eu aprendi, que consegui o desenvolvimento da minha comunidade. Tudo aqui, nessa comunidade, tem um pouquinho de mim, tem uma luta da escola, uma luta do posto médico, tem uma luta da luz. Então aquilo que eu botei no meu plano de vida eu consegui, no plano comunitário também, consegui.

Entrevistadora: - *Quanto tempo a senhora tem aqui no Japiim?*

Entrevistada A: - *No Japiim eu tenho 29, 30 anos que eu vivo aqui no Japiim.*

Entrevistadora: - *Em que série a senhora parou?*

Entrevistada A: - *Eu fiz até o 2º grau completo. Era muito pouco, mas graças a Deus deu pra eu sobreviver.*

Entrevistadora: - *E seus pais, qual a profissão deles?*

Entrevistada A: - *O meu pai era agricultor, a minha mãe também. Todos os dois agricultores.*

Entrevistadora: - *E incentivo à leitura?*

Entrevistada A: - *Não. Incentivo à leitura não porque é assim, antigamente era isso né, não tinha incentivo, principalmente no interior. O incentivo que os meus pais davam era trabalhar em roça, trabalhar, era casar, entendendo?! Mas incentivo à leitura mesmo não dava. Já eu não, já com meus filhos foi diferente.*

Entrevistadora: - *Quantos filhos a senhora teve?*

Entrevistada A: - *No meu primeiro casamento eu tive dois. No segundo eu tive dois e tem dois fora do casamento. [...] Seis filhos.*

Entrevistadora: - *Qual foi o momento da sua vida em que a senhora teve o primeiro contato com uma biblioteca?*

Entrevistada A: - *Tudo o que hoje eu idealizei aqui, que eu busquei pra fazer aqui, foi uma questão de necessidade pra comunidade, não foi uma questão de incentivo na minha vida... Pois é, então tudo que foi feito aqui não foi uma questão de incentivo de infância, da*

juventude, da pessoa adulta, não, foi um incentivo de necessidade para a comunidade. Eu queria pra comunidade o que eu não tive. Eu fiz pelos meus filhos o que não fizeram por mim. [...] Então os meus filhos viveram aquilo que eu não vivi e a comunidade, a minha comunidade que eu vivi, que eu convivo até hoje, eu queria sempre o melhor pra ela, porque de vim da onde eu vim, de uma infância... é, bem carente né, chegar aqui... que pra muita gente não é muita coisa, mas pra mim é.

Entrevistadora: - *Como foi que a senhora começou a se envolver nesses assuntos da comunidade?*

Entrevistada A: - *Necessidade básica de uma casa: água, luz, telefone, asfalto na rua, carteiro, que a carta não chegava na minha casa, tudo isso, foi aí que eu me envolvi. [...] Eu moro aqui e naquela época não tinha nada, não tinha luz, não tinha asfalto, não tinha nada. [...] Tinha a Associação dos Moradores, eu me envolvi na associação e aí a gente começou uma briga, uma luta toda né, pra conseguir o atendimento básico. Tudo isso eu fiquei à frente, abaixo assinado, reuniões, audiências, fazer cota na comunidade pra gente comprar cabo pra colocar energia [...]. E aí, quando dei por mim já estava envolvida [...]. Aí fundamos o Clube de Mães da Japiinlândia que hoje é esse aqui. [...] Eu ficava muito feliz, e ainda fico, claro que eu fico, quando a gente consegue resolver algum problema. [...]*

Entrevistadora: - *E o seu contato com a biblioteca?*

Entrevistada A: - *Foi na administração do Amazonino, quando prefeito, num dos primeiros mandatos dele, que tinha uma biblioteca ali perto da Praça da Saudade. Foi o primeiro contato que eu tive com a biblioteca, foi lá. Então eu vi a biblioteca, eu disse “Gente, mas é assim que a gente tem que fazer a nossa né.”*

Entrevistadora: - *Quando a senhora estudava chegou a sentir falta de um lugar que tivesse as informações que queria para resolver os seus problemas de pesquisa?*

Entrevistada A: - *Ah, eu sentia. [...] Eu sentia essa necessidade desde pequena assim, de ter um lugar né, pra gente estudar, pra gente pesquisar. Às vezes passava pesquisa e a gente não tinha como fazer, ainda mais no interior.*

Entrevistadora: - *E hoje, a senhora tem o hábito de ler?*

Entrevistada A: - *Olha, todos os dias eu leio a Bíblia, um pedacinho. Todos os dias eu leio a Bíblia. Não leio mais, aqui, porque na realidade eu não tenho tempo.*

Entrevistadora: - *E como é que a senhora enxerga que a leitura, o hábito da leitura possa trazer algo de positivo para a pessoa?*

Entrevistada A: - *Eu acho que a leitura, ela é o caminho pra você poder alcançar os seus objetivos de vida. Eu acho que a leitura é tudo pra você ter esclarecimento, ter conhecimento. Eu acho que ela hoje, não dá mais pra não ter bons estudos, não dá mais pra viver a vida hoje se você não tiver esse caminho da leitura. Então, eu acho que é tudo né, porque sem o conhecimento você não chega em canto nenhum. [...].*

A biblioteca tá aí. Um sonho realizado. É pequenininha, é, mas que cabe qualquer pessoa, qualquer ser que vier atrás de uma informação ela tem.

Entrevistadora: - *Como a senhora descreveria uma biblioteca? Como imagina que deveria ser, que deveria funcionar?*

Entrevistada A: - *Eu imagino uma biblioteca pra funcionar mesmo, porque essa nossa ela tá aí, mas ela ainda não tá funcionando adequadamente como tem que ser. Pra mim ela tem que funcionar de manhã e de tarde. Ela tem que ter os instrumentos na área de informática, pelo menos um computador, para pesquisa, ter um espaço maior, sabe, ter pessoas pra atender, pessoas que tenham realmente o conhecimento, como eu tenho hoje.*

Entrevistadora: - *Depois do primeiro contato que a senhora teve com a biblioteca, teve mais algum ou nunca frequentou?*

Entrevistada A: - *Não. Só a minha. Eu vou lá ver como é que tá, se tá arrumadinha.*

Entrevistadora: - *Está satisfeita com a quantidade de bibliotecas que a gente tem hoje na cidade?*

Entrevistada A: - *Na realidade eu não sei nem quantas bibliotecas nós temos hoje, em Manaus, né. O que eu conheço mesmo é essa, é aqui as escolares e uma que funcionava em Petrópolis [...], uma comunitária.*

Entrevistadora: - *A senhora acha que esse seu espaço da biblioteca comunitária deixa a desejar para uma outra biblioteca ou não, que ela é igual à qualquer outra?*

Entrevistada A: - *Eu acho que não importa o tamanho, o que importa é o conteúdo, porque eu poderia ter uma biblioteca do tamanho desse prédio, mas não oferecer o que nós oferecemos.*

Entrevistadora: - *O que a senhora acha que diferencia essa biblioteca de uma outra biblioteca?*

Entrevistada A: - *Acho que é o tamanho, o espaço, os equipamentos, é o que diferencia. A diferença é grande.*

Entrevistadora: - *Qual a importância que a senhora dá para o acesso aos livros?*

Entrevistada A: - *A pessoa, quando ela vem em busca de um livro pra fazer pesquisa, a importância que eu dou é que se a gente tiver pra atender. Se a gente tem pra atender eu fico satisfeita, se não tem pra atender aí eu fico triste porque a gente deixou de incentivar e deixou de dar apoio para aquele comunitário que veio aí. Eu acho que a importância é muito grande, de ter e não ter.*

Entrevistadora: - *E o que a comunidade local tem a ganhar com essa biblioteca?*

Entrevistada A: - *Pra quem valoriza, nem todos valorizam, pra quem valoriza e pra quem sabe a importância da biblioteca, é bom. E pra quem não tem conhecimento, pra quem não sabe, pra quem pouco dá valor tanto faz né. Então pra nós foi importante e é importante tê-la aqui, pra nós é importante. Agora pra comunidade, pra te dizer eu ainda não tive aquele retorno que eu esperava, porque as pessoas não valorizam tanto quanto nós valorizamos.*

Entrevistadora: - *Com relação ao espaço, da escolha do espaço?*

Entrevistada A: - *O espaço que nós tínhamos na época era lá em baixo [...]. Então como nós tínhamos uma sala, e essa sala estava sem atividade e aqui em cima estava tudo com atividade [...] a sala que foi colocada à disposição foi aquela. Não houve escolha porque só tinha ela mesma.*

Quando iniciou o projeto, era lá em baixo. Ele foi iniciado em 2008 [...]. 2009, 2010 por aí, a gente veio pra cá, pra essa sala do lado, porque nós achamos que lá em baixo ela não tinha muito, ela não tinha visão. [...] e foi justamente quando ela começou a funcionar mesmo, de fato e de direito [...]. E o ano passado nós, é, eu percebi que mesmo estando aqui do lado, a comunidade não participava como participa hoje. [...] então nós resolvemos transferir daqui a biblioteca pra lá pra frente [...]. Tiramos o projeto, era bom era, mas não era tão importante quanto a Biblioteca Comunitária [...], desde o ano passado, 2011.

Entrevistadora: - *E os mobiliários?*

Entrevistada A: - *Os mobiliários foram todos doações. Agora os livros é que a UFAM, nós fizemos campanha, a UFAM também fez campanha e dentro do projeto a UFAM também comprou alguns livros. Mas o restante foram todos doações.*

Entrevistadora: - *Quais os primeiros materiais que a biblioteca teve?*

Entrevistada A: - *Foram as estantes [...]. Aí nós conseguimos as estantes, depois nós conseguimos as mesas, cadeiras. Lá também não tinha condicionador de ar, por causa da biblioteca nós climatizamos.*

Entrevistadora: - *E como é que foi a organização da biblioteca?*

Entrevistada A: - *Ela fez o projeto da biblioteca comunitária e dentro desse projeto ela então, teve condições de ter alguns estagiários da Biblioteconomia e esses estagiários, uns eram voluntários, outros eram contratados pelo projeto [...].*

Entrevistadora: - *E teve algum movimento da comunidade para ajudar a organizar a biblioteca ou foi só do projeto mesmo?*

Entrevistada A: - *Não, teve sim porque... se nós não tivéssemos nos movimentado, a biblioteca não teria sido implantada, então houve o trabalho em parceria, UFAM e comunidade.*

Entrevistadora: - *Mas, na hora da prática, ali de está arrumando...?*

Entrevistada A: - *Não, na hora da prática n[ós] deixamos com quem sabia, né. Realmente, nós não tivemos, no caso de ir lá fazer, não. Nós tivemos que deixar por conta da instituição que realmente sabia trabalhar.*

Entrevistadora: - *E como é que foi a abertura do espaço para o público?*

Entrevistada A: - *Olha, em primeiro lugar a abertura para o público, ela veio através do projeto pré-vestibular comunitário. Toda a estrutura da biblioteca, ela veio em função do projeto pré-vestibular comunitário. Porque em primeiro lugar nós pensamos em apoiar o projeto que estava sendo desenvolvido. Com uma biblioteca os alunos teriam mais condições de fazer os trabalhos, de fazer pesquisas, como até hoje eles fazem. Às quintas-feiras a biblioteca é aberta à noite para os alunos do PREVEST, então os primeiros participantes comunitários foram o, o PREVEST. A partir daí nós começamos e hoje nós atendemos a comunidade como um todo.*

Entrevistadora: - *Da inauguração, como foi a inauguração da biblioteca?*

Entrevistada A: - *A inauguração teve participação da Extensão da UFAM. [...]. Fizemos coquetel...*

Entrevistadora: - *E a divulgação? Vocês divulgaram para a comunidade que ia ter a abertura da biblioteca?*

Entrevistada A: - *Não. Foi divulgado aqui né, porque a comunidade, como ela participava muito aqui, os convites eram feitos interno. [...] por exemplo, a gente convida os parceiros, escola, igreja, posto médico, a gente convida os diretores das instituições para participarem [...]. convida a comunidade através das atividades desenvolvidas aqui.*

Entrevistadora: - *A comunidade recebeu bem essa biblioteca? Teve uma boa recepção?*

Entrevistada A: - *Eu acho que sim. O que está faltando pra que a comunidade participe mais é que ela seja aberta de manhã e de tarde. Nós não temos condições de abrir de manhã e de tarde, até porque a única universidade que tem o curso de Biblioteconomia é a UFAM e só é de manhã. Então, por isso nos impede de ter uma estagiária na parte da manhã. A ideia era trazer a comunidade pra participar e, alguém da comunidade como voluntário, mas como isso eu acho utopia, isso não acontece. Eu acredito que pode até ter, mas ainda não se colocaram à disposição. Convidar já foi convidado, agora de chegar assim “Olha, estou aqui à disposição pra ficar duas horas ou três horas, de segunda à sexta-feira com vocês...”, que eu acho difícil.*

Entrevistadora: - *O que o espaço oferece para a comunidade?*

Entrevistada A: - *Só pesquisa. Porque é assim, a partir do momento que você empresta, você pode receber de volta ou você pode não receber de volta e eu não tenho estrutura pra mim tá correndo atrás de quem levou o livro, pra buscar. Então, por isso que a gente não empresta. Faz a hora do conto, tem o acesso né. [...] A gente também fez o “Lanche com livro”, que através disso aí nós conseguimos fazer outro projetinho em cima, que é o “Receita Delícias da Vovó” [...], o sarau, tudo isso já foi, está sendo realizado através da biblioteca.*

Entrevistadora: - *E como é que a biblioteca é mantida?*

Entrevistada A: - *A gente consegue manter a biblioteca com a parceria da Prefeitura e da UFAM.*

Entrevistadora: - *E essas parcerias estavam juntas desde a criação da biblioteca?*

Entrevistada A: - *Sim, porque se a Prefeitura não dessa essa, não tivesse essa parceria aqui dentro, a gente não teria como desenvolver nossas atividades. Até porque o Clube das Mães não tem condições financeiras pra assumir toda a estrutura que nós temos.*

Entrevistadora: - *E com essa parceria, existiu alguma intervenção na atuação da biblioteca, por exemplo, eles impõem alguma coisa de como deve funcionar?*

Entrevistada A: - *Não. A biblioteca é administrada pelo Clube de Mães. Os parceiros vêm, trazem os projetos, nós acolhemos. Eles ficam desenvolvendo os projetos até o projeto finalizar. É claro que eu não intervo no trabalho deles, de forma alguma, eles ficam livres pra desenvolver as atividades, conforme o projeto. Terminado ali aquele projeto, o clube de Mães continua trabalhando da maneira que estamos trabalhando hoje. A Prefeitura nunca interviu em nada, não impõe nada. O que a Prefeitura fala: “Olha, eu vou dar o estagiário,*

mas quem vai dirigir o estagiário são vocês que estão lá.” Agora, eu represento também a Prefeitura, como coordenadora da Casa do Cidadão eu represento a Prefeitura. Então tanto eu tenho cuidado da Prefeitura como eu tenho cuidado da comunidade. Então por isso nós não temos problema.

Entrevistadora: - *A senhora já conhecia ou tinha ouvido falar no termo Biblioteca Comunitária?*

Entrevistada A: - *Já tinha ouvido falar, comentários, projetos que a gente ouvia falar. Ainda não tinha visto uma né, mas ouvido falar... [...] A biblioteca da escola atende a comunidade escolar, não atende a comunidade externa [...] Então a gente sentiu a necessidade de uma biblioteca pra atender a comunidade externa [...] por isso veio a ideia de lutar e brigar pela biblioteca.*

Entrevistadora: - *Mas esse termo específico, biblioteca comunitária, como chegou para a senhora?*

Entrevistada A: - *É, biblioteca comunitária, que é o meu trabalho comunitário. Então tudo o que a gente vai fazer nós temos que associar à comunidade.*

Entrevistadora: - *A senhora sabe o significado desse termo, que a literatura dispõe?*

Entrevistada A: - *Olha, o que eu conheço é assim... O meu entendimento né. Se eu monto uma biblioteca comunitária, no meu entendimento é que estou envolvendo os comunitários, que comunitário pode vir, porque tem o termo comunidade e essa biblioteca, que foi criada pra eles. Ele tem que vir aqui interagir, tem que participar, quer dizer, se ele achar bom pra ele né, ele vem. E ele chegando aqui é acolhido.*

Entrevistadora: - *E quando a professora veio com o projeto de Biblioteca Comunitária, ela chegou para conversar e explicar sobre?*

Entrevistada A: - *Com certeza. Quando ela veio com o projeto, conversou, botou pra gente conhecer o que era, qual a significância dela, qual o objetivo, o que a gente, o que a comunidade ia ganhar. Então isso aí foi bem colocado pela Japurá.*

Entrevistadora: - *Houve algum interesse de pesquisa sobre o espaço criado??*

Entrevistada A: - *Muitas outras pesquisas já foram feitas. Pesquisas bem feitas e pesquisas mal feitas. Inclusive tem uma [...] onde as pessoas não entenderam direito a parceria, né, não entenderam que a Casa do Cidadão, ela é parceira do Clube de Mães da Japiinlândia, não significa que o Clube de Mães é da Prefeitura. O Clube de Mães é uma instituição livre, civil, que não tem nada a ver com a Prefeitura, só somos parceiros. [...] nós damos o*

espaço, o que nós temos, a Prefeitura dá os projetos [...], ela paga água, ela paga o básico, pra funcionar, pra manter... [...].

Entrevistadora: - *Nessas pesquisas que foram feitas, houve alguma imposição ou intervenção acerca do que o espaço que a senhora criou, do que ele seja, do que possa vir a ser?*

Entrevistada A: - *Não. Só entrevista, buscar saber né... Às vezes a pessoa nem chegava a conversar comigo, ia pra lá pra biblioteca. Vinham assim, solicitava o espaço e tal pra fazer pesquisa. Mas pra fazer como nós estamos fazendo, conversando, você querendo saber explicação de tudo né, pra depois fazer o seu relatório, não. Aí as pessoas fizeram algumas coisas que não entenderam bem e fizeram errado, né. [...].*

Entrevistadora: - *E das vezes que eles vieram conversar com a senhora, eles sempre mencionavam o termo biblioteca comunitária, sempre foi frisado isso, que era biblioteca comunitária?*

Entrevistada A: - *É. Foi o nosso projeto, foi sempre frisado biblioteca comunitária.*

ANEXO F

ENTREVISTA COM O IDEALIZADOR DA BIBLIOTECA COMUNITÁRIA SOCORRO CHAVES³⁵

Entrevistadora: - *Quem foram os criadores da biblioteca?*

Entrevistada B: - *Olha, os criadores na verdade foram todas as pessoas envolvidas na ação do Alternativo. Porque na época que tivemos a ideia, eu era aluna do 2º período, não sabia nem o que era um projeto. Aí eu levei essa ideia pro Solimões amadurecer. Então, na época ele disse: “Olha Canumã, eu não sei se é viável no momento a gente pensar em biblioteca, porque a gente precisa ter primeiro em mente até um..”, porque a gente não tinha sede própria, “Então, aonde a gente vai implantar essa biblioteca?”. Porque, como a gente tava parceiro com a Associação dos Moradores, aí a diretora da associação na época falou: “Olha Solimões, a gente pode montar essa parceria e implantar a biblioteca na Associação dos Moradores. A Canumã veio me pedir ajuda, ela tá recente na universidade e a gente precisa dar esse apoio, como montar essa biblioteca. Acredito que vai dar certo, ela tem razão, o Alternativo precisa de uma base e essa base é a biblioteca.”. Eu via a necessidade do cursinho ter uma biblioteca, os livros ficavam todos jogados, arrumados de qualquer forma, dentro de caixas. Aí, por isso que na época da faculdade, eu lembro que foi um professor de sociologia, numa dessas aulas de Introdução à Sociologia, ele falou: “Olha vocês que estão, serão futuros bibliotecários, vocês estão sabendo que hoje qualquer pessoa pode montar uma biblioteca comunitária? Existe recursos pra isso junto ao MEC. Fucem lá o site do MEC, tem recursos, montem um projeto.”. Aí eu “Por quê não?”. Aí eu levei a ideia pro Solimões. Foi discutido, teve uma reunião. Tinha uma equipe e essa equipe decidiu que, de acordo “Bora montar essa biblioteca.”. Sendo que eles falaram: “Olha Canumã, o trabalho que você vai ter é fazer um levantamento do que é preciso para uma biblioteca, o que é preciso, que tipo de mobiliário, quais os serviços. Você faz esse levantamento, traz pra nós que a gente vai inserir nesse projeto que nós estamos montando pra Petrobrás.”. E foi isso que aconteceu.*

Entrevistadora: - *Foi um grupo?*

Entrevistada B: - *Foi um grupo. Eu, o Solimões, aí tinha... [...] Era em torno de 4 ou 5 pessoas que amadureceram a ideia e montaram o projeto. Foram eles, eu só dei aquela ideia “Que tal a gente montar essa biblioteca?”. Mas eles que colocaram essa ideia em*

³⁵ Com o intuito de preservar a identidades dos envolvidos, seus nomes foram substituídos por nomes de rios do estado do Amazonas, cuja capital trata do *loco* da pesquisa.

prática, foram eles que escreveram o projeto. Eu participei apenas fazendo um levantamento de mobiliário, o que era preciso. E as informações que ele pedia eu via com os professores ou então eu ia buscar na literatura. Segundo período a gente tá muito verdinho ainda, não tem nem noção do que é... Foi um grupo, um teve a ideia e o grupo amadureceu essa ideia, o que aconteceu foi isso. Eu não vou dizer "isso é meu", não. Apenas eu achei que era interessante ter uma biblioteca, então o grupo amadureceu a essa ideia, foi o grupo.

Entrevistadora: - *Então, você teve a ideia e quem criou foi o grupo?*

Entrevistada B: - *Sim, quem criou foi o Alternativo, o grupo.*

Entrevistadora: - *Quem mantém é o Alternativo?*

Entrevistada B: - *Quem mantém é o Alternativo, apenas eu fiquei como voluntária. Se eu fosse o Alternativo essa biblioteca não teria nascido.*

Entrevistadora: - *É uma ONG o Alternativo?*

Entrevistada B: - *Instituto de tecnologia. Mudou, na época era uma ONG, ONG Vicente Ferreira da Silva, com o nome fantasia de Alternativo de Petrópolis. Depois que passou a ser Instituto Alternativo de Petrópolis [...].*

Gravação 110130_003

Entrevistadora: - *Na época era ONG?*

Entrevistada B: - *Na época era pré-vestibular, que depois se transformou em ONG. [...] Pré-vestibular Alternativo de Petrópolis.*

Entrevistadora: - *Em que ano?*

Entrevistada B: - *Foi em 2005... em dezembro de 2005, não lembro a data.*

Entrevistadora: - *Havia passado no vestibular e estava como voluntária?*

Entrevistada B: - *Eu entrei como voluntária no pré-vestibular. Na verdade eu entrei no pré-vestibular como aluna. Aí eu fiquei ajudando. Eu já conhecia a história do alternativo, então assim, eu procurei, a gente dividia as tarefas no Alternativo. Um ficava responsável pela limpeza, outro ficava responsável para pegar água pra por no bebedouro... A gente tinha uma equipe de divisão de tarefas lá. Não é porque era de graça que a gente não fazia nada. [...]. E eu fui me envolvendo, me envolvendo e fui gostando e, enfim, fiquei. Aí eu passei [...] de 2004 pra 2005. Aí voltei pra continuar ajudando eles. Aí foi quando, no 2º período, surgiu a ideia de montar a biblioteca.*

Entrevistadora: - *Você entrou na faculdade em que ano?*

Entrevistada B: - *Em 2005. Foi nessa data de dezembro, no mês de dezembro que a gente teve a ideia de montar, novembro pra dezembro. Aí de início a gente só tinha 250 livros.*

Entrevistadora: - *Esses livros eram doados?*

Entrevistada B: - *Eram doados pelos alunos, professores. Aí a gente conseguiu uma doação também da Livraria Lira. Ela doou depois cento e poucos livros pra nós, eu não me lembro, isso aí está registrado lá. Eu deixei em ata tudo registrado [...]. Em 2005 eles estavam montando o projeto para a Petrobrás, aí não foram contemplados. Aí em 2006, início de 2006 foi quando surgiu essa outra captação de recursos pela Brazil Foundation, que foi quando conseguiram recursos para oficializar a implantação da biblioteca. [...] Aí como teve o prêmio de participação, ficou entre os 40 melhores projetos, aí conseguimos esse recurso [...] que deu pra comprar... Assim, foi um projeto não só da biblioteca, era um projeto que envolvia outras ações. Nesse projeto tava pré-vestibular, tava Telecentro, aí inseriram a biblioteca. Até então eles não pensavam em biblioteca, aí foi quando aproveitaram e inseriram a biblioteca nesse projeto maior. [...]*

Entrevistadora: - *Tem algum documento que fale da história da criação da Biblioteca Comunitária?*

Entrevistada B: - *Quando veio o dinheiro, aí a gente passou para uma sala maior, que deu pra comprar mobiliários e também buscar maior recursos nesse tipo de equipamento que não tinha, impressora, computador, ventilador, ar-condicionado, precisava de um pra biblioteca. Compramos tudo novo e os mobiliários foram doados, a comunidade, o INPA ajudou muito, as bibliotecárias do INPA [...] ajudaram muito em doações [...].*

Deixa eu ver na época quem ajudou... Foi a Associação dos Moradores, aí recebemos materiais permanentes da Gradiente, Livraria Lira, a Fundação Centro de Análise, Pesquisa e Inovação Tecnológica... A inauguração foi no dia 17 de setembro de 2006, homenageando uma moradora do bairro. A Socorro Chaves, ela era uma professora no INPA, ela era pesquisadora no INPA e ela foi professora no pré-vestibular e ela morreu vítima de um erro médico. Aí os colegas, em comum acordo, fizeram uma reunião e acharam melhor fazer essa homenagem a ela.

Entrevistadora: - *Como você descrevia o ambiente da Biblioteca Comunitária?*

Entrevistada B: - *Olha eu penso que ela vem ser um ambiente não só de leitura, mas de lazer. Eu coloco lazer porque na época que eu trabalhava lá, vinham pessoas da comunidade, donas de casa, pra biblioteca fazer pesquisa, buscar livros, mas não como*

informação científica e sim literatura, romances, como forma de distração pra elas. Então eu colocava a biblioteca como espaço de lazer também, não só levando o conhecimento pra comunidade, mas o lazer. Era algo prazeroso que aquelas pessoas sentiam quando entravam ali, tanto que me cobravam muito quando ela ficava fechada por falta de tempo que eu não tinha.

Entrevistadora: - *Ela existia desde 2006, né?*

Entrevistada B: - *Desde 2005, nós montamos a salinha desde dezembro de 2005.*

Entrevistadora: - *E a ideia? Você teve a ideia quando?*

Entrevistada B: - *A ideia foi em 2005, não me lembro data. Só lembro que foi uma data que eles estavam montando o projeto para a Petrobrás [...], foi entre julho e agosto, eu não me lembro exatamente o mês. [...] E a gente começou a pedir doações, primeiramente dos colegas e esses colegas foram divulgando e a medida que ia divulgando, ia chegando livro, diariamente ia chegando livro. [...] Então, a princípio a gente pensou assim, essa biblioteca vai atender que nível de conhecimento? Aí no início a gente colocou do fundamental ao ensino médio, porque é a base pro pré-vestibular. Só que aí foram chegando alunos de graduação, alunos de pesquisa de mestrado, alunos de pesquisa de doutorado querendo algo lá, de repente encontrar algo ali e realmente tinha, artigo científico que vinha do INPA pra gente. E eu com o meu cuidado disse “Não, vamos separar que tem um acervo pra esse público especializado, quem sabe um dia a gente não arruma público pra ele.” [...] Tanto que eu não descartei aquela literatura e serviu. Foi muito aluno buscar conhecimento, pesquisar assunto pro mestrado ali e eu vi que realmente a gente tinha público pra esse nível de aluno, nível de usuário. Então foi assim, houve uma resistência muito grande da minha parte nessa época [...]. Montamos um projeto pela universidade de tratamento do acervo [...].*

Então, na época eu busquei [...] sobre biblioteca comunitária, ainda não tinha muita coisa falando a respeito. Tanto que um dia eu fui conversar com o professor Jutaí, ele não me deu muita atenção não quando eu falei em biblioteca comunitária, em levar essa parceria à universidade [...]. Hoje em dia já tem [...].

[...]

Durante a minha gestão, tinha uma participação muito grande da comunidade ali dentro. [...] Tinha essa troca: eu trazia pessoas da comunidade pra ser voluntário, pra ter essa experiência. [...] eu queria que eles tivessem aquele contato com o livro, ao mesmo tempo tava incentivando esses meninos na leitura. A gente fazia ação de incentivo à leitura. A hora do conto não era eu quem contava a história não [...]. Eles contavam, depois eu instigava

esse menino a trocar ideia [...]. Todas as pessoas envolvidas nesse projeto são moradores do bairro de Petrópolis, todos eles. [...].

Entrevistadora: - *Foi inaugurada quando?*

Entrevistada B: - *Setembro de 2006, dia 17 de setembro de 2006.*

Entrevistadora: - *Vocês fizeram algum registro no dia da inauguração?*

Entrevistada B: - *Temos aqui, temos fotos.*

Entrevistadora: - *O nome da biblioteca sempre foi Biblioteca Comunitária Socorro Chaves?*

Entrevistada B: - *Sempre.*

Entrevistadora: - *E a pessoa responsável pela criação da biblioteca?*

Entrevistada B: - *É o Solimões, sem dúvida.*

Entrevistadora: - *O que motivou a criação desse espaço?*

Entrevistada B: - *O que me incentivou, na verdade, foi que, por conta da falta de recursos pra comprar livros. Eu não tinha condições de comprar livros na época que eu estava estudando pro vestibular e então eu pensei: "Peraí, se nossa comunidade é carente, eu não tenho condições de comprar livros, então por que não levar, montar algo que venha a oferecer essa informação pra outras pessoas também?". Assim, eu queria expandir isso para as pessoas mais necessitadas também. Eu procurava tomar como exemplo o meu histórico de vida. "[...] vai trazer benefício não só pra mim, não só pro Alternativo, mas pra outras pessoas também, pra comunidade." [...].*

Entrevistadora: - *O que pretendia alcançar com esse espaço?*

Entrevistada B: - *Olha, eu pretendia, na verdade, colocar a Socorro Chaves como uma biblioteca referência mesmo, ali dentro do bairro, mas que ela servisse como laboratório de estudo, um laboratório para os alunos de Biblioteconomia, porque a própria universidade não dava esse apoio, principalmente na disciplina de Processamento Técnico, ela não dá essa estrutura, e a Socorro Chaves ia dar. E eu sabia que se fizesse essa parceria com a universidade a biblioteca ia ser reconhecida. E foi isso que aconteceu, na época eu consegui ter essa visão. Tanto que eu, sempre que tinha seminário, eu procurava colocar a importância da biblioteca comunitária para a vida social das pessoas carentes. Eu briguei muito, eu posso dizer assim, eu briguei muito por isso, ali, os colegas de turma sabem muito bem o quanto eu me esforcei para que a biblioteca comunitária fosse reconhecida.*

Entrevistadora: - *Na época você só estudava?*

Entrevistada B: - *Estava estudando, estagiando.*

Entrevistadora: - *Como conseguiu conciliar o seu trabalho na BC com teus estudos, família?*

Entrevistada B: - *Na verdade, eu me doei tanto... Família eu já não tinha mais, já tinha me separado dele [...], eu morava sozinha.*

Entrevistadora: - *E os seus filhos?*

Entrevistada B: - *Moravam com o pai. O Alternativo foi na verdade minha família. Eles me adotaram eles disseram. Então minha vida social era o Alternativo, tanto que todos se envolviam de tal forma que era de domingo a domingo, o próprio Solimões. [...].*

Entrevistadora: - *Se fosse desenhar um cenário da sua vida naquela época da criação da biblioteca, como você descreveria? Nessa época já estava saindo de um casamento?*

Entrevistada B: - *Na verdade eu estava saindo, porque assim, eu tive que tomar essa decisão, se não, não teria concluído a faculdade. Era muito atrito. Aí eu pensei "Não, se eu não largar ele não posso terminar os estudos.". Então, a minha vida era aquele Alternativo. Eu não tinha outra pessoa, assim, pra me apoiar, só tinha os meninos do Alternativo. Eu costumava chamar "meninos" porque tinha eles, aquela equipe como meus irmãos, eles conseguiam me entender. A minha família não sabia me entender, achava que eu estava sendo egoísta, eu acredito que eles viram dessa forma. Mas não sei, acho que hoje eles já entendem melhor né, qual era o meu objetivo. Mas o pessoal do Alternativo sabia que eu tava ali querendo condições de vida melhor. Eu sabia que se eu ficasse ali com eles, eu ia chegar lá. Foi o que aconteceu. Tanto que essa experiência que eu tive no Alternativo me beneficiou pra minha vida profissional agora, me beneficia. Eu trouxe muita coisa de lá que eu procuro colocar em prática no meu trabalho.*

Entrevistadora: - *Quais foram as dificuldades para criar a biblioteca?*

Entrevistada B: - *Olha, a dificuldade que nós tivemos foi, é a questão dos recursos, não foi buscar voluntários pra nos ajudar. Foram os recursos. Tinha muita gente, tinha fila de espera pra pessoal ser voluntário [...].*

Entrevistadora: - *E isso para você foi um ponto positivo?*

Entrevistada B: - *Com certeza. Eu tenho até hoje a lista dos nomes deles, todos esses jovens. Até, eu lembro [...] que isso foi divulgado também na igreja católica [...].*

Entrevistadora: - *Qual era o discurso de vocês para atrair essas pessoas?*

Entrevistada B: - *O meu discurso, eu colocava que quando foi pra eu conseguir estágio [...], o que contou para eu ser selecionada foi eu ter experiência de voluntariado, foi isso que me deu um ponto a mais pra aquela vaga. Então isso motivou muita gente. É um diferencial. [...] Dávamos certificado, isso quando eles pediam. [...] Outra coisa era a contrapartida, assim, tu era voluntário na biblioteca, você quer fazer um curso de informática, você não tem condição. Tá bom, você vai ganhar uma bolsa, de contrapartida tu doa um tempinho, uma hora por semana aqui na biblioteca. [...] Muita gente participou ali, até pessoas adultas mesmo [...].*

Entrevistadora: - *Outro ponto positivo da criação da biblioteca?*

Entrevistada B: - *Tudo valeu a pena ali, acho que se eu tivesse que fazer de novo, eu faria, faria mesmo. [...] Você não pode estar cobrando muito de um voluntário, tem que ser algo prazeroso.*

Entrevistadora: - *Qual o significado da biblioteca para você?*

Entrevistada B: - *Olha, não tenho palavras para definir o que seria ela na minha vida, porque eu só tenho orgulho daquele trabalho. É algo assim, eu tenho um carinho muito grande. Foi algo assim que marcou muito na minha vida.*

Entrevistadora: - *Como começou a ser divulgado na comunidade, a ser reconhecido?*

Entrevistada B: - *Durante os eventos, quando foi para inaugurar a biblioteca, a gente fez a divulgação, contratamos rádio de som, aqueles carros de som, a gente saiu divulgando na comunidade e também foi feito convite para as grandes instituições, a própria universidade, o INPA, FAPEAM, Banco do Brasil, Gradiente, que já era parceira, as livrarias, as escolas. Foi montado uma equipe de divulgação, a gente sempre trabalhava com equipe. E o próprio TRE também foi parceiro, porque na época a moça responsável pelo setor de comunicação, eu falei da inauguração da biblioteca, ela disse “Olha Canumã, eu vou te ajudar no sentido da divulgação na mídia, eu vou mandar alguém lá do jornal fazer cobertura dessa matéria lá.”, e foi isso que ela fez.*

Entrevistadora: - *Do idealizado ao construído, supriu as suas expectativas ou não?*

Entrevistada B: - *Superou. Eu não imaginava que fosse ter essa repercussão grandiosa, não imaginava. [...] Foi assim, as coisas foram acontecendo, eu não imaginava, o Solimões sim, o Solimões já imaginava isso, tanto que ele queria isso e eu não imaginava que seria essa coisa grandiosa que é até hoje.*

Entrevistadora: - *Como foi a sua adolescência, fase adulta, com relação à sua formação, cultura?*

Entrevistada B: - *Olha, a minha mãe é analfabeta, meu pai teve até, acho, na época não sei se era 5º ano, 8º ano, eu não sei [...], era o colegial, acho que ele teve o colegial completo. Então, até durante o meu pai morar com a minha mãe eu tive uma boa educação. Depois que meu pai separou, que eu deveria ter, acho que uns 9 anos, 10 anos... 10 anos; a nossa família era bem estruturada até mais ou menos essa idade. Depois que meu pai foi embora... desestruturou tudo; minha mãe não teve condições mais pra nada. Então, assim, tivemos que trabalhar muito cedo, todos nós lá de casa. Era aquela, a lei da sobrevivência. Então a gente ou trabalhava ou estudava, não tinha tempo, muito tempo pra estudo não. Isso aí ia nos afastando cada vez mais da escola. Então, o único dos irmãos que conseguiu ter curso superior na idade correta foi o meu irmão mais velho, que ele foi morar com o meu avô, que a minha mãe não tinha condições de levar o estudo dele adiante. Ele foi morar com o meu avô e ele conseguiu terminar o ensino médio, aí ele entrou na universidade, na UFAM, fez o curso de economia, passou no concurso do BB, passou em outros concursos e assim as portas foram se abrindo pra ele. Por quê? Porque ele teve outra direção né. E nós, que ficamos com a mamãe, foi difícil, porque ela não tinha como bancar nossos estudos, ela não tinha como nos orientar. [...].*

Entrevistadora: - *Dissestes para mim que tinha uma boa educação até...?*

Entrevistada B: - *Até o meu pai estar presente. Assim, a educação que eu digo, eu errei no sentido assim, a gente tinha uma estrutura financeira. Aliás, não foi em educação, uma estrutura financeira boa até durante o meu pai estar morando com a gente. A gente estudava numa escola, assim, particular, porque até então eu ainda não estava em idade pra escola pública [...]. Aí meu pai foi embora, enfim, eu só fui entrar em escola pública com 12 anos, que eu fui pro primeiro ano ainda, 1ª série, mas eu já sabia ler. [...] Então a família se desestruturou totalmente.*

Entrevistadora: - *E incentivo à leitura?*

Entrevistada B: - *Nenhum. Era aquela coisa: preciso de um lápis - não posso comprar um lápis porque vai desinteirar o dinheiro da comida - era dessa forma. Então a gente tinha que sobreviver trabalhando, fazendo trabalhos assim de, trabalhando nessas pequenas oficinas como menor aprendiz, que naquele tempo tinha muito da exploração do trabalho infantil. E nós trabalhávamos, íamos, trabalhávamos no Parque 10, a gente morava em Petrópolis, a gente ia a pé pro Parque 10 pra não gastar o dinheiro e já servir pra alimentação. Então assim, foi uma fase muito difícil. Aí com essa separação do meu pai, mexeu muito com todos né, com o psicológico de todos os irmãos e alguns, assim, tomaram direções erradas.*

E eu cedo fui mãe. Com 17 anos já era mãe, sabe, eu tive assim uma adolescência muito atribulada. E depois que eu fui mãe, foram 22 anos sabe. Eu saí da casa da minha mãe para um relacionamento errado e passei 22 anos nesse relacionamento.

Entrevistadora: - *E não deu continuidade nos estudos?*

Entrevistada B: - *Não dei. Não pude. Eu parei no 5º ano, 5ª série, já tinha os cinco. Mas eu não tinha como ir pra aula, condições de ir pra aula porque eu não tinha com quem deixá-los, eram pequenos. Aí eu terminei meu ensino fundamental e ensino médio num Provão da Seduc. Matriculava e estudava em casa e também, de vez em quando, eu ia lá no próprio anexo da Seduc, que tinha alguns professores de plantão, ia lá tirar dúvida. Então foi assim que eu terminei meus ensinos. Aí parei porque eu não tinha condições de pagar, até tinha, mas por conta de o marido ser muito ciumento, pra evitar conflitos, eu não estudava, ficava em casa. Aí, um belo dia eu disse “Não...”. Eu tinha sede de conhecimento, eu queria ter, eu queria buscar conhecimento, eu não sabia como. Aí foi um dia, eu tomei iniciativa, eu disse “Não, eu vou estudar.”. Então eu ficava maravilhada quando eu passava lá em frente do cursinho pré-vestibular e via aquelas pessoas ali. Eu parava e ficava assim, perto do muro olhando ali, aquilo sabe, a vontade de estar ali. Aí eu ficava, meu Deus, eu queria tanto tá ali com aquelas pessoas estudando, mas eu não posso. Aí eu ia pra casa, aquilo não saía da minha cabeça. Até que um dia eu consegui convencer o pai dos meninos a me deixar ir pra aula. Disse “Por favor, me deixa ir pra aula, por favor me deixa, deixa eu ir pra lá...”. “Tá bom, tu vai.”. Mas quando eu chegava lá, ele mandava os cinco meninos atrás de mim. Aí ficava, um monte de curumim do meu lado: “Mãe, mãe, pai disse pra tu ir pra casa. Mãe, o pai disse pra tu fazer comida pra nós. Mãe, já tá na hora do almoço, papai disse que não vai fazer comida.”. Tirava minha concentração. Aí os professores ficavam só olhando aquela cena. [...] Então aí eu parei. Eu disse não, não vai dar certo pra eu continuar estudando desse jeito. Aí depois que eles estavam maiores, aí eu conheci... umas pessoas colocaram uma aula de reforço lá próximo de casa e esses irmãos, era um casal de irmãos, eles foram alunos do Alternativo e eu nem sabia. [...] E eu parei lá por curiosidade e quem me atendeu foi essa moça e eu falei pra ela: “Olha, eu gostaria de estudar aqui. Quanto é a aula de reforço?”. [...] Tá bom, dá preu pagar. Aí que eu tava vendendo alguns produtos [...] né, aí eu disse, não, dá preu pagar. Aí eu disse pra ela “Olha, mas é assim eu tô muito tempo afastada de sala de aula, terminei meu ensino fundamental e médio pelo Provão da Seduc, então eu ou ter muita dificuldade.”. Aí ela riu, ela disse “Pois é assim que nós queremos, essas que têm dificuldade mesmo que é melhor de aprender. Tu vai ver que tu vai aprender rapidinho. Vem, vem, tu vai gostar da aula aqui, é muito bacana, tu vai gostar, têm umas pessoas aqui bem, têm uns alunos aí muito legal, um incentiva o outro, vem.”. Tá. E pra convencer em casa? Rapaz o medo, aí eu falei vou estudar. [...] Mas todo o dia quando*

chegava era uma briga em casa. E essas pessoas depois, ficaram meus grandes amigos, até hoje, principalmente a mãe desses meninos lá. Ela dizia pra mim “Olha, você não desiste dos estudos. Nunca desista. Se precisar se humilhar pra compra de um livro, se humilhe, mas não desista. Se tiver de pedir, peça, mas não desista que um dia você vai precisar disso.”. Então eles me incentivaram muito, e nessa convivência eles ficaram sabendo da minha história né?! Aí que eles me incentivaram, não desiste. [...]. E eu lembro também que eles falaram assim que, tinham certeza que quando eu entrasse na universidade eu ia tomar uma atitude em relação à minha vida pessoal [...]. E foi isso o que aconteceu. Eu cheguei com ele e falei “Olha não dá mais certo pra levar esse relacionamento. Nós temos pensamentos diferentes. Eu tenho vontade de buscar melhorias, condições de vida melhor, você não tem, você parou no tempo, você não quer estudar, então não dá mais.”. Aí eu saí de casa [...]. Os meninos já estavam grandes, eu tinha 39 anos, aí eu saí de casa [...]. Fiz uma reunião: “Quem vai comigo?”. A resposta foi: “Não vamos não. A senhora não tem condições de nos sustentar. Melhor ficar com o papai. Papai tem condições de sustentar nós. Aqui nós temos a nossa casa, nós temos o nosso quarto. Com a senhora a gente não vai ter. A gente vai passa fome.”. Então tá. Aí a minha filha mais velha já tava trabalhando e ela tinha engravidado de um rapaz. Aí ela disse: “Mãe, eu vou contigo. Vai ser eu, a senhora e o bebê. A gente vai alugar uma casa e a gente vai conseguir.”. Aí fizemos isso. [...]

Entrevistadora: - *Quando foi o seu primeiro contato com uma biblioteca?*

Entrevistada B: - *[...] a Biblioteca Pública. Eu lembro, eu lembrei agora que na época que eu tava tentando fazer o ensino médio pelo Provão da Seduc, que eu não tinha livro, eu fui até a Biblioteca Pública fazer algumas pesquisas [...]. Passava o dia lá.*

Entrevistadora: - *Com quantos anos?*

Entrevistada B: - *26 anos. Eu ficava maravilhada ali [...].*

Entrevistadora: - *Havia biblioteca na escola na época em que estudava?*

Entrevistada B: - *Não, não tinha.*

Entrevistadora: - *E como foi sua experiência quando entrou pela primeira vez na biblioteca?*

Entrevistada B: - *Eu achei aquilo ali... é como se eu tivesse, não sei, foi assim uma sensação de liberdade. [...] Eu ficava assim, uma boba.*

Entrevistadora: - *Teve algum momento em que sentiu falta de uma biblioteca?*

Entrevistada B: - *Senti a necessidade, mas só que eu senti a necessidade mas até então eu não tinha a ideia da importância de uma biblioteca, até então eu ainda não tinha pensado nisso. Eu fui pensar mesmo depois que eu fui pro Alternativo, que eu comecei a ver “[...] o livro jogado ali no chão.”. Eu já me preocupava com a preservação daquele acervo [...].*

Entrevistadora: - *E o hábito da leitura?*

Entrevistada B: - *Não tinha. Eu não tinha o hábito não, de ler. [...] Eu já fui na universidade me preocupar com a questão da importância do incentivo à leitura.*

Entrevistadora: - *Como vê o hábito da leitura como algo positivo pra alguém?*

Entrevistada B: - *Olha, eu penso que uma pessoa bem informada, ela tem condições de se destacar, [...] em todos os sentidos de sua vida, não só no profissional.*

Entrevistadora: - *Como você descreveria uma biblioteca?*

Entrevistada B: - *Eu penso que tem que ser algo dinâmico, pra acabar aquela coisa de biblioteca é lugar de colocar menino de castigo. Eu adoro que tem que ser bem dinâmico, eu acho... [...] Eu vejo assim algo com movimento, que sempre está buscando projetos que vêm trazer mais público, atrair mais público. Eu acho assim que ser bibliotecária hoje é ser criativa, tem que ter criatividade senão para no tempo.*

Entrevistadora: - *Quando foi a última vez que você frequentou uma biblioteca? Não como bibliotecária e sim como usuária?*

Entrevistada B: - *Olha sempre eu estou fazendo isso até porque eu quero fazer novos concurso né. Sempre eu estou fazendo isso, é constante. [...]*

Entrevistadora: - *Quando em Manaus, estava satisfeita com as bibliotecas que existiam na cidade? Com a quantidade de bibliotecas, com a maneira como elas funcionavam?*

Entrevistada B: - *Não, não estava satisfeita, principalmente com as bibliotecas escolares, que eu andei visitando algumas e, assim vi que só estava um amontoado de livros e, justamente professores administrando de forma errada, então não estava satisfeita com isso, não tinha aquela, aquele contato biblioteca e direção pedagógica de oferecer atrativos que levassem esses alunos a pesquisar, que os professores trabalhassem em parceria como o pessoal da biblioteca.*

Entrevistadora: - *O seu ponto de vista de como deveria ser uma biblioteca?*

Entrevistada B: - *Olha eu acho assim, vamos pensar futurista. Eu acho que uma biblioteca, ela deveria oferecer... não sei... eu acho que um layout da biblioteca, quando se trabalha um layout da biblioteca tem que trabalhar como um todo, aquela coisa futurista de, tá, aqui é o*

acervo, ali tem a, o serviço de acesso à internet, mais ali um espaçozinho, tipo assim algo futurista, bem, bem dinâmico mesmo. Que tivesse um ambiente que, não tivesse só aquela cara de biblioteca do século passado. Sabe, eu não sei, eu idealizo muito coisas assim bem futurista [...] Mas a biblioteca, sentido de ser uma biblioteca, eu acho que é essa questão da interação mesmo ali, com o usuário... não sei, são tantos conceitos ... [...]

Entrevistadora: - *E a biblioteca Socorro Chaves, a você a vê como uma biblioteca de verdade...?*

Entrevistada B: - *Olha, hoje eu não sei como está a Socorro Chaves, não posso te afirmar se hoje ela está com essa cara de biblioteca ... [...] Quando ela era sim, eu acredito que ela tinha cara de biblioteca sim tanto tinha porque nós trabalhávamos em cima de metas, estão estipulei uma meta de atender em um ano 500 pessoas, nós conseguimos atender 650 pessoas em um ano. Mas isso porque eu não esperava o usuário vir na biblioteca não. Nós trabalhávamos levando a biblioteca até o usuário, levamos essa biblioteca até as escolas públicas. A gente inventava alguma coisa. O usuário não tem tempo de ir à biblioteca, então vamos até o usuário, por isso que tinha essas campanhas de incentivo à leitura. Tinha uma campanha de concurso de redação. A gente levava isso para as escolas e tínhamos o retorno. A gente divulgava... tinha o grupo teatral ArtVida que trabalhava junto com a biblioteca, ela falava dos serviços da biblioteca. E essas pessoas, nós tínhamos o controle dessas pessoas. Nós tínhamos uma lista de frequência, as pessoas que participavam dessas palestras, as pessoas que participavam desse concurso de redação. Então tudo isso contava como sendo um usuário, entendeu?! Tinha dois tipos de usuário. Então no final do ano quando íamos fazer estatística, nós tínhamos um número superior aquele estipulado pela meta, porque a gente não ficava parado no tempo. A gente ia em busca deles sim, e era isso que fazia o diferencial da Socorro Chaves. Enquanto as outras bibliotecas tão lá paradas esperando o usuário ir até elas, não a gente fazia diferente, a gente ia buscá-los, a gente ia divulgar. Então eu acredito que na época que eu tava lá, se caracterizava como uma biblioteca comunitária porque ela era totalmente pra comunidade, hoje eu não sei, não posso te afirmar isso, não sei como é que tá, não sei. Então eu só posso falar até o momento que eu fiquei. E nós temos registrado tudo isso.*

Entrevistadora: - *E o que acha de diferencial nessa biblioteca das outras?*

Entrevistada B: - *Era justamente isso, de nós irmos, usuário, de não esperar. É isso que diferenciava. Então, eu não via isso nos outros, com as pesquisas que foram feitas na época não tinha esse tipo de incentivo. Mas quem nos apoiou muito na época, sobre o que era uma biblioteca comunitária foi o escritor, é o... que até faleceu... não tô lembrada do nome dele, então eu lembro que na época ele falou "Pra vocês terem realmente uma biblioteca*

comunitária que se caracterize comunitária, vocês têm que atrair público, vocês não podem ficar esperando, vocês têm que trazer a comunidade, e ela tem que dar o retorno disso.”. Foram outros escritores lá com a gente também, que sempre tavam passando essas dicas pra nós, e era aquela coisa, aceitávamos sugestões de todos os colegas. Não era aquela coisa “Ah eu sou aluna de biblioteconomia eu sei o que eu tô fazendo.”, não, porque uma pequena ideia, uma ideia que pode ser insignificante pra um, pode ser uma grande ideia sendo implantada ali, e era isso que a gente fazia. A gente não criticava não, depois a gente ia discutir. Aproveitava. Nunca a gente criticou ideia de ninguém, nunca. Nunca eu cheguei “Ah é porque eu sou bibliotecária tem que ser dessa forma, eu aprendi...” não. A gente dizia “Então gente, bora tentar, bora fazer desse jeito? Quem sabe...”. E era assim que funcionava. Então acho que é por isso que deu certo, e o que diferenciou foi isso, de não esperar usuário.

Entrevistadora: - *Porque a senhora acha importante o acesso aos livros da comunidade? De a pessoa ter onde pesquisar, o contato com o livro?*

Entrevistada B: - *Eu acho que incentiva mais, é um incentivo a mais esse contato, uma forma de incentivar cada vez mais. [...] O livro, eu acho que nunca vai deixar de existir o livro impresso. Esse contato com o livro é algo que fascina, é fascinante. Eu penso que se tu vai, tem o contato, encontrou a informação que tu queria, tu vai voltar com certeza de que todas as vezes que tu procurar a biblioteca tu ai ter essa, esse retorno, tu vai encontrar essa informação que tu tá indo buscar. Então eu vejo a importância dessa forma. [...]*

Entrevistadora: - *O que acha que a comunidade tem a ganhar com a biblioteca comunitária?*

Entrevistada B: - *Eu penso que... isso aí vai, vai... são tantas coisas assim que a gente pensa que traz benefícios pra comunidade... Essa questão da informação, de ter um espaço onde possa encontrar a informação, ter a certeza de que vai encontrar a informação vem beneficiar essa comunidade [...], isso também depende muito do usuário né, da pessoa que vai buscar a informação. Tem mais é... deixa eu ver uma forma de colocar... Porque assim, vamos colocar mais assim pro lado sociológico. Uma pessoa bem informada é uma pessoa de difícil manipulação. Uma pessoa bem informada, ela vai exigir mais, cobrar mais benefícios pra comunidade. Então eu penso que a biblioteca ela veio dar essa autonomia pra comunidade. Ela ter mais informação, exigir mais. Eu vejo dessa forma, mas claro que isso não vai acontecer de uma hora pra outra. Até porque ainda, lá no bairro, a divulgação da biblioteca ainda é desconhecida pra muita gente. Eu acho que tá faltando mais informação, divulgação sobre esse local de acesso à leitura às pessoas de baixa renda.*

Entrevistadora: - *Como foi a escolha do lugar da biblioteca?*

Entrevistada B: - *A gente não tinha sede própria, aí como a Associação dos Moradores era parceiro do Alternativo, então surgiu a ideia de ceder esse espaço.*

Entrevistadora: - *Mas quem escolheu esse espaço?*

Entrevistada B: - *Olha, existia uma comissão pra tomada de decisão. E lá a pessoa discutia o que achava da ideia. [...]. Eram mais pessoas, não era só 4 nós... lembrei do Xingu também [...]*

Entrevistadora: - *Os materiais foram adquiridos por meio de doação, compra ou já eram seus?*

Entrevistada B: - *Doados. Foram doados. O único que foi comprado foi o computador, algumas coisas foram compradas com o dinheiro daquele prêmio. Mais doação do que compra.*

Entrevistadora: - *Lembra qual foi o primeiro material que a biblioteca teve, a primeira coisa que ela teve?*

Entrevistada B: - *Ela tinha uma mesa, uma mesa doada, de escritório, e um armário de madeira, também doado.*

Entrevistadora: - *Foram os primeiros materiais?*

Entrevistada B: - *Foram.*

Entrevistadora: - *Como foi feita a organização da biblioteca?*

Entrevistada B: - *Foi feito um mutirão. Primeiro a gente estudava assim, a possibilidade, o layout. Aí depois disso, fazia um mutirão, sempre a gente trabalhava com mutirão. Envolvia todos, todos os voluntários, sem exceção, todos, todos. Todo mundo ia pra lá [...].*

Entrevistadora: - *Vocês chamaram o pessoal da comunidade?*

Entrevistada B: - *Chamamos, foram alguns, algumas pessoas foram. Tem até aqui umas fotos [...].*

Entrevistadora: - *E a organização do acervo?*

Entrevistada B: - *Também foi assim, dessa forma, mutirão. [...]*

Entrevistadora: - *Começou a organizar no geral?*

Entrevistada B: - *Foi no geral pela CDD. Pela área maior do conhecimento. [...].*

Entrevistadora: - *Como foi a abertura para o público?*

Entrevistada B: - *Foi feito a inauguração, isso foi divulgado. [...] teve festa, foi um almoço. Fizemos assim, foi oferecido uma feijoada e o dinheiro arrecadado nessa feijoada já seria recursos pra implantar uns projetos.*

Entrevistadora: - *E a divulgação?*

Entrevistada B: - *Folders, cartazes, o jornalzinho Cidade de Pedra. Foi divulgado nas escolas, foi divulgado nas instituições através de convite e se eu não estou enganada, foi uma colega divulgar isso no rádio, não tenho bem certeza, porque eu tinha uma colega que trabalhava na parte da comunicação. [...].*

Entrevistadora: - *E como foi a recepção da comunidade?*

Entrevistada B: - *Foi muito, foi assim, foi algo novo mas que foi bem recebido, por conta da divulgação isso foi... e tanto que teve um controle de visitas nesse dia, de quantas pessoas visitaram. Nesse dia da inauguração, nós já lançamos uma campanha de doação de livros, então as pessoas já sabiam... e tanto que já chegaram com alguma doação no dia da inauguração. Tanto que, no dia, repórter falou assim: "Canumã, você diz que a biblioteca já tá inaugurando com 2.500 exemplares aqui.". Aí eu falei pra ele: "Olha, eu não tenho como te provar isso agora que a biblioteca está inaugurando, mas temos documentos da entrada desse acervo aqui, e nós temos 2.500. Porque 2.500 livros pode parecer pouco pra ti, tu pode visualizar como acervo grandioso, mas não é, é pouco.", 2.500 rapidinho, numa biblioteca pro tamanho que ela era pro que deveria ter, não sei se era 7 ou 10 metros por 3 de largura... na época a gente só tava com um sala, depois que a gente ampliou. Então não parecia ter mas a gente já tinha esse número de, era exemplares, não era título. [...].*

Entrevistadora: - *Como é que funcionava o lugar? Vocês ofereciam serviço de empréstimo?*

Entrevistada B: - *Somente consulta local, porque nós não tínhamos como fazer o controle pra cobrar essas pessoas depois, não tinha pessoas que fossem... Sim porque nossos recursos era o mínimo, nós ainda estávamos nos estruturando para futuramente fazer uma cadastro do usuário, com carteirinha e fazer uma ficha de inscrição. Então a gente já tava montando isso aí, fazer um teste, teste piloto, vamos ver se se vai dar certo. Então a gente não chegou a implantar, mas já tava caminhando.*

Entrevistadora: - *E tinha horário fixo de funcionamento?*

Entrevistada B: - *Tinha, tinha sim. Era de 8 às 11, das 14 às 17 e das 19 às 21 horas. Funcionava os três horários. Eu ficava à noite, durante o dia ficava os voluntários, no*

sábado tinha reunião com toda a equipe... pra divisão das tarefas, o quê que foi feito. Funcionava aos sábados. A gente poderia estar na reunião, mas se chegasse alguém, um se levantava e ia atender aquele usuário e a reunião continuava. Só pela parte da manhã [...].

Entrevistadora: - Como é que ela era mantida? Pelo próprio Alternativo, por meio de parceria?

Entrevistada B: - É de parcerias, até porque os gastos ali eram mínimos, a gente gastava mais dinheiro com material de expediente. Não tinha muito gasto. [...].

Entrevistadora: - A senhora lembra com quem vocês tinham parceria nessa época?

Entrevistada B: - Muita gente, tanto que tá aqui no jornal. [...]. Que essa parceria não era só com a biblioteca, era do Alternativo. A gente não colocava assim “parceiros da biblioteca”, parceiros do Alternativo.

Entrevistadora: - Mas tinha parceria que era direto pra biblioteca?

Entrevistada B: - Tinha UFAM, INPA, eles participavam muito. [...]

Entrevistadora: - Das parcerias que vocês tiveram, houve algum tipo de imposição ou intervenção deles?

Entrevistada B: - Nunca houve, não que eu soubesse, houve nenhum tipo de crítica.

Entrevistadora: - Depois das parcerias algo mudou? Continua a mesma biblioteca?

Entrevistada B: - Olha, não mudou, não sei hoje com é que está, mas antes não... tanto que eles divulgavam, os projetos do Alternativo eram divulgados nessas instituições também, eles mesmos divulgavam para os funcionários.

Entrevistadora: - Se atualmente a pessoa ou grupo que criam o espaço são os mesmos que gerenciam... Não em parte né?

Entrevistada B: - Não.

Entrevistadora: - Diretamente quem gerencia é outra pessoa?

Entrevistada B: - Hunrum.

Entrevistadora: - Com relação ao termo Biblioteca Comunitária. A senhora primeiro conheceu o termo por meio do professor aí então foi buscar informação dele?

Entrevistada B: - Isso.

Entrevistadora: - *E foi a partir daí que surgiu a ideia de criação?*

Entrevistada B: - *Na verdade, a ideia da criação surgiu num primeiro momento, nem procurei buscar informação. Só o que ele falou o quê que era uma biblioteca comunitária, aí já veio a ideia. Porque ele falou “Olha, a biblioteca comunitária nasce na comunidade e é para a comunidade.”, e ele falou um conceito de biblioteca comunitária. E nesse mesmo dia à noite, eu procurei a direção do Alternativo pra supor essa sugestão, essa ideia, o que eles achavam de montar essa biblioteca. Então depois que eu fui buscar na literatura o quê que era uma biblioteca comunitária, justamente porque nesse dia que houve essa reunião, o Solimões dividiu as tarefas. “A Canumã que vai ficar responsável pela biblioteca, então ela vai buscar algo na literatura pra gente embasar no projeto, o que é uma biblioteca, os mobiliários e o que é preciso para montar uma biblioteca.” Então cada equipe ficou responsável por uma determinada atividade, era assim que funcionava. Ele sempre trabalhava assim [...] e por isso que a gente se entendia bem nos serviços, não sobrecarregava só pra um.*

Entrevistadora: - *Qual o conceito de Biblioteca Comunitária no seu entendimento?*

Entrevistada B: - *Olha, eu penso que Biblioteca Comunitária, ela surgiu devido a necessidade da informação das pessoas menos favorecidas. Ela nasceu dentro de um espaço onde a Biblioteca Pública não conseguiu chegar. Então por conta dessa necessidade é que surgiu a Biblioteca Comunitária.*

Entrevistadora: - *E interesse em pesquisar BC, lá na biblioteca já houve antes?*

Entrevistada B: - *Lá na biblioteca foi só na época que estávamos fazendo o levantamento de quantidade de bibliotecas na cidade, aí os alunos alguns se interessaram pra... [...]. Então assim, os alunos quiseram ter esse contato, saber o que é uma biblioteca, o que seria uma biblioteca comunitária, como é que ela se mantinha, então, mas, foram os alunos da minha turma, da outra turma nunca...*

Entrevistadora: - *Qual foi o período que você ficou na biblioteca?*

Entrevistada B: - *Da inauguração até o mês de abril de 2009. Que aí foi quando eu passei a bola pra outro colega.*

ANEXO G

ENTREVISTA COM A COMUNIDADE

Nas mediações do espaço Biblioteca Comunitária Semeando Saberes						
PARTICIPANTE	Idade	O (a) senhor (a) tem conhecimento da existência de algum espaço nas proximidades de sua residência, que ofereça materiais como livros, por exemplo, para fazer pesquisas, leitura?	O (a) senhor (a) conhece ou já ouviu falar do termo biblioteca comunitária?	Se já ouviu falar em biblioteca comunitária, como esse termo chegou até o (a) senhor (a)?	O (a) senhor (a) conhece o significado do termo biblioteca comunitária?	Se sim, o que ela significa para o (a) senhor (a) ou qual o seu entendimento sobre bibliotecas comunitárias?
A	52 anos.	Não.	Sim.	Rádio e televisão.	Sim.	Uma biblioteca para o bairro.
B	66 anos.	Não (nunca ouviu falar).	Sim.	Conversa com amigos, não lembro se foi pela televisão.	Sim.	Para fazer pesquisa em livros, mas na comunidade não têm.
C	60 anos.	Não.	Sim.	Televisão.	Sim.	Um lugar onde se tem acesso a muitos livros, para várias classes. Inclusive meu filho faz doações de livros, não sei para onde é, mas parece que fica no centro.
D	42 anos.	Sim, no Clube das Mães, mas vive fechado de manhã quando vou à feira, não sei se vai abrir novamente.	Não.	-	-	-
E	27 anos.	Não.	Não.	-	-	-
F	20 anos.	Na Escola Vicente de Paula, mas é só para	Sim.	Vagamente pela televisão, uma	Entendi	É a participação da comunidade com

		aluno cadastrado.		proposta de biblioteca.		doações para a biblioteca, também empréstimo dos livros para a comunidade.
G	23 anos.	Talvez tenha no Clube das mães.	Sim.	Pela internet, fazendo pesquisa escolar.	Sim.	Uma biblioteca para o bairro, com acesso livre, onde as pessoas doam livros.
H	23 anos.	Não.	Não.	-	-	-
I	25 anos.	Sim, no Clube das Mães.	Não.	-	-	-
J	64 anos.	Sim, a biblioteca dentro da escola.	Ouvi falar.	Por meio das crianças, dos estudantes.	Sim.	Para pesquisa e estudo.

Nas mediações do espaço Biblioteca Comunitária Socorro Chaves						
PARTICIPANTE	Idade	O (a) senhor (a) tem conhecimento da existência de algum espaço nas proximidades de sua residência, que ofereça materiais como livros, por exemplo, para fazer pesquisas, leitura?	O (a) senhor (a) conhece ou já ouviu falar do termo biblioteca comunitária?	Se já ouviu falar em biblioteca comunitária, como esse termo chegou até o (a) senhor (a)?	O (a) senhor (a) conhece o significado do termo biblioteca comunitária?	Se sim, o que ela significa para o (a) senhor (a) ou qual o seu entendimento sobre bibliotecas comunitárias?
K	47 anos.	Não, só no centro.	Sim.	No Alternativo de Petrópolis.	Não.	-
L	24 anos.	Sim, no Alternativo de Petrópolis.	Sim.	No Alternativo de Petrópolis.	Sim.	Biblioteca aberta ao público, para a comunidade.
M	28 anos.	Não, só no centro.	Sim.	Por meio de amigos e parentes.	Não.	Acho que é um lugar para o público, para pesquisa.

N	41 anos.	Sim, no Alternativo de Petrópolis.	Sim.	Informação pela televisão.	Sim.	Uma biblioteca disponível para a comunidade.
O	52 anos.	Não, só no centro, na escola pode ter.	Não.	-	-	-
P	43 anos.	Não.	Sim.	Pela igreja, que tem uma biblioteca comunitária, mas fica na Cachoeirinha (outro bairro).	Sim.	Uma biblioteca para os menos favorecidos, para as crianças fazer pesquisas.
Q	31 anos.	Talvez no Alternativo tenha, não tenho certeza.	Sim.	Pela internet, mas só tem em outro estado.	Sim.	Um lugar como no comércio, no terminal de ônibus, que tenha livros.
R	60 anos.	Não tem.	Não.	-	-	-
S	22 anos.	Não.	Não.	-	Não.	Um lugar com livros, para ler, se atualizar, comunicar, aprender.
T	21 anos.	Não tem, não sei.	Sim.	Ouvi falar na escola que tinha uma no bairro São José.	Sim.	Para população do bairro.